SIGRID UNDSET

VOLVER

Espasa

Volta ao Futuro

SIGRID UNDSET

Sigrid Undset escreveu uma das páginas mais dolorosas da vida humana.

Nela nos narra minuciosamente, em linguagem claríssima, o que foi a brutal invasão alemã e a sua passagem através os fjords noruegueses.

Descreve o entusiasmo contagiante da mocidade, querendo antepôr à massa aguerrida da máquina boche o seu amor ao torrão natal. São cenas de verdadeiro e abnegado heroismo o que nos dá Sigrid Undset, a mãi e mártir nas páginas do seu livro VOLTA AO FUTURO. Com o coração sangrando pela morte de seus filhos assassinados pelas balas da metralhadora inimiga, numa invasão monstruosa que a historia julgará um dia, nos conta as horas amargas vividas pelos noruegueses.

Sem serviço militar, sem tropa aguerrida, jamais os da Noruega acreditaram que a guerra pudesse chegar às rochas selvagens aguçadas de píncaros e cumes, castigadas a maior parte do ano pelas tempestades e pelas geadas, da sua patria.

Surpreendidos pela invasão apresentaram-se a peito descoberto como os cavalheiros das lendas medievais. Sempre julgaram que a aviação alemã bombardeava Oslo por engano. Não se defenderam em principio e quando a invasão se consumava correram às armas, mas era tarde demais.

Lendo Sigrid Undset, premio Nobel de 1941, verifica-se com horror o que foi a entrada alemã na Noruega.

A Ferro e Fogo

"A Ferro e Fogo" é bem uma fase da Historia que se reproduz.

Vemos nos dias ensombrados de hoje nos velhos campos da Europa, Ásia e África a humana gente ser levada a ferro e fogo.

É dentro desse ambiente, quando mais do que nunca podemos sentir o horror dos dias trágicos em que labutamos, que EPASA (Editora Pan Americana S. A.) dá o romance histórico de Henrique Sienkienvicz, retratando uma época semelhante, onde as lutas pelo ideal de Liberdade e Justiça se faziam sentir em toda a sua pujança e vigor.

Henrique Sienkienvicz nasceu em 5 de maio de 1846, numa época em que a sua patria, a Polonia, levantava-se contra o jugo estrangeiro. Espírito patriótico e corajoso durante toda a mocidade batalhou pela liberdade de sua terra. Fundou um jornal clandestino para pugnar pelos ideais que se batia, o qual teve duração efêmera.

Publicou então uma serie de romances épicos que se perpetuaram através o tempo : **A Ferro e Fogo, O Diluvio, Quo Vadis ?, Esboços a Carvão,** e tantos outros.

Morreu em 1916 antes da Polonia se libertar, tendo conquistado o Premio Nobel de Literatura.

Em **"A Ferro e Fogo"**, pois, com um realismo comovente e impressionante, o escritor polonês narra uma passagem da historia da Polonia. É uma página de patriotismo verdadeiro e sincero — exaltado na sua justa medida — e de um amor suave e terno entre lutas e heroismos.

Do original inglês:

RETURN TO THE FUTURE

Copyright 1942 by Editora Pan Americana S. A.

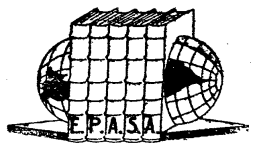
Este livro foi composto e impresso em 1942 pela Gráfica Perfecta para a Editora Pan Americana S. A.

SIGRID UNDSET

Volta ao Futuro

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO RODRIGUES E JORGE REISZMAN



EDITORA PAN-AMERICANA S/A
(Fundação de Lindolfo Collor)
AVENIDA RIO BRANCO, 25
RIO

SUMARIO

Noruega, Primavera de 1940 7

Suécia, Verão de 1940 81

14 Dias na Russia 139

Japão "en passant" 229

Volta ao Futuro 303

N O R U E G A, Primavera de 1940

CAPÍTULO I

NO LIMITE de quasi toda a terra cultivada, na Noruega, jazem grandes montes de pedras, arrancadas ao solo e para alí conduzidas, sobrepostas às já existentes, pelos primeiros homens que se fixaram no solo e trabalharam a terra. Hoje, quasi desaparecem no subsolo, cobertas de musgo, pardas de lichem. A camada superior, a de pedras lisas e leves, trouxeram-na para alí, no ano passado, depois que se lavraram os campos. São o rude monumento comemorativo dos antigos tempos da Noruega. São o testemunho silencioso do nosso direito por este chão que os nossos maiores, há mais de dois mil anos, conquistaram, lutando para que os lares se construissem nas encostas escarpadas dos vales, ao longo dos rios, nos declives pedregosos e na floresta, junto das montanhas alcantiladas, de geleiras pendentes. Deste solo, nossa raça tirou o pão de cada dia, pelejando com as rochas, com a neve e as avalanches, com as feras e o clima que nos dá nove meses de inverno e, às vezes, três meses de verão quando nossa terra se torna um céu aberto. Nos maus tempos a geada pode chegar cedo demais, em agosto, e o trigo, de vez, apodrece nos campos e a neve permanece no solo até o verão próximo, quando, então, abre-se o seio da terra para receber as se-

mentes lançadas no ano anterior. Na extensa costa colhemos inúmeras riquezas, mas, Deus sabe que nos custam milhares de vidas. Si algum povo possui a sua terra honrosa e legalmente, não como fruto das conquistas, mas, em obediencia ao ditame divino de que o homem deve amassar o pão com o suor do seu rosto, este povo é o norueguês, esta terra é a Noruega. A moderna ciencia da agricultura nos libertou do temor das épocas remotas em que os nossos avós moiam casca de árvore e musgo para fazer o pão, em que bandos de mendigos enxameavam as estradas até que os mais fracos caíam por terra, junto dos fossos e morriam de fome. Mas, depois que a cultura da batata se tornou popular, ninguem mais morreu de fome na Noruega. O vapor e os motores abriram para a nossa marinha mercante, a terceira do mundo, o período das viagens mais longas e menos arriscadas. Os pescadores substituiram os velhos costumes pelos mais científicos métodos modernos. A rêde das bôas estradas e ferrovias uniu os centros rurais que, pela pobreza das vias de comunicação, se dispersavam, isolados, na imensidão do país. Maior é a distancia de Oslo ao Cabo Norte que a de Oslo a Roma. O tráfego dos automoveis quasi aboliu as distancias entre os vales e as cidades. Exigia enormes despesas a construção das estradas e das ferrovias na Noruega, mas nós as construimos com coragem e sacrificio e, com estes mesmos sentimentos, na última primavera, fomos forçados a

destruir as pontes e os tuneis na tentativa de obstar a invasão do inimigo que aqui chegou para se apoderar de um país alheio e dominar um povo até então livre. Um dos conceitos fundamentais do espírito norueguês é o seguinte: — é justo e é honesto se exigir do candidato ao dominio e ao governo, como demonstração inicial de que é digno da tarefa, a prova de que bem serviu a sua patria. São os noruegueses um povo pacífico. Devemos isto mais ao espírito da nossa historia que a qualquer esforço nosso. Com uma extensão de terras desproporcionada, com um décimo, apenas, cultivavel, nosso país se localiza no extremo norte da Europa. O resto é aridamente montanhoso: — ao oeste e ao norte, rochas selvagens aguçadas de píncaros e cumes; a leste, pântanos acidentados, em plano superior ao dos bosques, castigados a maior parte do ano pelas tempestades e pelas geadas. Neste país de vida tão difícil, somos, apenas, três milhões de noruegueses. Não é de estranhar, portanto, que usemos nossas forças para criar envez de destruir. Nos nossos mares, são constantes os exemplos de abnegação na luta contra os que perigam ameaçados de morte. Em contraste com outros paises da Europa, é mínimo o índice de criminosos de morte na Noruega e os crimes inspiram verdadeiro horror. O assassino mais vulgar se torna motivo de palestra por longos anos. Alem do tratamento humanitario dispensado aos criminosos de morte, são eles examinados por um

advogado competente. Nos casos de sentença condenatoria, não é deshumana a pena a cumprir. Nos meus 58 anos de vida, nunca se executaram, na Noruega, os condenados à pena capital. Era ainda jovem o meu pai quando se cumpriu a derradeira sentença de morte. Por diversas vezes, ouvimos atentamente a sua narração, mas, jamais pudemos crer que fosse verdadeira a historia contada.

CAPÍTULO II

Tamanhas são a nossa desgraça e a nossa ingenuidade que jamais pudemos crer que esta guerra fosse uma guerra de verdade. Guerra era uma coisa que nós sabiamos, por informação, acontecer em outras partes do mundo. E em verdade, quantos acreditaram que ela pudesse atingir a Noruega? A luta da Finlandia pela própria vida despertou alguns de nós para uma visão mais realista do mundo, desse mundo de que nos tentáramos isolar pela neutralidade.

Éramos, de fato, "inocentes" diante do perigo mortal, diante da ameaça evidente, quasi tangivel. Foi assim, nesse estado de inocência, que a grande catástrofe se abateu sobre nós. E, como se isso não bastasse, os invasores quasi provaram que o assalto empreendido contra nós era um ato de legitima defesa! Poderia haver maior escarneo à consciencia universal?

"FEINE LEUTE HABEN FEINE SACHEN UND WAS SIE NICHT HABEN, LASSEN SIE SICH MACHEN" (Gente fina tem coisas finas e se não tem, encomenda) — ensinava a cartilha alemã nos dias de minha infância- E, agora, essas palavras me ocorrem, como se tivessem alguma sutil relação com os meus sentimentos atuais.

Lembro-me que sabado, 7 de abril, estive em Oslo e falei para os estudantes. Eles me ouviram com a enorme capacidade de interesse que é própria da juventude e me aplaudiram. No dia seguinte, eu e meus dois filhos deviamos jantar na casa de minha irmã, mas eles apareceram tarde porque haviam comparecido a um campo em que moços norueguezes se preparavam para a guerra como voluntários.

O recrutamento militar existiu na Noruega, desde os tempos dos Sagas, mas de uma forma precaria que não poderia ter fixado no povo um espírito guerreiro. E o serviço militar obrigatório, que se estabeleceria mais tarde, durou pouco. Assim, no inverno de 1939-40 os jovens faziam os exercícios de guerra pela própria vontade e iniciativa, Mas ninguem ou, melhor, rarissimos eram aqueles que admitiam a simples hipótese de que fossemos arrastados pela evolução dos acontecimentos. Não tinhamos nenhuma garantia e, entre tanto, supunhamos, graciosamente, que ficariamos, sempre, à margem do conflito.

Meu filho mais velho, que vivera durante quatro anos na Inglaterra, voltou em Agosto, depois de formado engenheiro. Familiarizara-se com o sistema inglês de tropas auxiliares territoriais e quiz introduzir esse sistema no seu país. Muitos dos seus amigos pertenciam aos "Terries". Ele era de uma fé candida e, ao mesmo tempo, patética nas lições militares que proporcionava a algumas centenas de

jovens patrícios. Mas eu não me deixava iludir. Via os "terries" com um sentimento de ceticismo e de ironia, um sentimento que não conseguia vencer.

Duas ou três semanas antes da guerra estourar, ele obteve um emprego em Oslo. Nem por isso deixou de dedicar o seu tempo à instrução militar de voluntarios. Meu filho mais moço, que não tinha idade para o serviço militar, estudava na capital. Fazia seus exercícios de guerra na própria Universidade.

Uma noite, eu e minha irmã assistimos a um recital de arte oferecido por um grupo de artistas em benefício do socorro finlandês. A sorte da Filandia e os seus sofrimentos de pátria — eis o que nos preocupavam. Não previamos que, em breve, a Noruega sofreria um sacrifício muito maior. Mesmo depois que os finlandeses, concluida a sevéra paz com os russos, dedicaram-se à desesperada taréfa do reerguimento nacional — ainda assim, continuamos, no mesmo ritmo, a ajudá-los para que o seu país não se convertesse num cáos absoluto.

Lembro-me que, nessa noite, uma atriz finlandesa recitou dois salmos de David. Foi um momento trágico. De pé, vestida de negro, meio inclinada, leu os versos antigos. Parecia estar falando face a face com o seu Deus e o Senhor. A paixão patriótica apossara-se dela, envolvia-a como uma chama. Foi aplaudida com delirio. Lembro-me ainda que assim que acabou o recitativo apaixonado e trágico — entrou no salão uma autora norueguesa, acompanhada

de vários alemães. Vinha alegre, tão alegre, que me ocorreu um ditado popular — "To smile like a viper in silver dish". Esta senhora lutara durante longos anos com uma paciência e uma persistência incríveis para atingir o sucesso. Tinha uma vontade fanática de triunfar, mas o seu talento era bem escasso. Desesperada do ambiente nacional julgando ser uma incompreensão nossa o que era falta de valor próprio, procurou o exito na Alemanha. Com excepção de Knut Hamsun, foi ela a única autora norueguesa que se colocou incondicionalmente ao lado do Nazismo.

Um dia, todos os jornais apareceram vibrantes de manchetes, condenando a violação de nossa neutralidade pelos ingleses. Era uma 2.ª-feira. A Inglaterra minara as aguas territoriais em três logares. Sucedia como no incidente do "Altmark": condenavamos com muito mais violência a ação britânica do que os bombardeios constantes e inhumanos dos nossos barcos mercantes pelos alemães. Nesses bombardeios, os nossos marinheiros eram assassinados nos seus barcos salva-vidas. O que explica essa reação maior contra os ingleses é simplesmente isto: não nos surpreendia nada que os alemães fizessem, porque deles esperávamos tudo. Com os ingleses era outra coisa. Custava-nos crêr se excedessem, mesmo sob pressão dos acontecimentos de guerra.

Daí o chóque maior. Em todo o caso, achamos que não seria totalmente vão um protesto junto à Inglaterra.

Porque os ingleses haviam minado as nossas aguas? Era, com certeza, para que os alemães não pudessem transportar o minério suéco de Narvick. Não sabiamos, nem poderiamos imaginar, nunca, que as tropas alemães já se achavam a caminho da Noruega e da Dinamarca. Tão pouco sabiamos que essa invasão fôra estudada antes de rebentar a guerra, com um senso de minúcia que caracteriza os planos militares dos nossos inimigos. Por fim, chegava-nos a notícia de que uma grande frota alemã, de mais de cem belonaves, dirigia-se para o norte, tendo já ultrapassado os estreitos de Sun, na Dinamarca. Mas, mesmo nesse momento, estavamos tão cégos à realidade iminente, tão inconcientes da catástrofe, que não podiamos prever senão uma grande batalha no mar do Norte. Preocupava-nos a batalha em si, mas não nos ocorria que as suas consequências pudessem influir tragicamente na nossa vida nacional.

Eu estava deitada no quarto do pequeno e velho hotel, em que hospedava em Oslo desde os dias de minha infância, quando soaram as sirenes. Era meia noite, mais ou menos. E pensando nas notícias frescas dos jornais sobre a esquadra germânica, imaginei: Será que houve um acontecimento decisivo?

Senti que a minha excitação era quasi ridicula quando me levantei apressadamente e vesti um casaco de peles sobre a camisa da noite. No corredor, não vi ninguem. Tive que descer as escadas, pois os elevadores não funcionavam. Embaixo, não encontrei o porteiro. As luzes das ruas e os sinais luminosos brilhavam mortiçamente, mas a iluminação daquela parte de Oslo nunca fôra das mais abundantes.

À entrada, alguns rapazes e moças conversavam espantados, sem compreender o grito das sirenes. Pouco a pouco, mais hospedes desceram. Alguem disse que o guarda do patio possuia a chave do abrigo que era na adega. Mas como encontrar o homem? Um rapaz procurou-o em vão pelas imediações. Começava a se pensar, com uma insistência de obsessão no bombardeio aereo. Todos nós começavamos a ser dominados por uma angustia surda. Até que, enfim, um moço de recados apareceu e nos conduziu para um pequeno e precario abrigo, debaixo de um pequeno teatro. Aí ficamos, dispostos a sofrer a nossa primeira experiência de guerra. Obscuridade completa. Sentiamos uma coisa parecida com o terror. Fumavamos cigarros sobre cigarros. Houve quem procurasse brincar, mas no intimo de nós procuravamos advinhar se o alarme era um simples exercicio ou correspondia a um verdadeiro ataque. Formulavamos hipóteses: quem sabe se fôra travado um combate naval nas proximidades de Ferder e se alguns aviões isolados haviam atravessado

o território norueguês? Esta hipótese foi lembrada por um rapaz muito jovem e que alcançava o posto de tenente de aviação. "Deve ser isso", pensamos.

Porque ninguem pensava que fosse um desembarque alemão na Noruega. Só duas horas depois, ouvimos o sinal de perigo passado. Saimos e eu voltei para o hotel. Não demorou muito e soou, novamente, a sirene. Com os nervos trepidantes, voltamos ao abrigo, não do teatro, mas do próprio hotel. A gerente veio nos trazer comidas e bebidas. Não tardou que um rapaz aparecesse com varios jornais, anunciando o bombardeio de dois aerodromos de Oslo, Fornebu e Kieller e que estava em franca evolução a batalha entre as fortificações costeiras do fjord de Oslo e as belonaves germânicas. Neste mesmo dia, vimos o primeiro bombardeiro alemão. Passou tão baixo que pudemos distinguir, nitidamente o emblema nazista e a própria tripulação. Foi esse o primeiro. Logo outros surgiram. Explosões em toda parte. Os aviões nazistas usavam, de momento a momento, as suas metralhadoras. Toda a defesa anti-aerea da cidade respondia.

Quando às 8 e meia cheguei à igreja de Santo Olavo, celebrava-se uma missa, ao mesmo tempo que os aviões inimigos cruzavam sem cessar os céos da cidade. Mas interessante é que, nas ruas, o povo se dirigia aos trabalhos, como se nada de anormal ocorresse. Todos se sentiam como que desnortedos, sem fazer idéia de que era a guerra. Só quando os

aviões voavam em cima de nossas cabeças é que a multidão corria aos abrigos.

As freiras da igreja estavam ausentes e a missa fez-se sem o acompanhamento coral dos rapazes, com a presença apenas de cinco mulheres, já de idade. As escolas haviam sido evacuadas.

Consegui tomar um automovel e dirigi-me aos lugares em que poderia encontrar meu filho mais velho. Ninguem o tinha visto. Voltei para o hotel e senti, subitamente, que tinha fome. No corredor, encontrei o meu filho mais moço, Hans. Estava assombrada. Dormira fóra da cidade e até há bem pouco, ignorara os sinais de alarme e as notícias de invasão. Resolvemos partir para Lillehammer, desde que os trens estivessem funcionando.

Mas eu devia, ainda, cumprir uma obrigação na cidade. Um automovel particular nos levou. O chauffeur tinha uma braçadeira branca, a indicar que era voluntário. Durante o trajéto, ouvimos, pelo rádio, um ofício religioso. Cantavam "A Mighty Fortress is our God" (*). Quando chegaram ao trecho "Nossa própria força é sem valor", Hans começou a rir. "Deus sabe que isto é verdade", foi o seu comentário. Mais tarde, o próprio Hans devia ver que ele não tivera razão. Lutamos com uma coragem desesperada e levantamos à marcha alemã uma resistên-

(*) A nossa poderosa fortaleza é "o nosso Deus".

cia que os invasores não encontram em muitos outros paises.

Eu me dirigia, com Hans, a uma legação. Mas lá não achamos ninguem que pudesse receber um recado que eu devia deixar antes de partir. Disseram-me que o nosso rei e todo o governo deixara Oslo, bem como os representantes diplomaticos. Saimos então.

Escrevendo estas linhas, não resisto à tentação de proclamar que a senhora Florence Borden Harriman, na hora mais crucial da Noruega, foi incomparavel na energia serena, no destemor e no esforço infatigavel, com que procurou defender tudo o que representava direito, justiça e ordem no país. Eis porque é preciso que fixemos nos nossos corações de noruegueses fiéis, dos noruegueses não traidores, o seu nome e o seu exemplo.

Voltei ainda ao hotel. Era preciso escolher um destino e eu decidi que deveriamos partir para Lillehammer.

No momento em que retomavamos, apareceu o seu filho mais velho, Anders, com um ar trágico. Estava curvado ao peso da mochila, do fusil e de outros apetrechos. Tinha ido à cidade para se incorpar a uma divisão do Corpo Motorizado, mas fôra informado de que não era mais possivel mobilizar as uniunidades que já deveria estar constituidas na capital. Não nos poderia acompanhar, pois era preciso que

passasse o dia na cidade, ajudando centenas de outros jovens a deixarem Oslo com destino a qualquer logar proximo em que ainda fosse possivel concentração de tropas. Disse-me que procuraria encontrar-se comigo em Lillehammer, durante a noite, antes de se apresentar ao exército fóra da cidade, em Jortadmoen. Todos os rapazes queriam se alistar; estavam dispostos a tudo .Sem mobilização geral, insuficientemente armados e sem adequada preparação militar, mas irados e altivos ante o ataque germanico, queriam, ao menos, retardar, até onde fosse possivel, a penetração inimiga no país. Na estação do Este, o povo estava tão apertado como sardinha em lata. Mas não vi nenhum sinal de panico. Os correspondentes estrangeiros levariam a disciplina institiva do povo à cota de insensibilidade ou de falta de consciência política. Mas é que nós somos assim: sóbrios, taciturnos, embora com uma enorme capacidade intima de sentir, de sofrer e tambem de odiar. Naquele momento, vi que, desesperados de uma vitória no combate ao exército de bandidos que pisava o solo da pátria, os nossos rapazes queriam apenas uma oportunidade de sacrifício total. Quer dizer, desejavam morrer levando para a morte o maior número possivel de alemães.

Houve apenas um atrazo de uma hora na saída do trem matutino para Lillehammer. Os vagons estavam super-lotados. Eu e Hans nos sentamos sobre nossas malas. Não eram poucos os rapazes uni-

formizados, jovens que tinham procurado em vão as respectivas divisões em Oslo. Alguns vestiam ainda uniformes finlandeses, porque haviam combatido na Finlandia como voluntários. Alguns judeus estrangeiros falavam alemão. Eram refugiados do regime nazista que conseguiram entrar na Noruega, graças à nossa organização Nanzen. Mostravam-se mais nervosos do que os outros. Achei essa excitação uma falta de auto-domínio e de dignidade pessoal. No momento em que o trem arrancou, algumas bombas caíram tão perto que tivemos a impressão de que os vagons iam descarrilhar. As janelas trepidaram, mas os vidros resistiram. Alguém observou que se uma bomba tivesse caído na estação, quando todos esperávamos o trem a mortandade seria tremenda. Em Jesseim e Hauerseter, duas estações muito próximas de um centro militar relativamente importante, vimos dezenas de soldados. E muitos rapazes deixaram o trem, apressadamente, para se juntar aos outros. Em cada estação por onde passavamos encontravamos verdadeiras multidões que procuravam saber o que acontecera, realmente, em Oslo. Em Hammar, identificamos alguns dos mais notaveis membros do Storting que se deslocara para essa cidade. Já era bem tarde quando, afinal, chegamos a Lillehammer. Aí o black-out era absolutamente natural: o fornecimento de energia elétrica à cidade suspendia-se ao anoitecer. Quando cheguei à minha casa, ela estava mergulhada nas trévas e, com exce-

ção de uma criadinha e de crianças refugiadas da guerra finlandesa, que eu recolhera, não havia mais ninguem. O porteiro de minha casa e o proprietário de uma das garages locais, haviam partido de automovel para Oslo, afim de nos trazer a Lillehimmer. As crianças finlandesas eram três: Elmi tinha 4, Toimi 3 e Eira 2 anos. Com essa idade tem-se uma grande capacidade de adaptação. Ficaram muito contentes com o meu retorno, porque assim eu poderia despí-las como fazia antes. Elas dormiam no andar superior, mas quando ouvi o sinal de alarme, enchendo a noite de angustia, resolvi trazer as três crianças para o porão habitavel e ai instalei as suas camas. Elmi estava perto de mim, com a camisa de dormir já abotoada e vi, na meia obscuridade, a expressão do seu rosto: parecia se lembrar de alguma coisa penósa. Era a única das três crianças que demonstrava nervosismo quando viera para a minha casa. O menino, Toimi, já na cama, sonolento, murmurou alguma coisa que me pareceu "Pekka Molotovin", e indicou a janela. Eira, mais enérgica, protestou ao ser levada para baixo. Tive que carregá-la no colo até que dormisse. Apezar de tudo, havia uma certa doçura. uma certa suavidade interior, em estar ali, no escuro, ouvindo o respirar tranquilo das três crianças. Ao mesmo tempo, o pensamento de que elas tinham vindo procurar na Noruega um refugio contra as bombas, o sofrimento e a morte —

encheu-me de uma surda revolta. Porque, afinal de contas, os bombardeiros continuavam a perseguí-las.

A meia-noite, o porteiro e o chauffeur voltaram. Contaram-me que, na ida, o carro fôra cheio de pessôas que iam a Oslo ao encontro de parentes, mas, em meio do caminho, todos tiveram que deixar o carro e se esconder num fosso, emquanto as bombas choviam em derredor. Na volta, trouxeram gente de Oslo que procurava se refugiar nos distritos rurais.

Um pouco mais tarde, chegou Anders. Vinha desesperado. Achava que agora, com o inimigo estabelecido no país, a mobilização era muito dificil, senão impossivel. A sua maior revolta era a cooperação ativa e eficiente dos traidores junto aos invasores. Conversando com Anders, lembrei-me que, antes da catastrofe, ninguem levava a sério os nazistas nacionais. Para um norueguês sadio e normal, toda a ideologia nazista era tão extranha, tão aberrante, tão odiosa, que nos inclinavamos a ver e a desdenhar Quisling e seus companheiros como simples histéricos exaltados. Agora, diante dos fatos que se desenrolavam num ritmo de catástrofe, é que, subitamente, passávamos a acreditar que havia muito mais traidores do que supunhamos e que o pequeno e desacreditado bando tão ridicularizado antes, bem que podia ter atraz de si uma legião de oportunistas miseraveis. Começavamos a deixar de ser cégos. E a nossa atitude mudou totalmente. Em vez do antigo

sorriso ceptico, com que olhavamos os Quislings, sentiamos agora um ódio tremendo contra os vendedores da pátria. Esse ódio continua e até hoje não deixou de crescer.

788595 070387

CAPÍTULO III

Na manhã, só vi Anders por um momento. Foi quando ele saiu do banheiro. Estava com muita pressa, pois queria partir imediatamente para Jorstadmon e mal podemos trocar algumas palavras. Um pouco mais tarde, telefonou pedindo a Hans que levasse o seu uniforme. Depois, quem telefonou foi Hans, comunicando que um oficial do corpo lhe autorizara a se alistar como voluntário, caso não tivesse instrução prévia,

Poderíamos providenciar um "sleeping-bag" e encontrar bótas e roupas ?

Mais ou menos à hora do jantar, apareceu, apanhou as coisas pedidas e disse, apenas:

— Adeus. Não fique preocupada comigo, mamãe. A senhora sabe que não corro perigo nenhum no corpo médico.

Eu tinha um juizo meu acerca dos riscos que meu filho ia correr, mas não o externei. Era bom que ele encontrasse algo de bom e de heroico para fazer. Pensei que dois dias antes julgavamos que podiamos ficar alheios à guerra. E agora os meus dois filhos e os filhos das outras mães da cidade partiam talvez para a morte. Os que ficavam tinham uuito que fazer. O nosso persistente, o nosso incrivel otimismo, nos fazia acreditar que os alemães nunca chegariam a

Lillehammer. Fugitivos de Oslo e de Trondhjem chegam à nossa casa quasi todos os dias; precisavam de alimentos, de dinheiro, de bons conselhos. Em retribuição, contavam as suas arduas experiências e retransmitiam as notícias colhidas nos caminhos.

Um padre alemão, refugiado do nazismo, estabeleceu-se em nossa casa, na esperança de que Trondhjem seria bem cedo reconquistada pelos noruegueses. Seu crime na Alemanha fôra o de dispensar o mesmo tratamento às crianças judias e não judias, na escola católica que dirigia. Outro crime: ter acompanhado o enterro de um judeu rico que fundara várias instituições de caridades.

Era sem dúvida, um bom homem e um bom sacerdóte. Mas tinha uma extraordinária capacidade de me enervar, com o seu otimismo delirante. Previa para um futuro quasi imediato a quéda de Hitler, a derróta alemã na Noruega. O bom padre não levava à sério a infame máquina de guerra nazista.

Todos os dias agora era de sol. Céo muito azul e muito limpo. A néve se derretera no meu jardim e as crianças finlandesas brincavam e sujavam-se a vontade. Pareciam pintinhos molhados sempre que as chamavamos nos momentos de alarme. Lillehammer não possuia defesa anti-aérea, de maneira que os aviões alemães passavam baixo, quasi rente aos telhados, sem fazer especial questão de metralhar ou de atirar bombas. A maioria deles eram bombar-

deiros ou aviões de transportes que se destinavam, provavelmente, a Trondhjem. E, apesar de tudo, da aviação inimiga sempre presente, apezar dos caminhões repletos de soldados, apezar das sentinelas embaladas em todos os edifícios públicos, apezar das motocicletas militares em disparada — custava a crêr que houvesse guerra, infamia, traição, naquele momento de primavéra divina. Minha costureira vinha todas as noites para a minha casa. Morava mais embaixo, junto da estação, mas pediu para dormir comnosco, porque minha residência fica fóra da cidade, num pequeno bosque, e assim era considerado um lugar relativamente seguro. Devo esclarecer que, em Abril, nunca as noites são muito escuras em Lillehammer. Deitei-me meio vestida, a janela aberta, e sempre pronta a descer e a avisar aos outros, em caso de perigo. Uma continua fila de automoveis passava ao longo das estradas, em ambos os lados do lago Mjoesen. Da minha janela, eu poderia ver os transportes de tropas e de munições que não observavam as ordens de obscurecer a luz dos faróes. E isso me fazia pensar que não nos acostumaramos à guerra. Desde 9 de Abril que as emissoras de Oslo estavam em poder dos alemães, de maneira que ninguem acreditava numa palavra de suas irradiações. Desde a tomada da Tchecoslovaquia por Hitler que se dizia, em caso de dúvida: "Isso é verdade ou é alemão?"

Mas o governo ainda possuia duas emissoras, uma em Hammar, outra em Vigra. Sabíamos que se combatia em toda a parte ao longo das estradas que conduziam ao norte de Lillehammer e um dia os alemães se aproximaram tanto que temi pelas crianças filandesas em nossa casa. Ouvimos a história do bombardeamento de Elvron e de que muitos civis haviam sido morto ali. Consegui um carro e levei as crianças para a casa de um amigo que vivia num vale mais distante.

Nenhum de nós poderia sonhar que esta casa se tornasse um cenario de guerra. Despedi-me das três crianças. Eira, que já se acostumaracomigo e via em mim uma segunda mãe, chorou. Elmi e Toime sofreram menos, porque logo descobriram no quintal da nova casa cordeiros e carneiros e quasi não tiveram tempo de se despedir de mim.

Nem duas semanas se passaram quando a familia teve que evacuar a quinta, diante da proximidade das tropas alemães que tinham invadido o vale em três direções. E, durante a batalha para a posse de uma ponte sobre o rio, Anders tombou. Morreu, quando estava colocando em posição de fogo três metralhadoras, na margem do rio.

Um dia, depois de ter levado as crianças, senti de uma maneira mais profunda e mais diréta, o que era a guerra. Foi quando ouvi o poderoso ronco de um avião. Corri para a janela e vi o aparelho voando baixo, em direção de nossa casa. Tive a impressão de

que ia espatifar-se de encontro a um muro ou a um telhado. O padre, o porteiro e eu, corremos para a adega. Alguns minutos depois, estalou o ruido das metralhadoras, mas tão nitido, tão proximo, como se viésse do próprio jardim. Corremos para ver o que poderia ter sido. Vimos então soldados noruegueses surgindo de todos os lados. Um avião transporte alemão fôra obrigado a descer perto da nossa casa. Crianças e mulheres tinham se aproximado do aparelho, mas de bordo deste as metralhadoras foram mobilizadas. Junto ao portão de meu jardim, encontrei um grupo de 10 ou 12 alemães civis que acompanhavam os acontecimentos com muito interesse.

Esses alemães pretendiam passar por refugiados de guerra, vivendo em um hotel do outro lado da cidade. Como explicar que eles tivessem aparecido ali 10 minutos depois da aterrisado o avião?

Todaa luta não durou provavelmente 45 minutos. O oficial suicidou-se com um tiro e os soldados foram feitos prisioneiros. Os soldads noruegueses, que possuiam poucas armas, pareciam felicíssimos, quando passaram nos carros. Para a maioria deles, aqui representara o batismo de fogo.

Agora sabiamos que a guerra havia batido às nossas portas. No dia seguinte, consegui mandar o meu hospede, o padre alemão, para a Suécia, graças à organização do partido trabalhista. Quando o trem partiu, o sacerdote mostrava-se sorridente, à

janela do vagão, entre um comunista austriaco e sua amante.

Na minha juventude, trabalhei dez anos como secretaria num escritório comercial. Assim, não tendo mais de ocupar com crianças ou adultos refugiados, telefonei ao comandante de Lillehammer perguntando em que atividade poderia ser util à pátria naquele momento desgraçado. Ele necessitava de alguns censores — pois toda a correspondência dos distritos de Mjoesen passava por Lillehammer. Aceitei com alegria as minhas funções. Passei a trabalhar as manhãs inteiras, atrazando-me algumas vezes quando os aviões alemães passavam sobre as nossas cabeças.

Li mais de mil cartas. Fui obrigada, é claro, a guardar segredo de tudo que aprendi. Mas, sem dúvida, posso afirmar que a maioria dessas cartas foi dominada por dois sentimentos o primeiro provocado pelo imprevisto da invasão germânica, aparentemente sem importância, tanto que, mesmo os que viram suas quintas queimadas, seus maridos e filhos mortos, a custo poderiam acreditar na realidade; o segundo, pela resignada determinação: "se não nos resta outra alternativa senão a de nos defendermos, devemos fazê-lo da melhor maneira possivel.

Ninguem ignorava que estavamos mal preparados, porém um provérbio norueguês, diz que devemos guiar com os arreios que possuimos se não temos coisa melhor. Muitas vezes os maridos escre-

viam às suas mulheres: "por amôr de nosso filhos, deves saber que é melhor para mim perder a vida — apesar de esperar que tal não aconteça — do que continuar a viver e não ser capaz de responder mais tarde à pergunta: "que fez meu pae em 1940 quando os alemães invadiram a Noruega?"

CAPÍTULO IV

As primeiras tropas inglêsas passaram por Lillehammer. Não eram muito numerosas e constituidas de muito jovens — tanto quanto pude julgar — quasi todos pertencentes à infantaria. Alguns rapaezs ocm quem conversei, procedentes de Yorkshire, pareceram-me sinceramente, mais escoteiros em excursão do que propriamente soldados. Entre outras coisas eles nem suspeitavam que ainda havia inverno na Noruega — chamamos primavera o tempo em que a neve começa a fundir.

Espessa camada de neve porem, se estende ainda no solo e o gelo nas aguas ainda não começou a quebrar-se. Isso tambem contribuiu para facilitar o progresso dos alemães — apenas em alguns lugares os noruegueses conseguiram colocar minas e quebrar o gelo, provocando a morte, por afogamento, de algumas centenas de soldados alemães. Sábado, 20 de abril, soubemos que os ingleses abandonaram suas posições em Broettum, ao sul de Lillehammer, e deviamos esperar a entrada dos alemães na cidade durante o dia. Aconselharam-me a abandonar a cidade antes que eles entrassem. Sempre escrevi e falei contra o nazismo. E tive tambem participação ativa na obra de auxílio aos refugiados da Europa Central. Além disso, dizia-se que os ale-

mães tinham o hábito de requisitar as pessoas de proeminência e força-las a confessar pelo rádio como estavam sendo bem tratadas pelos alemães e se se recusavam a fazê-lo, um certo número de refens norugueses seria fuzilado. Supunha-se ter sido dessa maneira que os alemães conseguiram que um destacado representante da Igreja Oficial Norueguesa advogasse a causa germânica na rádio de Oslo. Só tive tempo de colocar o indispensavel na mala. Não tinha dinheiro em casa, tão grande era o número de refugiados que alí acorria em busca de auxílio. E agora era tarde os bancos estavam fechados. Meu porteiro obrigou-me a aceitar algumas centenas de corôas, a título de empréstimo. Com esta importância pude chegar a Estocolmo. Somente em um único lugar, Romsdal, permitiram-nos pagar a passagem do carro que nos levou de Molde à costa. Em toda a parte a mesma coisa aconteceu: "não aceitamos, pagamento de nossos compatriótas".

Alguns ainda acrescentavam: "dentro em breve nós todos ficaremos igualmente pobres" Foram encontrados com alguns dos alemães mortos, pequenos manuais de conversação germanico-norueguêsa. A divisão mais importante deles ocupou-se na requisição de nossos bens e de nosso dinheiro. Um carro militar levou-me para o vale. Por toda parte, ao longo do caminho, passamos pelos soldados, pelos pequenos suprimentos de munição e pelos carros do exército. Deviamos ficar sempre na

expectativa dos aviões — os carros continuamente sob a ameaça de serem metralhados. Anoitecia quando cheguei à grande quinta no Vale (usada como escola pela juventude do Distrito) onde tencionei parar afim de obter informações sobre meus amigos, o prof. Fredrik Paasche e o dr. Anders Wyllers. Fredrik Paasche, que durante os últimos anos largou tudo para se dedicar exclusivamente à organização Nansen, de auxílio aos refugiados, está trabalhando agora fóra da Noruega. E Anders Wyllers, um dos mais nobres e desinteressados idealistas que encontrei em minha vida, chegou à Inglaterra com os últimos remanescentes de nosso exército, quando abandonamos a luta para a posse da Noruega sententrional. Em Londres soube que tinha cancer e estava perdido. Regressou de avião a Suécia, esperando obter permissão e voltar para morrer na Noruega. Mas antes que isso fosse arranjado — si é que havia alguma possibilidade — sucumbiu em Estocolmo. Assim, suponho que nenhum mal lhes poderá advir se disser que passamos juntos as aventuras da viagem nas semanas subsequentes.

As estações de rádio de Hamar e Vigra estavam silenciosas agora, mas um novo esforço foi feito para organizar uma nova estação ao norte do vale. E pediram-nos que colaborássemos no rádio e no serviço da imprensa norueguêsa. Domingo, Fredrik Paasche e eu dirigimo-nos para o norte. Nas aguas furtadas por cima da anexa de uma estação da estrada

de ferro no vale, fizemos discursos pelo rádio, estando meu manuscrito na máquina de lavar da mulher do chefe da estação, emquanto falava. Tambem tivemos que fazer uma mensagem em Dombaas. Alí, vimos pela primeira vez os resultados de um bombardeio; alguns andaimes das casas despedaçados e transformados em lenha. Em alguns lugares, incendios ainda chamejando nas ruinas. Os soldados inglêses vadiando nas ruas contemplavam as janelas das lojas que perderam seus vidros. Mal chegamos ao hotel, repleto de oficiais norueguêses, as sirenes sôaram. Em Dombaas seria impossivel encontrar um local que pudesse servir de abrigo, deviamos patinar pela neve fôfa, muito profunda, através um campo para atingirmos um pequeno bosque de pinheiros. Uma pequena senda estava naturalmente traçada na neve até o refugio, mas como centenas de pessoas passavam — a maioria, soldados com os uniformes brancos — algumas vezes desapareciamos na neve amolecida, até a cintura. Era um esplendido dia primaveril, mau grado o inverno, que tínhamos em pleno Abril na Noruega. Um bom odôr se desprendia da neve em degêlo; fragrância das agulhas de pinheiro; percebia-se o musgo e a terra úmida onde se mostra saliente um pedregoso montão de terra fóra da neve. Através da folhagem das arvores ciciava um dôce, mole murmúrio, que se tornava mais audivel todas as vezes que cessava o zumbido

dos motores dos aviões e havia um intervalo no tiroteio.

Experimentava uma sensação estranha sempre que os bombardeiros voavam diretamente sobre minha cabeça e as metralhadoras rangiam; de vez em quando alguns ramos e galhos caiam com estrépito sobre nós. Duas horas permanece estendida de bruços sobre a neve espessa, entre três pinheiros, emquanto que um soldado deitado próximo entretia-me falando-me de um baile a que assistira em minha casa no último natal. Ele era de Lillehammer e amigo de um dos meus filhos, mas como se poderia admitir que uma mãe pudesse reconhecer nesses nesses dias um rapaz que dançou em sua casa? O bombardeio alemão se concentrava na estação de ferro. O cap. Losey, adido militar americano que estava parado à entrada de um dos tuneis em Dombaas morreu atingido por estilhaços de uma bomba explodida nas proximidades. Um soldado com a cabeça envolta em ligaduras, auxiliou-me a sair de um buraco na neve e depois regressamos juntos ao hotel. "Agora já pudemos olhar nos olhos dos filandeses" — disse ele. E não parecia estar descontente. Acredito que tenha externado um sentimento que muitos moços noruegueses partilhavam. Eles desejaram ardentemente auxiliar a Finlandia e não queriam acreditar nos boatos que a Alemanha provavelmente ameaçaria com uma invasão imediata qualquer país nórdico que ajudasse militarmente a Fin-

landia. Agora mesmo compreendiamos que a ameça não tinha um sentido vasio.

Alguns rapazes manifestaram o pueril desejo de que o diabo levasse o sr. Hitler muito cêdo para o inferno: "puxa! Ele não se atreveria" — explicou um jovem de uma localidade próxima a Trondhjem — "o diabo sabe que Hitler ofereceria sua proteção ao inferno e antes que satanaz percebesse, ele seria reduzido a simples bombeiro em seu reino".

CAPÍTULO V

Anunciava-se que as posições inglêsas e norueguesas no Passo de Tretten estavam ameaçadas e que um corpo médico chegára a quinta para levantar ali um hospital de campo. Tinhamos que nos mudar para um local mais afastado no Vale. Fomos despachados em um carro, Fredrik Paasche, sua mulher, seus dois filhos de oito e dez anos, seu porteiro e eu. Atravessamos o Vale com um passe militar, parando dez ou doze vezes por soldados que construiam barricadas nas estradas e minavam os declives das montanhas. Durante a manhã alcançamos a quinta em Dovre, onde parentes da gente que permanecera na outra quinta nos dariam abrigo. A impressão mais forte dessa fuga através da Noruega sempre na retaguarda de nossas linhas em recuo foi essa: como é inefavelmente belo este nosso país! E como incomparavelmente bôa e prestimosa era cada pessoa que encontravamos. Em Dovre a neve aos dois lados do Vale desaparecia já quasi completamente — jamais caia muita neve no norte de Gudbrandsdal; as montanhas interceptam as nuvens.

Os campos, porem, estavam pálidos, com uma nuance amarelo-castanho nas suas hervas murchas. Nenhuma tintura de verde era visivel. E mais longe, nos dois lados do Vale, elevavam-se os cimos das

montanhas deslumbrantemente brancas pela neve, com sombras azues na depressão dos dois cimos, os quais, um velho aldeão me disse uma vez que se assemelhavam perfeitamente aos dois seios de uma mulher. O campo de Dovre era habitado desde a idade da Pedra e quasi todo o Vale cultivado. No meio do declive coberto de herva, ao lado do sol, ergue-se uma fila de quintas grandiosas com edifícios de madeira crestados pelo sol. As colonias mais antigas de nossos vales eram muitas vezes construidas desta forma porque no fundo do Vale ao longo do rio, o gelo chega muito cedo no Outono. Porem, mais baixo paralelamente à estrada principal e à estrada de ferro em torno das estações, creou-se uma nova colonia comercial, novas escolas, casas dos artezãos e comerciantes, sem falar nos postos de abastecimentos de gasolina e garages. Estavam quasi tapadas pela vegetação que crescia nas planícies arenosas, ao longo do rio. As agulhas dos pinheiros já tinham a sua côr de neve lavada amarelo-esverdeada; os vidoeiros exibiam uma cintilânte luz castanha e vacilante violêta, porque os botões já se mostravam inchados. Todos os dias os aviões germânicos vinham bombardear a estação e a ponte da estrada de ferro em Talleraas, mas sem ferir o alvo. De um modo geral tornou-se surpreendente constatar como eram insignificantes os danos causados pelas bombas. Emquanto eles devastavam nossas pequenas cidades fazendo-as arder com as bombas incendiárias, o resul-

tado final do bombardeio em Dovre foi o incêndio do celeiro de uma pobre viuva, que perdeu todas as suas posses: duas vacas e três cabras. E fóra de uma garage, um homem foi morto pelo fogo de uma metralhadora. Pelo menos durante os dias que passei em Dovre, tive a impressão de que todo o sêr vivente que se agitara fóra da quinta, sucumbira pelas metralsadoras dos aviões. Estavamos numa colina fóra da quinta onde viviamos. Um idoso empregado da quinta e eu estávamos assistindo uma batalha aérea sobre Dombaas, quando o avião mergulhou chegando a uma baixa altura sobre o prado, tentando alvejar-nos. Felizmente, os tiros dispersaram-se de modo que nenhum de nós foi atingido. Mas tivemos de correr a toda pressa para nos escondermos nos estabulos de pedra da quinta. De vez em quando os alemães atiravam uma carga das bombas incendiárias em uma das quintas, mas pelo que pude saber, sem alcançar nenhuma casa. De todas as bombas incendiarias atiradas nos campo vi apenas uma espessa coluna de fumo amarelo esguichando das encostas escarpadas. Em consequência de tudo, achavamos mais seguro caminhar durante o dia para atingir as pequenas fazendas situadas nas bordas da montanha. Lá estavamos sentados no declive, expostos aos raios do sol da primavera, forçados de tempos a tempos, durante os ataques aereos, a buscar refúgio na casa da fazenda. O vale, inundado pelos raios do sol de primavera, estava mergulhado

numa paz dos dias de descanço, porque era impossível iniciar os trabalhos nos campos. No inverno as vacas ficavam magras nos estabulos e os cavalos eram requisitados-

Mas as ovelhas, os cordeiros e as cabras, juntos com brincalhões cabritos andavam em volta dos alpendres, beliscando a herva murcha do ano anterior. Esta inatividade forçada constitue a maior provação para os nervos dos aldeões, muito maior que os aviões que voltavam em breves intervalos perturbando a sua boa disposição. Depois constituiu um grave problema obrigar a permanência dentro de casa das crianças do fazendeiro, o que exigiu um esforço tremendo. Elas queriam ver tudo; e os filhos do sr. Paasche, tambem. Tivemos que amarrar os menores, fortemente. Em seguida afastamos os outros da janela, de onde queriam observar o vale, porque todas as vezes que uma bomba explodia na colina próxima à estação ferroviária, a casa estremecia tanto que temiamos ver os vidros partidos pela trepidação. As crianças se mostravam incontidas pela excitação "olha lá aquela coisinha preta caindo!" — denunciaram. E pouco depois ouvimos o barulho produzido por uma chuva de terra, pedras e fragmentos das arvores e finalmente o surdo ruido da explosão. A nossa hospedaria regalava-nos sem cessar com leite, café e bolos recem saidos do fôrno. A leiteria permanecia inativa; si as coisas estavam tão ruins que prenunciavam a entrada dos alemães em

Dovre, esta boa mulher teria ao menos o consolo de haver servido a melhor comida aos seus compatriotas. Pagamento? Não — o momento não era próprio para cogitações dessa natureza. "Se as coisas caminham bem, chegará um dia em que vocês poderão ajudar-me de alguma maneira. E si as coisas vão mal, então é porque nós todos estaremos igualmente pobres — isto é, todas as pessoas decentes" — concluiu sorrindo. Em uma quinta próxima foi aprisionado um destacamento de tropas de paraquedistas, uma semana antes. Eram 150 homens que improvisaram barricadas no estabulo de pedra, aterrorizando toda a vizinhança. Os noruegueses transportaram artilheria para o local e depois de haver exterminado cerca de cincoenta inimigos, os demais se renderam. As tropas paraquedistas constituiam o assunto obrigatório em todo o Distrito. Mas o que causou mais funda impressão foi o fato de que a dona da quinta reconhecera um dos paraquedistas: era um vagabundo que em agosto do ano passado batera à porta da quinta e recebera abrigo, comida e um pouco de dinheiro. E' possivel que a mulher tenha se enganado. Porem, o certo é que grande número desses "Wandervoegel-Bettelvoegel" — que perambulavam através da Noruega em bandos de milhares todos os verões, sem dinheiro e sem outra bagagem que não fosse a indispensavel câmera fotográfica, recebeu livre condução em nossos automoveis, não pagou hospedagem

em nossas quintas e entretanto recebeu comida de nossos fazendeiros e muitas vezes roupas e um pouco de dinheiro, voltou integrando um exército de invasão demonstrando conhecer perfeitamente o país. Enquanto desenhavam e fotografavam a região, descreviam como as condições de vida eram precárias na Alemanha — era proibido levar mais de dez marcos para as despesas de viagem. Compreendia-se assim, que deviam viver da caridade dos noruegueses.

E nós não os decepcionamos. Ninguem é mais habil que os alemães para se lamentar e implorar piedade — quando não podem assumir a posição de dominadores. E ninguem é mais sensivel a jeremiadas que os noruegueses, que se sentem envergonhados quando vêem alguem exibindo despótica autoridade com seus subordinados: "Puxa ! Que sujeito mal educado !" — diriam logo. Com certeza, entre os soldados alemães, havia muitos dos pequenos refugiados vienenses da outra guerra, que depois dos anos miseraveis que seguiram à derrota germano-austríaca em 1918, foram aceitos em nossos lares, bem alimentados e se tornaram crianças sadias. Si é verdade que esta maneira alemã de retribuir hospitalidade revoltou o povo mais do que qualquer outra coisa que se seguiu à invasão, é tambem verdade que matou enfaticamente a teoria alemã da existencia de uma afinidade de raça entre os dois povos. "Si eles nos consideram parentes — comentaram os fazendeiros — não passam de uns loucos e malditos

mentirosos". Ao anoitecer, quando voltávamos à quinta, chegaram os soldados. Eram os rapazes que foram enviados para a retaguarda, quando os ingleses assumiram a defesa de Kvamsporten, o estreito passo montanhoso, à entrada da paroquia de Kvam. Iriam descansar alguns dias — muitos deles lutaram em encontros sucessivos desde o primeiro dia da guerra, quando ainda se combatia nas regiões ao norte de Oslo. E cada luta significava um recuo.

Mas nenhum deles com quem falei se mostrava desalentado. Sentavam-se na cozinha obscurecida, enquanto preparávamos comida para eles. Nosso hospedeiro trouxe tudo que pudesse servir para fazer boas camas. Mas nenhum quis permitir que uma senhora cedesse seu lugar. Assim, dormi todas as noites em minha cama de molas, debaixo de meu agasalho de peles, quente e confortavel. Sentia um peso na conciencia, sabendo que os soldados dormiam pelo chão em todos os quartos da casa. Ninguem diria que eles estavam em guerra. Conduziam-se exatamente como os rapazes noruegueses agem habitualmente: calmos, bem educados e amistosos. Quando solicitados a falar sobre suas experiencias de guerra, manifestaram-se modestamente e sem arogancia. Lamentaram somente que seus equipamentos não fossem melhores; — que seu treinamento fosse deficiente e a inexperiencia dos oficiais, embora a maioria deles — quasi todos jovens — tenentes e sargentos, fizesse tudo o que po-

dia fazer. Somente com fuzis, algumas metralhadoras e uns poucos canhões, era naturalmente impossível resistir durante longo espaço de tempo aos tanques e aviões. Eles sabiam agora, muito bem, que de homem para homem eram iguais aos alemães. E ansiavam pôr voltar ao combate. Mas, no momento, estavam cansados e com fome. A principio recebiam tanta comida quanto podiam comer, porque no sul do país as mulheres dos fazendeiros se colocavam à margem das estradas com vasilhas cheias de leite, café e "pure" de ervilha e com cestos de pão, manteiga e ovos cozidos. Mas ultimamente passavam dias sem receber alimento algum.

E durante todo o tempo ficaram mal dormidos. Usualmente, uma breve soneca nos carros durante o percurso de uma a outra batalha. Nenhum deles sabia coisa alguma de seus filhos. Na realidade, jamais esperei encontrar alguem que os tivesse visto. Dois ou três dos soldados mencionaram com certa relutancia, o fato estranho de que grande quantidade de rapazes alemães caissem diante do fogo das metralhadoras, sem se mostrarem afetados com o vulto das perdas. A explicação — dada pelos nossos soldados — era que os alemães vociferavam e cantavam com tanta furia quando avançavam, que pareciam não ser humanos, mas sim uma especie de repugnantes animais que nossos soldados queriam conter. De outras fontes ouvi a mesma coisa: aqueles rugidos faziam os noruegueses julgarem

impossivel que os alemães fossem gente normal como somos nós. Os noruegueses se mostravam, nos combates, tão calmos como nossas montanhas. Expontaneamente, a jovem criada do professor tomou conta da cozinha. E era lindo observar com que respeito e gratidão os nossos soldados aceitavam os seus serviços. E como se mostraram ansiosos de arrumar e lavar tudo, antes de se retirarem para dara lugar a outro pelotão.

CAPÍTULO VI

Em Molde os jornais noruegueses ainda circulavam e fomos aconselhados a ir para lá. Uma vez mais dissemos adeus àquela gente hospitaleira que nos dera abrigo e comida, sem nada aceitar em troca, fazendo votos de boa viagem e de um retorno em melhores dias. Novamente nos amontoamos dentro de um carro e passamos durante a noite por Dombaas em ruinas, por Lesja, onde a neve ao longo da estrada apresentava crateras criadas pelas bombas, as portas despedaçadas e as janelas quebradas, chegando finalmente em Romsdal. Era evidente que a entrada dos ingleses nesse lugar fôra mais do que difícil: em Romsdal começa a região da costa oeste, o vale estreito e selvagem com um rio descendo em corredeira no fundo e com encostas escarpadas — cimos aguçados e negras fendas montanhosas, cujas silhuetas se projetam no céu verde da noite clara e geleiras, cujo gelo igualmente esverdeado se refletia sobre a estrada. Só de longe em longe se pode encontrar um lugar propicio para a construção de uma quinta ou a existencia de um povoado; quasi todas as quintas são pequenas. O caminho de ferro só apresenta uma linha de trilhos, e a estrada de rodagem mal dá para a passagem de dois carros, serpenteando através do estreito passo

montanhoso; por toda parte víamos os resultados dos bombardeios da estrada e do caminho de ferro. Chusmas de operarios mostravam-se ocupados em todos os pontos restaurando os danos causados pelo bombardeio diurno de molde a não permitir que a estrada se tornasse completamente impraticavel; o degelo e o denso tráfego pioravam as condições da estrada.

O dia amanhecia quando o ardente vermelho-braza em cima do passo montanhoso denunciávanos a proximidade de Aandalsnes. Os incendios lavravam nas casas que marginavam os dois lados da estrada e, quando passamos pela pequena cidade, soldados sujos de fuligem e civís, esforçavam-se para derrubar as paredes que ameaçavam ruir em uma falsa direção. Estávamos em plena primavera, perto de um fjord azul, brilhante como seda, refletindo os últimos vestigios do vermelho da noite e as primeiras cintilações róseas de um sol nascente. Ouvia-se o murmurio dos transbordantes ribeiros nas montanhas; víamos os prados levemente tocados de verde e soldados que levavam anemonas nas tunicas. As primeiras flores da primavera desabrochavam próximo ao mar. No braço do jford, em uma quinta, onde encontramos abrigo por alguns dias, o fazendeiro estava lavrando a terra. Os aviões voavam sobre a região e pequenos pontos cinzentos e brancos do fogo, no céu, levemente azulado sobre a crista das montanhas, atrás da quinta, mostravam

que as baterias anti-aereas em Aandalsnes ainda não haviam abandonado a luta. De vez em quando, uma granada perdida dessas baterias passava assobiando no ar sobre nossas cabeças. Nessas ocasiões, estendíamo-nos na terra, embora a maioria dos projeteis caisse no mar alem da quinta. E os habitantes de Langfjord não se mostravam perturbados, continuando a trabalhar em suas casas e no fjord. "Vocês conseguiram salvar algumas cadeiras e camas?" — perguntou uma pequena magra de Aandalsnes.

Sua casa estava inteiramente queimada e seus parentes por muito favor conseguiram salvar as suas vidas. "E quando ainda por cima um homem é vidraceiro, numa cidade bombardeada, é o cúmulo da pouca sorte" — disse seu pai com um humor azedo.

Uma noite chegou a noticia de que os ingleses abandonaram a luta na Noruega meridional. Embarcaram em Aandalsnes, supondo que os alemães estivessem descendo pelo caminho de Romsdal. Isso significava que devíamos nos afastar ainda mais.

O fazendeiro e sua mulher que nos hospedaram durante quatro dias e outras tantas noites, tudo fazendo por nós sem nada achar demais, apresentaram suas despedidas. O homem apertou nossas mãos: "até breve". Mas a mulher abraçou-nos e começou a chorar. Raramente as camponesas da Noruega se deixam trair pela emoção. Aquelas lágri-

mas dava-nos a impressão de que pela primeira vez, percebíamos, realmente, como era triste a situação do país.

Estávamos no pequeno mole, onde o rebocador que nos devia levar transportaria suprimentos medicinais para Molde. Sobre o fjord, uma nuvem negra de fumo indicou onde estava a cidade; soubemos que esta cidade fôra bombardeada e parcialmente queimada; provavelmente os jornais deixariam de circular. Mas, ainda se combatia. A noite parecia inteiramente clara e quieta, mas contra o céu profundamente azul as granadas provenientes das baterias anti-aéreas não pareciam mais pequenos pontos esfumaçados e sim pequenas estrelas cintilantes. Subitamente, apareceu uma estrela, crescendo cada vez mais e sem desaparecer, caiu e rompeu-se em três partes chamejantes — um avião caira incendiado. "Eu vi o diabo cair do céu como um raio" — disse alguem. Tambem me veio a lembrança aquela passagem das Escrituras Sagradas.

Era meia noite quando o rebocador se afastou. Uma calma escuridão envolvia a sombra do alto promontorio, mas o fjord estendia-se claro e brilhante refletindo-se nas costas escuras e nas montanhas brancas, enquanto que a Venus resplandecia grande e claramente num céu verde esmaecido.

No hospital onde desembarcamos, encontramos outra vez gente que nos acolheu, deu-nos alimentos e auxiliou-nos a arranjar um automovel na

manhã seguinte. Através Molde, devastado pelo fogo, passando pelas montanhas em pleno inverno ao longo dos braços do fjord, chegamos a Bud.

É este o ponto mais afastado em Romsdal. Ali se projeta um cabo rochoso, colinas cobertas de urzes e pântanos escuros para o Mar do Norte, sempre agitado por vagas brancas, mesmo na mais radiante calma do dia. Mas a primavera tambem já chegara aqui: um salgueiro pequeno florescia e podíamos assistir seu polen verde-dourado arrastado pela corrente quando passamos pelos caminhos dos campos de urzes. Nas calmosas enseadas, entre penhascos, os patos do norte deslisavam, uma fêmea parda e um macho pardo branco; gaivotas e andorinhas do mar com suas pernas vermelhas regressavam aos velhos ninhos. No porto de Hustadviken subimos a bordo de um dos dois rebocadores que se dirigiam para o norte. Ambos se encontravam cheios de soldados e carregados com munições e canhões que as nossas tropas salvaram, quando abandonaram a luta na Noruega meridional. Os soldados queriam dirigir-se à Noruega setentrional, onde o país era ainda livre e onde podiam continuar a lutar.

O rebocador só tinha beliches para seis pessoas e nós éramos trinta e seis. Alguns refugiados alemães; um renomado escritor extremista — deitado com reumatismo e ciática; — seus jovens filho e filha, que vigiavam ternamente seu pai doente como dois anjos da guarda, e sua mulher que voluntaria-

mente ocupava o lugar de camareira. Todos os demais eram soldados.

Navegávamos durante a noite; durante o dia ficávamos escondidos nos portos, entre as ilhas mais distantes. E, dia após dia, o oceano se mostrava calmo e sereno e noite após noite o vermelho do poente reacendia na aurora. E cada hora e cada momento que permanecíamos despertos, um só pensamento nos dominava: a nossa Noruega é tão bela que a custo se pode imaginar ser tanta beleza realidade. Austera, selvagem, com uma cadeia de montanhas emergindo do mar, cimos e penhascos erguendo-se para o céu mergulhados em neve e gelo — com pequenas faixas de terra, aquí e alí, ao pé das montanhas, lugares para uma quinta, ou mesmo, duas e três. Ninguem, a não ser nós, jamais tentou adaptar-se à vida neste país — ele é nosso, nosso. Nunca renunciaremos aos direitos de posse, ainda que forçados a esperar cem anos.

Um bom soldado ofereceu-me sua "sleeping-bag" (uma especie de cama de campanha). Todas as noites ele me preparava aquele saco de dormir e me colocava dentro. Era duro, mas muito cômodo e fresco para dormir no convés. Toda manhã, quando me arrastava para fóra do saco, o soldado deslisava dentro, por seu turno, e dormia algumas horas. A situação era mais grave para o homem estropeado pelo reumatismo, não obstante haver sido uma cama especial preparada para ele. Mas nunca

se queixava e sua têmpera inflexivel, muitas vezes, ajudava-nos a refazer nossa disposição de ânimo.

Frequentemente, pelo litoral passavam aviões rumo ao norte. Sem tomar conhecimento de nós, voavam, provavelmente, para Narvik ou Bodoe. Mas, quando atingimos a altura do fjord de Trondjhem, a situação tornou-se enervante. Soubemos que os alemães haviam se apossado de alguns navios de pesca e patrulhavam o mar onde navegávamos. Permaneciamos afastados da costa durante a noite e ao amanhecer ficávamos junto ao farol mais distante.

Encontrávamo-nos justamente nesse lugar, quando percebemos um navio negro — muito maior que os dois nossos rebocadores — navegando fóra da entrada do nosso porto. Subitamente o perdemos de vista, aparecendo uma hora depois, vindo diretamente sobre nós. Lançou âncora próximo. O convés estava cheio de jovens — observavam-nos silenciosos e desconfiados, como nós tambem o fazíamos. Era noruegueses, gente honesta, ou uma especie de quislings ? Eram soldados, a maioria marinheiros, que queriam dirigir-se ao norte e continuar a lutar. E tinham tanto medo de nós quanto nós deles.

Assim, as três embarcações navegaram juntas entre a alva cadeia de montanhas e ilhas que formavam um fantástico grupo escultura — Lekamoeja (a virgem de Leka); Hestmannen (o cavaleiro);

com uma esvoaçante capa, Roedoei (ilha vermelha com a forma de um poderoso leão).

Quando estávamos a quatro horas de Bodoe, fomos informados que os civís não podiam desembarcar alí e se queríams ir a Tromsoe, teríamos que passar pelas longinquas ilhas Lofoten, porque Vestfjord estava cheio de minas e contra minas. Mas se quiséssemos poderíamos voltar a Mó em Rana com outro rebocador. Dalí seria possivel atravessar a fronteira da Suecia. Não tinha muita vontade de retroceder. Entre outras coisas pensava que em Bodoe talvez soubesse um pouco mais sobre o bombardeio do nosso navio-hospital "Brand IV" ao largo de Aalesund. O médico-chefe de bordo, que fora ferido, era o mesmo em cuja companhia Hans viajava. Entre os mortos se encontrava um "jovem voluntario do corpo médico" — dizia-se. Mas os meus amigos tentaram persuadir-me de que, se fosse meu filho, seu nome já teria aparecido nos jornais. Mais tarde soube que Hans deixara o corpo médico na segunda semana e que fôra transferido para o serviço de mensagem entre a divisão de Otta e as tropas que ainda combatiam as forças germânicas; era um excelente patinador de ski e conhecia as montanhas entre Otta e Lillehammer tão bem como a palma de sua mão. Alem do mais, o professor Paasche e eu tínhamos dinheiro a receber na Suecia — naturalmente não podíamos viver eternamente da caridade de nossos compatriotas.

Os soldados prosseguiram viagem. Os refugiados alemães não ousaram voltar, arranjando licença para continuar a viagem rumo ao norte no mesmo rebocador. Só mesmo Deus sabe o que aconteceu com eles depois.

CAPÍTULO VII

A última etapa, de Mo, através a fronteira, era a pior.

Começamos a viagem à tarde em um caminhão. A estrada passava pelas montanhas, em linha sinuosa ao longo do penhasco escarpado — em mau estado e em longos trechos quasi impraticavel devido à neve em degelo. O chôfer conduziu o carro, dansando sobre a estrada. Pulávamos até o této quando estávamos sentados, e agarrávamo-nos, uns aos outros, para nos mantermos em nossos lugares — guindando para a direita e para a esquerda, e algumas vezes o caminhão introduzia-se nas fendas da estrada coberta de gelo, sendo necessario o esforço de uma hora para o tirarmos de lá e continuar a viagem. Dificilmente se pode imaginar como sofreu o velho reumático jogado de um lado para outro. Não avançamos mais que duas milhas nessa noite.

Encontramos a mesma cordial e simpática acolhida na cabana, situada na montanha, onde passamos a noite. Estava cheia de trabalhadores destacados nas obras da estrada, mas abandonaram suas tarimbas para deixarem lugar a nós. Perto de quatro horas, da tarde seguinte, continuamos nossa viagem a pé, com nosso companheiro doente estendido numa

maca improvisada e transportada pelos jovens montanheses.

Dizia-se que no meio da estrada serrana alguns automoveis estavam parados, impossibilitados de regressar a Molde. Arranjamos condução durante um pedaço de caminho até que se extinguiu a gasolina. Tínhamos que fazer uma viagem de quasi 40 quilômetros sobre skis até a última fazenda na fronteira. Providenciou-se um trenó para o velho reumático. Quando se percebeu que dificilmente poderia manter-me num ski — faziam vinte anos desde a última vez que tive um par de skis debaixo dos pés e alem do mais meu traje era inadequado — tambem me colocaram no trenó. Puxados por seis homens, todos jovens, chegamos finalmente à quinta na fronteira.

Os filhos de Paasche, que vinham aguentando valorosamente o arduo percurso, agora mal podiam ter-se de pé. Assim, estes meus companheiros se veriam na contingencia de interromperem a marcha se os rapazes que puxaram o trenó não tivessem que retornar ao trabalho no dia seguinte. Tornou-se assim necessario prosseguir viagem com o velho reumático — seus filhos que não queriam abandonar o pai — e comigo. Enquanto a luz da manhã se espalhava pelo mundo das montanhas brancas, éramos levados através o lago de Storuman que limita a fronteira da Noruega com a Suécia. O gelo estava quebradiço de maneira que os rapazes algumas ve-

zes afundavam-se até à altura do joelho, fazendo com que a agua jorasse alto em torno do nosos trenó.

Os primeiros raios de ouro do sol da manhã iluminavam as montanhas dó lado norueguês, quando encontramos a primeira sentinela suéca. A partir da fronteira suéca a estrada estava livre de neve. Enquanto os rapazes prosseguiam a viagem pelos campos, a jovem Dagny e eu enveredamos pela estrada rural. Ela fez questão de carregar minha mala tambem, e quanto a mim não protestei tão vigorosamente como devia.

Disseram-nos que distava apenas dois quilômetros o posto militar mais próximo. Mas quando lá chegamos verificamos que a casa estava superlotada e que não havia lugar para nós. Era impossivel continuar utilizando o trenó; o doente deveria ser locomovido novamente para a maca. Sua filha Dagny e eu prosseguimos a caminhada pela estrada rural. A distancia provavel que nos separava do próximo posto era de um quilômetro e fomos informadas de que apenas alguns operarios permaneciam lá. Clareara o dia e num pequeno bosque de vidoeiros todas as aves da primavera, na Laponia, elevavam suas vozes estridentemente — mas tudo o que desejava era ter um teto sobre minha cabeca e descansar à vontade. Mil passos fazem um quilômetro. Contei, contei, e um quilômetro transformou-se em dois e três. Aquela contagem tornou-me ainda mais sonolenta. Finalmente, tivemos o receio de haver ultrapassado

o posto sem o vêr em nosso estado de semi-inconciencia. Mas, por fim, a pequena cabana cinzenta apareceu na curva da estrada. O relogio já marcara cinco horas da manhã.

Fazia mais frio na cabana do que lá fóra. Havia um fogão de cozinha no meio do chão; pelas parêdes, tarimbas com um pouco de feno e folhas sêcas, todas vazias com exceção de uma: nela um homem enrolado em uma côlcha vermelha dormia como uma pedra.

Não se despertou nem quando acendemos o fogão. Procuramos aquecer o interior da cabana antes que chegasse o velho reumático. Sentadas em cadeiras sem encostos dormitamos enquanto o esperávamos. Quando os rapazes entraram transportando o pai de Dagny, o homem deitado na tarimba ergueu-se sobressaltado e fitou-os com os olhos azues, perscrutadores, os louros cabelos desarranjados sobre a testa: "Em nome do diabo, já estamos em guerra ?" Imaginava que traziam na padiola um ferido.

Enquanto explicávamos a situação, o homem vestiu suas calças, pôs os sapatos e então botou no fogo a chaleira e trouxe todos os suprimentos necessarios. Com mão aberta, ofereceu-nos pão e manteiga, salchichas e queijo, café e leite. Fôramos tambem recebidos com muita cordialidade nos outros lugares, mas nunca como uma hospitalidade tão viva e jamais estimulados a comer e beber com tão insis-

tente e amistosa solicitude como da parte deste operario suéco. Esta contagiosa e irradiante bondade ajudou-nos a restaurar as nossas forças perdidas em 14 horas de fadiga. Jon Anderson ! E você, tambem, Jonas, seu bom companheiro, guardarei com gratidão seus nomes na minha saudade até o dia de minha morte !

Os rapazes não puderam regressar ao trabalho nesse dia, de maneira que todos ficamos juntos. É inacreditavel como algumas vezes é bom deitar-se na madeira dura de uma tarimba. A última coisa de que tive conciencia, antes de fechar os olhos, foi Jon Anderson caminhando de um lado para outro através a cabana com sua colcha vermelha, incapaz de decidir a quem deveria agazalhar. Finalmente, resolveu-se pelo velho reumático. Pouco depois mergulhávamos todos em um sono profundo.

SUÊCIA, VERÃO DE 1940

CAPÍTULO I

Durante o dia, o restante do nosso grupo atravessou a fronteira, acompanhado de alguns soldados. Estes disseram que as autoridades militares viriam ter conosco de automovel e nos levariam para a alfândega e o posto de turistas de Strimasund.

É grande a distancia entre as fazendas, e todas as da Laponia suéca parecem pequenas e pobres. A região aquí ainda é grandemente aproveitada pelos lapões, que pastam seus rebanhos de renas nas montanhas durante todo o verão. Um pico branco atrás do outro com os cimos estereis e os flancos cobertos de pequenas camadas de vidoeiros. E todas as aguas correm para o Ume, o grande rio cujo curso deveriam seguir.

Aqui, tambem, é primavera, primavera como nós os nórdicos conhecemos e amamos. A neve ainda cobre tudo, mas está derretendo e enche o ar com uma nevoa perfumada durante todo o dia; ao entardecer, sente-se um odôr frio de pedra molhada e dos agitados rebentos de vidoeiros. Um jovem trabalhador, que iria conosco no carro, esteve pelas redondezas e mostrou-nos algo muito belo que ele guardava ternamente no grande punho: um cêpo verde musgoso, estreitamente entremeado com flores miudinhas côr de rosa carregado. Descobrira-o numa

fenda da montanha iluminada de sol, essa especie de saxifraga que é a primeira flôr da primavera aqui. Ia levá-la para a sua "patrôa", disse orgulhoso. Mas nos foi permitido segurá-la um pouco e contemplá-la detidamente.

O caminhão chegou, repleto de soldados. Êles conseguirem nos espremer lá dentro de qualquer maneira. E mais uma vez tornou-se necessario conservarmo-nos literalmente agarrados uns aos outros segurando o mais próximo de si e então fomos aos solavancos por estradas que eram quasi tão terriveis como os caminhos no lado norueguês.

Havia aglomerações de soldados em toda a parte. A Suécia estava inteiramente mobilizada. Eram tropas "landstorm" — os reservistas — que estavam aí acampados, com capote cinzento azulado, guarnições de azul escuro e chapéus tricorneo. O uniforme é de certa maneira reminiscente daquele usado pelos soldados de Carlos XII. Não era tão absurdo como deve ter parecido aos olhos da imprensa estrangeira quando os russos em Tiriijoki vestiram um punhado de traidores finlandeses nos velhos uniformes Carolinianos do museu de Leningrado. Creio que os proprios russos não vêem diferença entre êles e os uniformes que a infantaria suéca usava até bem poucos anos. Agora, os reservistas deviam aproveitá-los: a infantaria recebeu os uniformes cinza-esverdeados de estilo europeu comum.

Os soldados começaram a nos fazer perguntas precavidas sobre a guerra na Noruega. E alguns dêles não puderam resistir ao impulso de expressar seu descontentamento por não lhes ter sido permitido ajudar a luta dos noruegueses. Os companheiros impuseram-lhes silencio; os reservistas são homens mais velhos, sendo na maioria casados e pais de familia. E êles se sentirão felizes enquanto puderem evitar serem envolvidos pela guerra. Entre os soldados que encontrei mais tarde, no sul do país, o desgosto pela inação forçada da Suécia, e o desejo de lutar eram muito mais acentuadas.

A inspeção da alfândega em Strimasund não foi trabalhosa, embora nenhum de nós tivéssemos salvo-conduto ou, em suma, qualquer coisa semelhante a papéis de identidade. E no posto de turista os Lottes fizeram tudo para arranjar cama para nós; não era facil, porque tinham a casa cheia de oficiais. Finalmente arranjou-se tudo, com todos os homens num quarto e as mulheres e crianças noutro. Ainda assim não nos podíamos despir — entre outras razões por que havia alarmes quasi toda a noite; era a época em que os aeroplanos alemães constantemente sobrevoavam o territorio suéco. "Por engano — diziam uns — "para espionar os preparativos suécos de defesa" — afirmavam outros. E todos acreditavam na última versão.

Depois que os suécos puseram abaixo grande número de aviões, a situação melhorou. Provavel-

mente foi acima de tudo por estarem preparados que êles escaparam ao ataque alemão, pois as perdas de homens e material na Noruega completamente desprevenida tinham sido tão grandes, que dificilmente pareceria tentador lançar-se contra o suéco armado e pronto para a luta. Almas românticas — que existem em maior número na Suécia do que em outros paises escandinavos, diziam, alem disso, que se supunha que Hermann Goering havia prometido, sob sua palavra de honra na qualidade de oficial alemão, que jamais atacaria a última e amada patria de Karin. Nós noruegueses estávamos certos de que se Hermann tinha feito semelhante promessa, os suécos podiam contar serem atacados na primeira oportunidade.

Na manhã seguinte, em Strimasund, o Professor Paasche irrompeu pelos aposentos a dentro enquanto nos lavávamos mais ou menos em trajes menores. O radio tinha acabado de anunciar as noticias da invasão da Bélgica e Holanda por Hitler. Alguns do nosso grupo consideram-nas boas novas; agora a guerra na frente ocidental estava começando a se agravar; lá os alemães encontrariam oposição de idêntica força; quando Hitler não pudesse mais proporcionar aos alemães vitorias e conquistas a preços de pechincha, o grande povo amigo da paz se levantaria contra seus tiranos. O fim do poderío de "gangster", o fim da guerra — de todos os paises que Hitler os forçara a subjugar, as tropas alemães

se apressariam a regressar à patria para pôr sua própria casa em ordem. Eu era consideravelmente menos otimistas; entre outras coisas, nunca tive a mínima fé na possibilidade dos alemães voltarem atrás em qualquer conquista, a não ser que esta lhes seja arrebatada.

Mas a tragédia da frente ocidental ultrapassou os presagios dos meus momentos mais pessimistas.

Durante o dia nós fomos conduzidos mais para o interior da Suécia, internados numa aldeia, ainda mais apinhada de soldados, e daí prosseguimos a viagem de ônibus. Oficiais e soldados fizeram o possivel para serem uteis e agradaveis. Só ocasionalmente um oficialzinho da localidade não pudéra esconder seu nervosismo porque seu distrito estava sendo invadido por pessoas tão perigosas como os refugiados norugueses deviam ser e deu largas à sua irritação em face da contingencia. O ônibus no qual fomos enviados para o sul estava tão cheio que parecia impossivel que se pudésse arranjar espaço para mais algum passageiro. Um grupo de crianças finlandesas e velhas mulheres que tinham sido refugiadas no nordéste da Noruega estavam agora regressando à Finlandia em fuga. "Os filandeses podem viajar de graça e os noruegueses têm de pagar", decretou o chôfer.

Em cada parada havia pessoas esperando para tomar o ônibus. Dagny e eu recebemos a ordem de ceder nossos lugares a dois operadores de telefone:

"Então um dêles levará a velha senhora", isto era eu — "e o outro levará a mocinha no seu joelho". Nós quatro obedecemos com ar grave, embora o que fôra favorecido com a "mocinha" parecesse estar com vontade de rir. Um pouco mais tarde ambos os trabalhadores excavaram seus bolsos e apanharam uma nota suéca de cinco "kroners", cada, que êles queriam nos dar: "Para o café e um pouco de comida no caminho". Nós agradecemos a êles bastante sensibilizadas, mas explicamos que as coisas não estavam tão ruins para nós; quando alcançássemos Storuman poderíamos conseguir dinheiro de amigos na Suécia; certamente haveria muitos refugiados que precisavam ainda mais do que nós. Os homens encolheram os ombros. Na estação onde saltaram vi que um dêles, pelo menos, deu sua nota a uma mulher de Mo, em Rana, que ia tentar alcançar uma irmã mais para o norte na Laponia.

Parecia totalmente irreal ir a um verdadeiro hotel outra vez — um hotel suéco de turistas arranjado com o gosto e conforto suécos, excelentemente dirigido, como quasi todos os hotéis suécos são. Apenas a agua quente que ambicionávamos não se materializou: havia racionamento de combustivel e o aquecedor foi abolido. Mas as criadas do hotel carregavam a agua quente em baldes, com angélica bondade. E o jovem cabeleireiro da pequena estação acedeu em vir e nos forneceu, a Stina Paas-

che e a mim, "shampoom", embora fosse o segundo dia de Pentecostes, e feriado na Suécia.

As duas ou três pequenas lojas da cidade estavam quasi completamente desprovidas de mercadorias, tantos eram os refugiados que tinham vindo como nós, com pouco mais do que as roupas por cima da pele. Eu precisava de alguns lenços, mas os únicos que restavam eram aqueles bordados de preto que os camponeses costumam levar nos funerais. Geralmente não presto atenção a agouro, mas agora estava inquieta por causa de Hans e não gostei daquilo. Foi por isto que Stina e eu rimos e caçoamos bastante dos meus lindos lenços de luto.

CAPÍTULO II

De tempos em tempos nós tínhamos de dizer adeus à maioria dos nossos companheiros de viagem. Nossa amiga que sofria de lumbago teve que ficar no hotel para descansar por uns dias, numa boa cama. Numa estação entre Storuman e Estocolmo, os Paasches e eu nos separamos. A sra. Paasche é suéca e êles iriam ficar lá por enquanto com os parentes dela. Era uma noite clara de primavera — o céu tão claro como vidro e de côr verde pálida no horizonte; a especie da noite que nós os noruegueses adoramos, embora nos torne melancólicos e meio doentes ansiando pelo verão, agora próximo, mas que sempre nos deixa outra vez antes de ter extinguido a metade de nossa sêde pelo calor do sol e verdes campos. E agora toda a Noruega vivia em nossa saudade. Sentíamo-nos tão nostálgicos que pensávamos ter chegado ao fim a nossa resistencia.

Minha amiga Alice telegrafou-me para Storuman convidando-me para ficar com ela. Seu filho tinha sido mobilizado, eu podia então ficar com o quarto dele, pois minha irmã casada em Estocolmo não tinha quarto de hóspede.

Ambas me receberam na estação. Estavam comovidas, mas não mais do que seria natural, pensei, depois de tudo o que tinha acontecido. Não foi se-

não no dia seguinte que ela me contou que Anders tinha sucumbido na luta na ponte Segelstad. Ela desejára deixar-me primeiramente descansar um dia antes de contar-me. Hans, eles supunham, tinha vindo para casa em Lillehammer depois da rendição; de qualquer forma era certo que ele não estava a bordo do Brand IV quando o navio hospital foi bombardeado pelos alemães.

CAPÍTULO III

Minhas impressões da Suécia no verão de 1940 são unilaterais — todos os meus amigos suécos tinham a mesma atitude que a minha a respeito do nazismo.

É verdade, havia círculos na Suécia que eram muito simpáticos aos nazistas. Durante a primeira Grande Guerra a maioria dos suécos da classe alta — a nobreza, os oficiais, os financistas, os líderes da industria e comercio — eram pronunciadamente germanófilos. E a vasta classe média, que naquela época preferia ser, de qualquer maneira, da mesma opinião da nobreza e o exército, era mesmo mais fortemente germanófila em suas simpatias. A facção "Storvenske" (como apelidamos os nacionalistas suécos) parece ter tido um sonho nebuloso de que uma grande e vitoriosa Alemanha faria com que as nações "germânicas" fossem as senhoras da Europa, ou do mundo, e sob a liderança da Alemanha, a Suécia, de uma maneira ou de outra, tambem recuperaria algo de sua posição como uma grande potencia que era antes de Carlos XII ter arruinado o país com suas façanhas guerreiras, que motivaram a perda do dominio do Mar Báltico. Em oposição ao partido "Storvenske" permanecia tudo na Suécia que representava liberdade de pensamento, opinião

política radical e liberal. Estes círculos mostraram-se amigos verdadeiros da Noruega em 1905 quando dissolvemos a união com a Suécia. Não há nenhuma razão para duvidar que Oscar II, então Rei da Suécia e Noruega, jamais teria guerreado contra um povo que era seu súdito. Ele considerava sua relação com os súditos como paternal, e embora fosse suéco, de corpo e alma, êle certamente amava Noruega — como um sendor feudal ama seu filho mais novo, uma criança aborrecida e menos importante do ponto de vista de família, porem, não obstante seu filho. Mas é pouco provavel que o conflito entre a Noruega e a Suécia pudésse ter sido liquidado pacificamente se o Partido Suéco da Esquerda e os Sociais Democratas e um grande número dos artistas e intelectuais suécos não se tivessem oposto à guerra e ao uso de força contra a Noruega, o país mais democrático da Escandinavia, a patria de Ibsen e Bjornstjerne Bjornsen. É igualmente certo que se a Noruega e a Suécia estivessem ainda unidas em 1914 numa união pessoal sob um rei Bernadotte, sendo a Suécia o país lider na união, "os povos irmãos" dificilmente poderiam ter evitado entrar na guerra ao lado da Alemanha. Todos os meus amigos suécos pertenciam a este círculo de liberais. Politicamente, a maioria era social-democrata. Muitos tinham sido comunistas, até a época em que o ataque à Finlandia abriu-lhes os olhos ao fato de que o Comunismo de Stalin é apenas uma nova e mais

brutal edição das peores tendencias da Russia dos czares — o desejo de aumentar seu poderio conquistando o território dos vizinhos e por conservar as massas numa espécie de semi-escravidão, a indiferença à vida e bem estar do individuo, o que será sempre incompreensivel a povos de sociedade cristã e democrática não obstante e quão imperfeitamente êles pratiquem seu cristianismo e sua democracia. É característico do idealismo norueguês e suéco o fato de justamente o círculo de jovens que "acreditavam na Russia" ter acorrido à Finlandia; para servir como soldados ou trabalhadores civís na guerra Stalin, o novo Herodes que tinha assassinado o salvador do mundo no seu berço. Embora seja injusto dizer, como foi muitas vezes dito, que a guerra de Stalin era principalmente uma guerra contra os lares trabalhadores finlandeses, que as ambulancias, igrejas e edificios marcados com a Cruz Vermelha eram os objetivos que os bombardeiros soviéticos visavam de preferencia, os homens da Linha Mannerheim foram bombardeados bastante severamente e centenas de milhares de soldaos russos foram trucidados como rebanhos ante a muralha dos defensores finlandeses. Mas no verão de 1940 os comunistas finlandeses desiludidos ainda estavam loucos de dôr e odio contra a Russia Soviética que lhes tinha roubado sua esperança de eterna bem-aventurança que se tornaria uma realidade na república de trabalhadores e camponeses russos.

O círculo inteiro de meus conhecimentos na Suécia era então anti-nazista. Mas é certo que os alemães já tinham conseguido reduzir o número dos seus amigos e aderentes bastante apreciavelmente. Havia varios milhares de alemães em Estocolmo, e ninguem duvidava que êles tivessem recebido instruções do presente regime alemão — cada homem ou mulher solteiros que tinha entrado no país nos últimos sete ou oito anos, exatamente como fôra averiguado na Noruega... E a Suécia, que ficara quasi que completamente cercada entre o inimigo hereditario, a Russia, e sua ex-amiga, a Alemanha, estava numa posição dificil, forçada a ter consideração pelos desejos do ditador dos estados totalitarios — muitas vezes a um grau que deve parecer quasi intoleravel a uma nação, que geração após geração tem acariciado suas "gloriosas tradições" do tempo em que os reis heróis suécos e os soldados suécos arremessavam as espadas na balança sempre que o destino da Europa estava sendo decidido.

A habilidade infalivel dos alemães de destruirem qualquer simpatia que êles podem ter conquistado, onde quer que alguem tenha alguma simpatia por êles — uma habilidade que é ainda mais eminente do que a habilidade de organizar seus recursos humanos e materiais — tambem tornou-se evidente aqui. O Rei Prussiano que perseguia nas ruas seus súditos acometidos de terror, a traça voando, a bengala levantada alto, gritando freneticamente: "Ihr

sollt mich lieben ! Ihr sollt mich lieben !" ("Você há de me amar ! Você há de me amar !") — este é o eterno alemão.

Não nego que me alegrei quando um par de parentes da primeira mulher de Goering, que tive oportunidade de encontrar, expressaram seu amargo desapontamento pelo nazismo. Entre êles, uma senhora estava profundamente pesarosa; tinha sido tão dedicada a Hermann, e sua amada Karin tinha dado sua vida por esse movimento que teve um tão triste epílogo. Outro, um jovem médico, cujo nome pertence à velha nobreza suéca, explicou que alguns anos atrás tinha estado com Goering por catorze dias, numa das casas senhoriais da Familia. Êle ouvira dizer que aquele individuo declamava hora após hora, diariamente. Desde então seu odio e desprezo ao nazismo tinham sido ilimitados. Recentemente tivera dificuldade com as autoridades por causa da violenta linguagem de alguns de seus artigos sobre a nova Alemanha.

CAPÍTULO IV

Yngve, o marido de Alice, ocupou-se em conseguir os necessarios papéis para mim, inclusive os cartões de racionamento. Quando vim para Estocolmo apenas uns poucos artigos importados eram racionados. Excéto o sabão, pois a Suécia normalmente fabrica bastante sabão para seu proprio uso e para a exportação. E o aquecedor da casa onde vivíamos estava fechado. Nós aquecíamos a agua na cozinha para um banho quente de vez em quando; do contrario nós tínhamos de nos arranjar com chuveiros frios.

"Blackouts" não tinham tanta importancia em Estocolmo; em meiados de maio fica claro até noite alta. Mesmo assim, nós nos sentíamos felizes quando depois de certo tempo foram abolidos: era agradavel poder acender as lâmpadas sem ter primeiro que compôr as cortinas escuras nas janelas. Mórmente em Estocolmo, que tem relativamente mais restaurantes ao ar livre do que qualquer outra cidade da Europa, com a possivel exceção de Copenhague. E em nenhum lugar do mundo êles eram tão adoraveis como aquí: muitos dêles foram outrora velhas tavernas à beira de estradas celebradas pelo poeta Bellman, conservando nos seus interiores simples a fragrancia do amor à vida e a beleza caracte-

rística do tempo de Gustavo III, com um esplendor de flores que nunca vi igualado noutra parte. Mas à noite é mais bonito do que tudo, quando as lanternas são acesas entre as largas ruas velhas e iluminam as abóbadas das novas folhas verdes. Saímos bastante à noite para sentarmos e olharmos para aquilo; havia uma atmosfera de despedida em toda a parte. Nenhum suéco acariciava quaisquer ilusões sobre o futuro. Na melhor hipótese a Suécia provavelmente escaparia de ser arrastada à guerra, mas o cerco, a perda de todos os mercados do país excéto a Alemanha (que por si propria decidia o que e com que pagaria), o vasto dispendio para a defesa, a mobilização que conservava os jovens afastados de suas ocupações e estudos, tudo junto significava o fim daquela "prosperidade" que a Suécia tinha utilizado tão sabiamente. Era pouco provavel que no próximo verão alguem pudesse ser tão pródigo em flores como nós estávamos acostumados a ser nos paises escandinavos. Estávamos sempre famintos de sol e verão. E logo que conseguímos elevar nosso nivel de vida, procuramos fazer do verão um festival continuo de flores. Havia uma preponderante profusão de flores, de côres e aromas nos parques em volta dos antigos edificios nobres do meio da cidade, nos parques que rodeavam as casas dos trabalhadores, em volta das casas da fazenda, e casas de campo, nos floristas e nos mercados, nas varandas e nas janelas da frente de toda a gente.

Mas os suécos estavam longede ter certeza da paz. Comparada com outras capitais através do mundo, Estocolmo ainda era um modelo de ordem cívica e asseio. Mas nós que tínhamos conhecido a cidade anteriormente notávamos fachadas que não tinham passado pela limpeza anual, edifícios que precisavam pintura, ruas danificadas pela geada, que não tinham sido reparadas tão cuidadosamente como de costume. Dizia-se abertamente — não adianta ter trabalho se os russos ou os alemães estão para nos bombardear um belo dia.

Os suécos davam voltas observando sua capital. O brilho do sol cintilava brancamente na agua do lago Malar, e no braço do mar Báltico que se encontrava sob as pontes no centro da cidade; o ar tremulava com uma leve neblina prateada. Na parte mais antiga da cidade, na ilha do castelo, os interiores das velhas casas de pedra da Idade Média tinham sido reformados — tornando-se modernos e práticos — mas permitindo que as fachadas com suas calhas decorativas se conservassem intactas. Aquí e acolá, para fornecer ar e luz para as ruas estreitas e tortuosas, um quarteirão de edifícios sem grande valor artístico tinha sido posto abaixo e fora criada uma pequena e linda praça. Nos suburbios da cidade estavam situados grandes quarteirões de novos hospitais e asilos velhos, novos centros científicos, setores inteiramente novos da cidade, com casas modernas particularmente bonitas para pessoas dos mais va-

riados recursos. Os velhos e pitorescos bairros pobres, com pequenas casas de madeira amarelas, verdes e vermelhas, foram tornadas higiênicas onde era possivel; onde não era posivel tinham sido substituidas por algo novo que tambem era bonito. Não encontrei nenhum suéco que não quisesse que a Suécia se defendesse até o extremo se o país fosse atacado, mesmo que todo Estocolmo e outras amadas e belas cidades fossem reduzidas a ruinas. Mas que êles esperassem que isto poderia ser evitado era muito natural.

Toda a vez que eu descia no elevador, a primeira coisa que via era o cartaz que tinha sido colocado fronteiro ao mesmo, no "hall", informando-nos que havia salas à prova de bomba no porão embaixo do edificio. Em todas as ruas viam-se sinais a curtos intervalos mostrando o caminho para os mais próximos abrigos. E estavam trabalhando para aprontar mais e maiores abrigos no solo rochoso debaixo dos mercados e parques; durante todo o dia nós ouvíamos o estampido das explosões. Bastante estranho era que ressoassem mais violentamente nos meus nervos que as explosões das bombas que nos foram dirigidas e o estalido dos canhões anti-aéreos em ação na minha patria, a Noruega. E os apitos dos navios no cáis e o zumbido dos aviões suécos que cruzando sobre a cidade à noite acordavam-me de instante a instante; no meu país muitas vezes fui

dormir não obstante os alarmas e os aeroplanos inimigos estarem passando sobre nossa casa.

Alice estava ocupada com um trabalho histórico de modo que fazia frequentes consultas às bibliotecas públicas. Eu ia com ela; queria anotar algumas das opiniões expressas por escritores dinamarqueses da Idade Média sobre os seus vizinhos, os alemães-saxões, como eram chamados então. Nas salas, nas mesas de consultas, não se via quasi ninguem a não ser mocinhas, mulheres estudantes, alguns homens velhos, e o que os suécos chamam "kronvrak" (náufragos da corôa), conscritos rejeitados como fisicamente incapazes.

As mocinhas e os rapazes abaixo da idade do serviço militar compulsório — entre outros, meu sobrinho, que tinha acabado de entrar para a Universidade, tinham sido registrados para trabalhos voluntarios no país. Os fazendeiros estavam se ressentindo da falta de braços. E a seca começou a ser perigosa quando continuou em junho. Não tinha havido nenhuma boa chuva desde a primavera anterior e pouca neve tinha caído no inverno, um dos mais frios de que o homem tem memória. Um meu amigo finlandês, que perdera tudo que possuia — sua bela e antiga propriedade ancestral era situada perto de Vibong, e agora estava provavelmente caindo em ruinas como um resultado da desordem e imundicie russas — disse que as macieiras por toda a Finlandia tinham morrido regeladas durante o inverno

da guerra, entre elas umas duas mil que êle plantara na sua antiga propriedade, e embora êle se sentisse com respeito aos russos da mesma maneira que os outros finlandeses, não podia deixar de lamentar as árvores mortas. Tinha perdido a esposa um ano antes de arrebentar a guerra. Naquela época a morte dela quasi o aniquilara. Agora êle estava contente, ela escapára de experimentar a paz amarga.

CAPÍTULO V

Eu pensava a mesma coisa cada manhã quando apanhava o jornal e passava uma vista pelas últimas noticias da guerra, ao sair para ir à missa na pequena capela dominicana na rua Linné: "Graças que Anders não tem que passar por isto". Quem entre nós se atrevia a esperar que a Inglaterra fosse capaz de defender sua vida por muitas semanas se até a França tinha sido invadida? Menos do que ninguem, nós os noruegueses, com a nossa experiencia que custou tão cara de quão desastradamente sem preparo a Inglaterra se tinha mostrado na Noruega e quão inutilmente os rapazolas ingleses sem treinamento tinham sido trucidados nas gargantas de nossas montanhas.

Anders tinha vivido na Inglaterra por quatro anos, como "aprendiz" nas fábricas Austin e como estudante na Universidade Técnica de Birmingham. Para êle, como para mim, a Inglaterra era o lugar mais querido do mundo depois da Noruega. Nas fundições e nas forjas, em todos os departamentos da grande fábrica, seus companheiros tinham sido trabalhadores ingleses e êle nunca poderia louvá-los suficientemente pelo seu tato, e sua simpática e bondosa reserva. E tinham mesmo uma certa benevolencia a respeito da Alemanha Nazista. "Talvez ti-

véssemos sido demasiado duros com êles quando perderam a guerra; não se deve golpear o inimigo quando êle está caído". Ficaram embaraçados e ruborizados quando os jornais e o radio relataram as manifestações completamente histéricas de adoração dos alemães por Hitler. Que a perversão sexual tinha arruinado alguns grupos de pessoas na Inglaterra tambem, os trabalhadores estavam bem inteirados, e o seu instinto saudavel lhes dizia que o entusiasmo por Hitler era em parte ceifa desta mesma deonça, para a qual as trincheiras da anterior Grande Guerra tinha dado impulso violento. Os trabalhadores da fábrica em Northfield ficaram vermelhos e resmungaram:

"Com certeza êles devem estar malucos: acho que devíamos ter feito qualquer coisa para ajudá-los, antes dêles ficarem tão alucinados assim".

No nordéste da Noruega um exército noruegués e a armada ainda lutavam ombro a ombro com ingleses, poloneses e os "chasseurs alpins" franceses — estes últimos e o povo de lá combinavam tão bem como "whisky" e soda. Todavia, as más noticias continuaram a afluir: a Holanda fôra derrotada, a Bélgica tinha sido forçada a se render, a França... não, nós não podíamos deixar de esperar que o milagre acontecesse. "Ó Deus, "sauvez, sauvez la France, au Nom du Sacré Coeur", nós cantávamos na igreja dos Dominicanos, na missa pelas al-

mas dos soldados noruegueses e franceses tombados na Noruega.

Entrementes, eu soubera com segurança que Hans tinha ido para casa em Lillehammer, bom e ileso, depois da capitulação da Noruega meridional. Agora êle estava em Oslo, mas procuraria obter os papéis necessarios de maneira que pudesse vir ter comigo na Suécia. Eu tinha recebido telegramas de amigos na América, oferecimentos para escrever artigos em revistas, pedidos para levar avante o ciclo de conferencias para a qual havia assinado contratos no começo do inverno, quando o plano era de que eu falasse entre outras coisas sobre a batalha da Finlandia. Mas eu não podia fazer nada enquanto não tivesse meu filho fóra do país, ocupado pela Alemanha: estávamos com os ouvidos cheios das histórias de como eram tratados os refens.

Enquanto esperávamos as noticias de Hans, Yngve e Alice propuseram que fôssemos visitar Hamarby, a propriedade de Linné na planicie fóra de Uppsala. Entre os trabalhos que eu planejara e começára antes de deixar a Noruega havia uma biografia popular de Carl von Linné — está faltando na Noruega um trabalho assim. E sempre, desde a minha adolescencia, Linné foi para mim uma espécie, de santo padroeiro secular. A maravilhosa fragrancia de juventude e alegria e de descoberta nos seus livros sobre suas viagens à Suécia, o encanto de suas notas autobiográficas, a natureza intensa e sensivel

que se revela de mil surpreendentes maneiras no quer que seja que êle tenha escrito, sempre me cativaram. E a fé severa e máscula nas notas a respeito da Nemesis Divina, que êle escrevera para o filho depois dele próprio estar condenado à morte, como que adquiriu uma nova significação nestes dias. O filho do ministro da pobre patria nasceu justamente quando os dias da Suécia como uma grande potencia estavam se aproximando do fim. — Carlos XII estava comandando os exércitos suécos aquí e acolá no continente longe de sua terra natal; na patria suéca, mulheres e crianças trabalhavam para conservar o povo vivo durante os anos de necessidade. Carl Linnaeus deu ao seu país um novo posto como grande potencia, no mundo internacional da ciencia natural que estava acabado de se concretizar. Êle próprio coseguira sucesso material em grau maior do que a maioria das pessoas, e que êle fosse elevado à nobreza não era nada de extraordinario naquele tempo: pelo menos a metade das familias que estão inscritas na Riddarhuset (Casa da Nobreza) suéca ou finlandesa é descendente de homens que foram enobrecidos pelos seus serviços ao país, como soldados, eruditos, administradores, artistas. A prosperidade não o fez nem otimista, nem pessimista: o Barão von Linné sabia o que sempre soubera: Deus governa o mundo com uma mão rigorosa e justa; mais cêdo ou mais tarde, sua vingança surpreende um a um todos os que praticaram a fraude e a ini-

quidade; "Os conquistados têm uma arma ainda, êles apelam para Deus".

Nós fomos para Hammarby uma manhã, no fim de maio. Trovejou enquanto nos dirigíamos pela extensa planicie da Laponia, com seus campos de um verde pálido e as terras lavradas de um cinza esfumaçado; parecia que íamos ter afinal a tão desejada chuva. Éramos os únicos visitantes de Hammarby naquele dia. A mansão de Linné não é grande: um edifício central e duas alas apenas formam um conjunto de casas de dois andares pintadas de vermelho. Muitas fazendas na região norueguesa onde nasci têm edifícios maiores. O jardim é de certo modo como deve ter sido no tempo de Linné, plantado de acordo com seus próprios planos. Mas "Russia", a parte do jardim onde êle colocou as plantas enviadas por Catarina, a Grande, do seu reino, tornára-se, mais uma vez, uma mata de frondosas árvores suécas. Apenas uma especie de flôres da Sibéria, de um amarelo pálido, tinha se adaptado alí; crescia como joio por toda a propriedade.

Percorremos os aposentos desertos. Caracterizavam-se por uma simplicidade quasi espartana, mas a mobilia de madeira, pintada com simplicidade, torna evidente que o gosto suéco tem sido sempre seguro e distinto. O quarto de dormir e a sala de trabalho de Linné são forrados de papéis representando as páginas de um grande trabalho sobre plantas exóticas, — êle cortou-as e colou as gravuras nas

paredes para poder olhá-las enquanto projetava seus trabalhos. Alice contou uma excitante historia sobre uma velha autora suéca que depois de um jantar oferecido a Ibsen, beijara a toalha de mesa onde a mão do escritor tinha descansado. Eu ri, mas então fiz o mesmo — beijei a tampa da secretaria, onde a mão de Linné deve ter descansado muitas vezes.

Mais tarde sentamos lá fóra sob as árvores, onde a mulher do zelador serve café e pão com manteiga. Começou a chover, uma esplêndida chuva grossa, e bebemos pelo bom cheiro da terra molhada e relva nova. E Alice murmurou a citação que eu anotei e pensei todo o tempo:

"Os conquistados têm uma arma ainda, êles apelam para Deus".

CAPÍTULO VI

A Noruega ainda não estava conquistada. Na Noruega do norte, nós lutávamos, não sem sucesso, contra os alemães. A parte do nosso exército que estacionára lá tinha sido mobilizada depois que estourou a guerra da Finlandia. Êles tiveram oportunidade de mostrar que nossos rapazes tinham nêles próprios uma têmpera tão boa de soldados como a dos finlandeses. É um pensamento amargo — o quanto poderíamos ter efetuado contra o exército de invasão ao sul da Noruega, se nossos rapazes tivessem tido treinamento suficiente e material de guerra.

Tal como as coisas eram, êles realizaram algo. Certo dia recebi a visita de um soldado que lutára na tropa de Anders; tinha sido um daqueles que tinham trazido seu esquadrão pelas matas durante a noite; seus companheiros carregaram-no com êles quando tiveram que desistir da posição na ponte. Anders tinha tomado três canhões que tinham estado em ação desde o tempo das batalhas do norte de Oslo, em Bleiken Saeter, em Hadeland e novamente de volta para Gudbrandsdal. E o peor de tudo era que de vez em quando êles tinham que ceder posições no lado da montanha que dominava um trecho da estrada e que êles poderiam ter sustentado por semanas — isto é, se sucedesse justamente uma bom-

ba explodir sobre êles — se apenas tivéssemos bastante homens para sustentar as estradas laterais que conduziam de um vale ao outro, e bastante armas e bastante munições. Mas êles sempre tinham que retroceder porque os alemães estavam na sua retaguarda. Mas fizeram bastante. Em um lugar contamos quasi duzentos soldados alemães deitados aos montões ao longo da estrada rural, mortos e feridos. "Deve ser isto um grande conforto para você ?" Ê.

E Anders se revelou um tão esplêndido oficial, calmo, bravo, cheio de recursos em fazer o melhor uso possivel dos poucos homens e do que êles possuiam em matéria de equipamento. "E, então, sabe, êle foi uma pessoa tão incomparavelmente bondosa". **Snill** — a palavra norueguesa intraduzivel; bondoso é o que se aproxima mais, porem **snilhet** tem que ser de modos tranquilos não demonstrativo; a bondade não tem que ser sempre assim. Mas para a maioria dos noruegueses o melhor que se pode dizer de uma pessoa é que ela é "snill'.

O soldado era um velho norueguês que vivia na Suécia como cidadão suéco. Acontecera êle estar em Lillehammer em 10 de abril, quando um caminhão cheio de soldados que estava indo para Jorstadmoen passou zunindo por êle na rua, êle fez sinal e tratou de se lançar no carro. Depois ficára com êles durante toda a campanha. Mas para êle, naturalmente, a guerra acabara agora, de qualquer maneira

pelo presente", — êle riu quietamente. "Se chegar o dia em que pudermos pensar em expulsar aquela cambada, então, devo esperar fazer minha parte".

Mas quasi todos os dias soldados que imaginavam que eu os pudesse auxiliar a regressar à Noruega pela Laponia e ir para a guerra novamente me procuravam. Mas eu não podia fazer muita coisa; não era de todo facil para os rapazes que tinham penetrado na Suécia vencer a jornada de volta até a frente de batalha na Noruega. Mas alguns deles o conseguiam.

Finalmente, num dos últimos dias de maio recebi um telegrama de Hans — êle fôra internado num posto militar no lado suéco da fronteira, mas esperava poder sair num dos próximos dias. Raramente fui eu mais feliz do que na manhã em que o recebi na estação em Estocolmo.

Êle obtivera um passaporte em Oslo e haviam-lhe prometido que as autoridades alemãs lhe concederiam permissão de sair. Mas então os alemães demandaram que se apresentasse às autoridades alemãs mais uma vez, pois, queriam falar com êle. Nesta ocasião êle soube que o chefe da Gestapo em Oslo era um antigo "Wienergutt" e falava perfeitamente o norueguês. Tinha a impressão que êles exigiriam promessas dele que não poderia fazer. Então vestiu-se como se fosse dar um passeio pela cidade — os alemães achavam suspeitas as roupas esportivas — tomou um trem para uma estação fóra de mão em

uma das provincias florestais perto da fronteira suéca, abordou um dos ônibus lá e viajou nele até que passou por um atalho que parecia promissor. Nas florestas êle encontrou varios jovens noruegueses; formavam um pequeno grupo quando chegaram ao primeiro posto militar suéco, depois de uma jornada de quatro milhas norueguesas através as matas.

Os alemães conservavam guardas em todas as estradas da Noruega que conduziam à Suécia, mas era impossivel para êles vigiarem uma floresta que atravessa milhas de matas intransitaveis. Êles tinham medo de andar pelas nossas matas. Pequenos grupos de patrulha que se aventuravam a penetrar tinham poucas probabilidades de sairem vivos outra vez. De nada adiantava os alemães se vingarem implacavelmente quando os seus soldados eram atingidos por civís ou êles pensavam que o tivessem sido. Numa pequena fazenda em Gudbrandsdal, onde Hans e eu conhecíamos a familia, os alemães pegaram o único "homem" que estava em casa, um menino de onze anos, e o fuzilaram contra a porta do mães tinham sido abatidos daquela fazenda. Naceleiro, enquanto a mãe e a pequena irmã eram obrigadas a assistir, porque alegavam que soldados alequela época ainda havia soldados noruegueses na floresta em ambos os lados. Mas o medo dos alemães pelos atiradores furtivos era completamente histérico e incompreensivel para os noruegueses que os haviam visto avançar em massa densa e sob coman-

do com absoluto desprezo pela morte; por que haveria de ser tão horrivel ser alvejado pelos civis com espingardas de caça e rifles ? Nas fazendas através do vale, onde os soldados alemães ficavam durante a noite, êles não se atreviam a "sair" depois do cair das trevas (em vez de toilettes, a maioria das fazendas norueguesas tem casinhas confortaveis bem conservadas ao lado dos estábulos). Quantos dos fazendeiros cujas casas tinham sido queimadas até o solo se consolavam dizendo que de qualquer forma teria sido impossivel conseguir que as casas ficassem tão limpas que se livrassem do cheiro de Deutschlum. Na Noruega o povo já está com a impressão que, isoladamente ou em pequenos grupos em que não esteja certo da superioridade em número e materiais, a maioria dos alemães está longe de ser corajosa — pelo menos como nós os noruegueses compreendemos a coragem. E, naturalmente, os fazendeiros noruegueses e as mulheres dos fazendeiros não podiam entender que fosse crime proteger suas casas contra estrangeiros que se aventuram a violá-las. "Não estávamos acostumados com a guerra, estamos acostumados à mostrar hospitalidade para com todos os que vêm às nossas casas e procedem bem, mas se alguem tenta forçar o caminho nós o pomos fóra sem nenhuma cerimonia".

Hans naturalmente tinha muito a nos contar sobre o que tinha visto na guerra na Noruega — do uso que os alemães faziam dos civis, mulheres e crian-

ças tambem, a quem êles conduziam na sua frente enquanto avançavam para impedir que os soldados noruegueses os atacassem. Em alguns lugares foram bem sucedidos, noutros não; os próprios civís em alguns lugares diziam aos nossos rapazes: "Atirem, atirem, não se importem conosco". Êle citou um par de nosso conhecimento, no vale, que tinha sido morto ou ferido desta maneira. A escola agrícola de Hove, fóra de Lillehammer, tinha sido atingida ficando em pedaços, embora os telhados de todos os edificios fossem marcados com grandes cruzes vermelhas. Em resumo, o povo da Noruega não achou que as cruzes vermelhas fossem nenhuma proteção contra os alemães — justamente o oposto. A explicação pode ser, de acôrdo com o que Hans sabia por observação pessoal, que os soldados alemães do Corpo Médico marchavam ou andavam de bicicleta no meio da infantaria ou artilharia, armados tão pesadamente como qualquer outro. Então, presumivelmente, êles esperavam que nós tambem abusássemos da Cruz Vermelha.

Hans foi de bicicleta a Kapp, no outro lado do Lago Miosen, para dizer à noiva do seu irmão que Anders tinha sucumbido. Ao longo da estrada havia uma quasi completa destruição; num certo período êle levou um quarto de hora sem passar por uma única habitação que não estivesse queimada. Em diversos lugares os alemães tinham abarrotado um edificio com os seus mortos e pegado fogo no

mesmo — a mesma história que Lars Moeen conta da Bélgica — êles tentavam encobrir quão grande suas perdas tinham sido. Deste modo êles queimaram, entre outras coisas, a igreja em Kvam — uma das mais belas igrejas de madeira. Os soldados alemães comuns, entretanto, nem sempre estavam certos de que todos os caídos estivessem mortos antes de serem queimados. Histórias de atrocidades circulavam entre êles, entre outras que as autoridades nazistas tinham decidido que depois desta guerra o espetáculo dos mutilados não estragaria a alegria da nação pela vitoria. Supunha-se que os aviões de transporte que carregavam os gravemente feridos de volta à Alemanha fossem munidos de um alçapão e quando o avião estava bem para fóra no Skaggerrak os feridos eram largados no mar. Esta historia provavelmente não é verdadeira, embora o mesmo rumor, ou algo semelhante, tenha vindo de outros paises ocupados. Mas é certo que muitos alemães o contaram, e acreditam nisto.

Em parte, talvez, isso tenha se originado do fato de que o tratamento que os alemães dispensavam aos seus feridos não era satisfatório. Os médicos noruegueses ficaram horrorizados com os seus colegas alemães. Alguns homens mais velhos que haviam obtido sua prática antes do tempo de Hitler, eram, sem dúvida, plenamente competentes.

Mas o grupo de médicos mais jovens sabia, como um chefe médico norueguês expressou, "me-

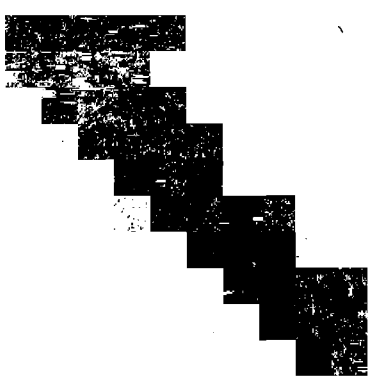
nos do que qualquer curandeira norueguesa do campo". Os alemães tambem tinham enviado algumas centenas "braune Schwestern"", enfermeiras nazistas. Elas eram fortes, mulheres acostumadas a trabalho pesado, mas seus conceitos de limpeza não estavam em dia — eram de todos os graus desde o "não muito limpa" que os noruegueses chamam "porcas imundas". Muitas delas expressavam aos noruegueses, com quem tinham contacto, que estavam "encantadas com o belo país com que Hitler as tinha presenteado".

O abominavel bramido dos alemães quando foram atacados — que fez com que os soldaos noruegueses os considerassem vermes repulsivos mais do que gente — foi causado até um certo grau, de acôrdo com o que os médicos noruegueses diziam, pelo fato de que antes de serem enviados em ação êles ganharam alguns pequenos quadrados de chocolate que continham cocaína. Apenas uma pequena dose, conforme a análise indicada no envólucro — mas os noruegueses tambem tinham achado alguns dos quadrados de chocolate e um dos nossos médicos que os examinou disse que na realidade a quántidade de cocaína era três vezes maior o que a mencionada no envólucro. Isto fez com que um par de rapazes noruegueses que tinham comido um quadrado "apenas por brincadeira", ficasse terrivelmente doente. Isto nos leva a pensar que os soldados alemães de-

vem ter sido acostumados a usar a cocaína desta maneira por um período mais longo.

Por consequencia, as forças que os alemães tinham trazido para a Noruega eram pelo menos em parte um tão triste especimen humano que os noruegueses ficaram muito espantados. Os oficiais jovens eram visivelmente o produto de uma cuidadosa cultura física. Os soldados comuns eram armados como fortalezas ambulantes — até às botas recheiadas com granada de mão. Mas entre os homens mesmos havia um número inacreditavel de pernas arqueadas, ombros estreitos, individuos de pés chatos, com solas largas e flácidas. Para os noruegueses, naturalmente, parecia extraordinario que tantos usassem óculos; na Noruega é relativamente fóra do comum ver pessoas antes dos quarenta e cinco com óculos. Provavelmente não é preciso um físico particularmente magnífico para sentar em tanks e carros armados ou maquinarias para a carnificina da massa. Não obstante, o povo da Noruega estava surpreso — não menos pelo fato dos alemães se sentirem à vontade onde quer que se fizessem vitoriosos; quando descansavam êles se despiam, deitavam e tomavam banhos de sol ao longo das estradas e das ruas. Como Hans diiza: "Você, sabe, nós não somos pudicos. Mas para fazer uma exibição pública de tão feias carcassas, achamos indecentes".

CAPÍTULO VII



Narvik foi recapturada pelos norugueses e tropas aliadas em 9 de maio. Os alemães bateram em retirada em direção à Suécia violentamente perseguidos. Era a primeira derrota que os alemães haviam sofrido nesta guerra. Narvik, o primeiro despojo que tinha sido arrancado do punho armado alemão. Fez a pequena cidade em pedaços, mas não importa — nós retomamos a primeira porção do territorio que é nosso.

Então chegou a noticia de que os Aliados estavam retirando suas tropas da Noruega. E em 8 de junho a Noruega teve que se render depois de sessenta dias de guerra. Naquela época nenhum dos paises invadidos havia lutado por tão longo tempo.

Bem, nós sabiamos que em quaisquer circunstâncias o destino do nosso país seria decidido no teatro da guerra em que a última batalha fosse realizada. Os dias eram negros mas não perdemos a esperança.

As más noticias, entretanto, chegam em chusma e depressa: a devastação no norte da França, o estado deploravel dos refugiados ao longo das estradas onde haviam viajado, jovens e felizes; as linhas francesas rompidas aqui e lá, a ameaça que pesava sobre Paris, que todos considerávamos como uma

espécie de capital espiritual. Embora eu gostasse mais da Inglaterra e lá me sentisse em casa, de uma outra maneira que na França, ainda assim a França era a pátria das idéias do bem e do mal que sempre frutificaram na vida intelectual da Escandinávia e na arte escandinava.

Pensávamos que tinha de acontecer um milagre. Na hora de maior necessidade, uma reserva de força surgiria do solo da França; alguma coisa deveria acontecer de modo que a França não fosse conquistada. Acontecera na Inglaterra onde certamente não muitos tinham esperado que acontecesse.

Não havia, então, nenhum ponto ao norte da Noruega para onde e eu Hans pudéssemos ir. Assim, a América tinha que ser nosso refugio. Apressei-me em conseguir os necessários vistos, fotografias, certificados médicos e todos os outros papéis que tínhamos que possuir. A principio tinha arranjado as coisas de maneira a fazer a viagem pelo Petsamo. Então, informou-se no consulado finlandês que todo o espaço nos navios até fins da primavera estava tomado. E quem podia saber por quanto tempo estaria aberta a navegação entre o Petsamo e a América? Tinha que ser o longo caminho através a Rússia e a Sibéria, via Japão e o Oceano Pacífico. Tive que providenciar mais papéis, mais vistos, mais retratos, mais certificados.

Yngve acompanhou-me por toda a parte solicitamente, perdendo muito tempo por minha causa.

Alice fez uma lista de coisas que ela achava que seriam de utilidade na minha viagem através a Rússia. E seus presentes, travesseiro e fronha, sabão — da sua ração — foram-me de bom proveito. Dois rolos de papel higiênico se revelaram os de mais valia de todos.

Hans e eu reservamos as passagens no avião que iria de Estocolmo para Moscou em 13 de Julho. Por intermédio de uma agência de turismo garantimos passagens para todo o caminho até Kobe; e por intermédio de um bureau sueco de turismo mandamos reservar lugares no "Presidente Cleveland" de Kobe para São Francisco. Sobre o período de espera no Japão eles só nos puderam informar aproximadamente. "Mas a esse respeito vocês podem ser felizes", consolou Yngve. Ele trouxe-me um livro com descrições das belezas e atrações do Japão. Hans tinha atravessado a fronteira com toda a sua bagagem dentro de uma fronha, de modo que o nosso guarda-roupa era bastante escasso.

Alguns dias antes da data da nossa partida Alice ofereceu-me uma festa. Convidou especialmente os amigos que conheciam a América — um cientista sueco e sua mulher que tinham acabado de regressar depois de passarem vários anos lá, um jovem pintor com sua meiga esposa americana. A Ministra americana, Mrs. Borden Harriman, aceitou o convite de Alice, pelo que todos nos sentimos contentes e satisfeitos. Seu auxílio e bondade para com todos os no-

ruegueses eram magnificentes. Eu própria fui beneficiada de diferentes maneiras. E Alice, como a maioria das senhoras suecas, é uma mestra em arranjar bonitas festas. Resultou, entretanto, numa das mais tristes a que estive presente... Soubemos que algo estava transpirando, e muitos dos convidados souberam de primeira mão o que era, e estavam amargamente desalentados com o que ouviram dizer. Mesmo assim, tivemos umas horas agradaveis de um certo modo — como nós podemos, a despeito de tudo, nos distrairmos num funeral por estarmos com pessoas a quem prezamos. Mas parecia uma espécie de funeral.

No outro dia apareceu em todos os jornais. A Suécia achou necessário conceder aos alemães o direito de enviar suas tropas através a Suécia para a Noruega. Os alemães prometeram que seriam apenas soldados indo de férias para a Alemanha. Mas, tambem na Suécia, agora, não havia muita gente que tivesse fé no que os alemães prometiam.

De manhã cedo, em 1 de julho, dissemos adeus à minha irmã, Alice e Yngve na praça de Nybroplan, onde sae o ônibus que leva os passageiros para o aeroporto de Bromma.

14 DIAS NA RÚSSIA

CAPÍTULO I

Constatou-se que o avião que se dirigia a Moscou aquele dia era russo. Confesso que fiquei um pouco inquieta quando descobri esse fato. Amigos que tomaram parte na guerra da Finlândia narravam cruentas histórias da ofensiva russa com o emprego de modernos engenhos de guerra de todas as qualidades; via de regra, eles não sabiam como usar esses armamentos e se mostravam demasiado negligentes para se incomodarem com a própria ignorância. Isso serviu-me de consolo. Na guerra os russos levavam a vantagem do maior número; possuiam gente bastante para sacrificar. Em uma importante linha aérea eles certamente empregariam o tipo a que meus amigos comunistas noruegueses tão frequentemente recorriam: jovens, sequiosos de conhecimentos, religiosamente entusiasmados com todas as maravilhas do mundo das máquinas. Descansei um pouco a cabeça e apreciei, em rápida sucessão, a paisagem sueca vista do alto.

Tallinn — Riga — estende-se cintilante abaixo de nós com torres e espirais e o rio que se divide em muitos braços através da cidade. Aterrizamos em um campo onde grande número de aviões permanecia estacionado. O bar do aeroporto estava cheio de

soldados e oficiais lituanos, muitos com as cabeças enfaixadas ou com os braços na tipoia. Sabíamos que o futuro se mostrava ameaçador para a Lituânia, mas tínhamos esperanças de que a realidade fosse, talvez, mais lisongeira. Não perderamos, porém, ainda, todo o antigo otimismo, tanto que esperávamos pudesse surgir algum milagre que salvasse aquele pequeno país — fraco demais para defender-se — de sorte que lhe reservavam as potências totalitárias. O aeroporto de Riga era moderno e atraente, contendo um confortavel bar, uma "toilette" de senhoras — não diferente de outros lugares na Europa. E as pessoas se vestiam tão corretamente como estávamos acostumados a ver. Poucas semanas depois a legendária Lituânia findaria — para o presente. Destruição e penúria, sangue, imundície e desorganização, mau cheiro e piolhos devem tê-la absorvido, agora.

Através um mundo de fadas por entre majestosas e encapeladas nuvens brancas de verão, banhadas pelos raios dourados, — em baixo um azul escuro — nós voamos, procurando lançar um olhar sobre o fabuloso reino Soviético, cada vez que atingíamos o intervalo entre uma nova camada de nuvens. A região parecia uma planície ondulada, atravessada por brilhantes filamentos de água. O tapete florestal estava salpicado com o venenoso verde dos pântanos, os desolados e insondaveis brejos russos

que continuaríamos a ver ao longo do caminho. Nas terras mais elevadas, em longos intervalos, uma aldeia de pequenas e claras casas, espalhadas pelas margens de uma modesta e estreita estrada, que parecia ter sido feita por si mesma, tão pura e inocente se mostrava, virgem de contacto de qualquer coisa que se possa chamar engenheiros. Parecia linda, mas talvez um pouco triste, vista do alto.

Aterrizamos em Velikie Luki, o primeiro aeroporto na Rússia. Eu, pelo menos, pensava que seria emocionante a experiência de pisar o solo dos domínios soviéticos. Não seria entrar em um novo mundo? E Velikie Luki não parecia de todo mal. Uma estrada pavimentada entre sebes de florescentes arbustos selvagens ligava o local de aterrisagem à estação aduaneira. Defronte a estação estendia-se pateticamente um pequeno e primitivo jardim e a sala em que entramos não era mais suja do que qualquer outra que tivéssemos visto anteriormente na Europa meridional, por exemplo. E estava cheia de flores — grandes vasos de plantas e "bouquets" de flores silvestres tinham sido enterradas, sem gosto, dentro de garrafas vasias e velhas saleiras. Havia tambem um restaurante, que não chegava a ser tão sujo que nos tolhesse a coragem de pedir um copo de chá e alguns estranhos bolos que não tinham gosto algum. Depois de conhecer melhor a administração russa, cheguei à conclusão de que seria porque o avião sue-

co transitava regularmente por Velikie Luki, a razão porque aqui era tão diferente de tudo mais que vi na Rússia.

Consegui trocar algum dinheiro pela moeda de cunho russo e observei com interesse o movimento dos dedos do homem no abáculo. Sabia que, antes de se tornar um jogo para crianças, o abáculo era empregado na Europa para ajudar os cálculos, mas de qualquer maneira era estranho vê-lo em uso. A inspecção das bagagens levou horas, mas consegui salvaguardar a carta do ministro russo em Estocolmo. O trabalho foi feito como por obra de feitiço e me livrei abrindo nossas pequenas bagagens. Em seguida, sentei-me em um banco ao sol e apreciei a vista sobre a ilimitada planície emoldurada com velhas casas arruinadas e entre semi-mortos choupos uma velha igreja branca fora de uso. Mas, eventualmente, o sinal foi dado para entrarmos de novo no avião.

De acordo com o horário, devíamos voar diretos a Moscou. Mas cinco ou seis moças e rapazes subiram a bordo. Eles não possuiam bagagem; estavam sem chapéus e sem capas, as moças com vestidos leves de verão e aventais. Em minha ingenuidade, pensei que faríamos uma parada no caminho e a jovem Rússia estivesse tomando o avião como nós tomamos o ônibus. E para dizer a verdade, ainda que as aterrisagens intermediárias me façam desgostar, as viagens aéreas — elas sempre ferem meus ouvi-

dos — desejei de todo coração desembaraçar-me logo desses jovens. Nunca fui capaz de aprender os nomes corretos dos diversos compartimentos e dependências de um avião — não possuo, repito, uma cabeça aérea — mas os russos entravam e saiam da cabine do piloto, deixando a porta aberta, acendendo e jogando pontas de cigarro acesos e fósforos sobre o chão — onde alguma coisa oleosa e escura que estava sempre fluindo desde que estivemos sobre o Báltico, jorrava espalhando-se cada vez mais. Examinei intensamente o líquido preto, calculando o que poderia ser: talvez alguma coisa inflamavel.

E então, percebi, pelo relógio, e pela vista dos edifícios, abaixo do avião que se amontoavam em grupos de fábricas e bairros residenciais, que deviamos estar sobre Moscou.

Os amigos que nos encontraram dirigiram-se por um caminho indireto rumo ao hotel para que pudéssemos ver alguma coisa da cidade. E era certamente verdadeiro o sentimento que tínhamos caido do céu em um novo mundo.

Tinham-nos dito que antes da primeira Grande Guerra Mundial Moscou possuia dois milhões de habitantes. Agora possue quatro milhões. E nesse intervalo não tem havido grandes progressos nas acomodações dos edificios. Nas fábricas, três turmas de operários se revezam em períodos de oito horas, mas grande número de pessoas vive e dorme, tambem, em três turnos. Tive a impressão de que apro-

ximadamente dois dos milhões moscovitas, andam pelas ruas noite e dia. Jamais vira uma corrente humana em um movimento tão incessante. Lá existe, talvez, tanta gente como na Broadway à noite, ou na parte comercial de Nova York, quando o tráfego atinge a sua máxima intensidade. Mas em Moscou as multidões andavam, andavam e andavam todas as horas do dia e da noite em que vi alguma coisa da cidade; durante os quatro dias que permaneci lá experimentei o estranho sentimento de que meu senso do tempo estava se desintegrando. E nada que pudesse dar uma idéia daquele footing interminavel: nenhuma loja estava aberta. (Na manhã de domingo, descobrimos numa remota parte da cidade uma infindavel fila de gente diante de uma pequena e miseravel loja — como algumas que ha em Lillehammer, onde velhas empregadas vendiam tecidos, materiais de costura e as novidades da cidade, sem esperar muito provento do negócio). Dizia-se que foram enviados para aquela loja algumas partidas de bom algodão diretamente da fábrica. Por isso manteve-se aberta até que o suprimento fosse vendido — em algumas horas. Logo após, aqueles na bicha que nada haviam obtido, tiveram que regressar às suas casas, e a loja então mergulhou novamente na sua linda e sonolenta letargia; e os biscateiros tiveram férias por tempo indefinido. Segunda-feira, descobri uma livraria ligada à Universidade, que estava aberta — porem até mais tarde. Nas outras lo-

jas uma espessa camada de poeira cobria os artigos habituais que serviam de mostruário nas vitrines. Em primeiro plano havia imitações em papier-mâché de presuntos e bolos. Mas em outro lugar vi algumas toucas de bebés transformadas pelo sol em um uniforme cor cinzento-amendoado e alguns sapatos grosseiros de feltro para crianças em uma janela. Não se podia imaginar que essas lojas tivessem permanecido sempre abertas, ou que continuassem a reabrir suas portas.

Nossos amigos levaram-nos para um passeio em torno dos muros do Kremlin. Visto de uma das pontes sobre o rio, parecia de algum modo suntuoso, à margem do rio, com o sol da tarde refletindo-se nas velhas e estranhas torres-atalaias sobre a muralha e sobre as cúpolas douradas das velhas igrejas no interior dos muros. Mas eu achei que o conjunto era mais estranho e exótico do que belo. Sinceramente, não acredito que me mostrasse entusiástica, da mesma forma, com a Moscou czarista. A Catedral Vassilij na Praça Vermelha, coberta com telhas de vidro de estranha e brilhante coloração, desde a base até as cúpolas, mostrava-se oriental — mas sem a fineza e o refinamento de gosto dos edifícios orientais na Ásia Maior — a julgar-se pelas ilustrações. Todos os velhos edifícios de 1820 — a Universidade de Moscou, por exemplo — assemelhavam-se aos edifícios do mesmo período na Europa (e América do Norte), mas estes eram mais pesados, grosseiros, com suas

imprestaveis escadarias, colunatas e fachadas. É verdade que Moscou é uma mistura do Ocidente com o Oriente. Mas qualquer estilo que os arquitetos russos escolhem para se exprimirem — oriental ou clássico-moderno, o estilo do Barão Hausmann em Paris aproveitado em alguns edifícios públicos na Praça Vermelha, o estilo baseado nas construções rurais russas com amplos azulejos modelados, esculpidos em forma de janela; as cópias dos mais modernos e experientes estilos ocidentais usados no período das novas e imensas construções soviéticas — as versões russas são sempre mais grosseiras, menos belas ou sejam, positivamente, mais feias que os seus protótipos. Devo confessar, no entanto, que sou constituida por natureza de tal forma que nada russo pode despertar em mim uma reação simpática. Eu era jovem no tempo em que toda a gente lia e se mostrava entusiasta — ou pretendia sê-lo — com os grandes escritores russos. Por isso, li-os tambem. E admirei-os, sómente sem algo que sugerisse afinidade ou o sentimento de viver no mesmo mundo que eles descreviam.

"Intourist" — o bureau oficial de viagem — destinou-nos um hotel chamado Savoy, até onde posso me recordar. Considero-o o lugar mais absurdo que tenha estado até então. Deve ter sido em alguma época um hotel de luxo. Lá havia uma série de salões de jantar com paredes excessivamente douradas e prateadas e tetos com afrescos onde se

viam vaporosas damas em cima de nuvens, rosas, cupidos, espelhos em cima e em baixo, e alguns cobertos inteiramente com espelhos. Para se atingir a esses salões, dos nossos aposentos, tínhamos que vencer uma jornada interminavel ao longo de corredores e escadarias, para termos aqui e ali a passagem bloqueada por um montão de ruinas de paredes ou por um buraco no chão. Para mim tudo isso dava a impressão de que os administradores do hotel de tempos a tempos cismavam que ali seria o lugar apropriado para reparos. Aqui e ali as paredes estavam se desmoronando e por isso pilhas de toda qualidade de destroços estendiam-se descobertas — de tal forma que toda idéia de reparo era abandonada. E assim ninguem mais pensou em remover a argamassa que havia sido arrancada das paredes.

O salão estava guarnecido com gigantescas peças de mobília, em todos os estilos desde o primitivo 1880 até o Jugendstil. E nas estantes e mesas ao longo das escadas, nas janelas do hall, em toda parte, havia a mais admiravel coleção de figuras de gesso, argamassa ou biscoito ou o que material fosse, as quais, em minha infância, eram ostentadas em todas as casas da classe média: a moça com a guitarra — creio que o seu nome era Mignon — a dama em traje de banho, rapazes, com cachorros, e moças com um gato ou um pombo, Beethoven, Moisés, caçadores, cavalos, pares de amantes em vestimentas rococó e com um medieval garbo germânico, damas

em trajes menores ou quasi despidas, todos os espécimes estavam lá. Involuntariamente despertou a minha imaginação a idéia de que ali estavam selecionados os tesouros incontaveis de lares burgueses desfeitos em liquidações.

O mais curioso, porém, é que todas essas coisas eram relíquias dos lares da sociedade burgueza que rememorei, quando era menina; lá não havia uma única coisa que fosse uma reminiscência da minha geração, para não mencionar tempos mais recentes. E o sentimento de que a nova Rússia Soviética é a herdeira do passado burguês que eu recordo, mas vagamente, como de alguma coisa que para nós da Europa Ocidental é distante lembrança da meninice — eu o experimentei em toda parte na Rússia. E não sómente pelo fato de haver visto em todas as casas cujo interior devassei, enquanto vagueava pelas ruas hora após hora — durante as tardes em que permaneci em Moscou — uma peçade mobília que pertencia àquele longínquo passado — excepto as camas de ferro, das quais muitos quartos estavam cheios. (Nem uma única loja de moveis, aberta ou fechada, consegui ver em alguma parte da Rússia).

Mas constantemente tinha a sensação — ora de uma maneira, ora de outra — de que a Nova Rússia estava construida, não sobre as ruinas do nosso tempo, e as idéias do nosso tempo, mas no mundo de nossos avós. Havia um contraste entre os pretenciosos novos edifícios, os lugares de ostentação do Es-

tado Soviético — a estação subterrânea (subway) coberta de mármore, a imensa e inacabada biblioteca, e outros audaciosos projetos de edifícios ainda não completados e que pela aparência provavelmente nunca ficarão — em confronto com a indescritível imundície, dissipação e miséria em todas as casas em que o povo vive. Essa era a maneira empregada pela burguezia de uma extremidade a outra da Europa — quando eu era uma criança — para impressionar os visitantes: ostentar uma grande sala de visitas, dando para a rua, na qual a família "recebia" seus convidados e exibia tudo que o dinheiro e a pobreza de gosto podem adquirir. Enquanto isso, crianças dormiam e padeciam, respectivamente, em escuros e miseraveis quartos nos fundos de casarões tão sombrios e fechados que o arejamento dos quartos de dormir não melhorava, não importava quantas janelas se abrissem.

Era esse o tempo em que os profetas podiam continuar predizendo que o desenvolvimento da sociedade burgueza capitalista acabaria inevitavelmente com todas as riquezas reunidas em poucas mãos; os outros seriam miseraveis proletários sem capacidade para proteger-se contra as explorações e toda a classe média, pouco a pouco, iria se esfacelando tornando-se, por fim, uma classe não diferente desse proletariado. Sim, Deus é testemunha, tambem na minha terra, a Noruega, ainda existem muitos da minha geração que crêm nisso, porque

seus pais e seus mestres lhes disseram que esse seria o rumo que as coisas tomariam. E assim seria de pouca utilidade que argumentássemos como que estava acontecendo diante de nossos próprios olhos: que era a classe média que estava crescendo. Com a rapidez de um raio, produzira-se uma classe média que se expandira solidamente, com diretores e sub-diretores, funcionários categorizados, técnicos, chefes e treinados trabalhadores profissionais especializados. Esta havia sido a evolução. O que revolucionara o arcaico capitalismo individual. E era para formar uma classe média assim, composta de bons e maus, de gente honesta e inescrupulosa — que desempenhava um pequeno papel — que a revolução explodia a qualquer preço nos paises capitalistas. Nas crises que acompanham uma depressão ou uma guerra, ou qualquer outra coisa, as mais encarniçadas batalhas deviam ser entre a parte da classe média que continua ligada por interesses econômicos à uma restrita produção industrial e a que é eliminada pelas consequências da produção reduzida.

O talão de passes que nos fôra dado pelo "intourist" continha, tambem, coupons de admissão para os passeios e visitas aos lugares mais interessantes em Moscou. Hans e eu não usamos os nossos. Os museus e outros atrativos de uma cidade são valiosos quando ha tempo para uma permanência de meses. Mas quando o tempo é escasso, eu prefiro ver a cidade somente. As ruas, o povo, as lojas, dar

uma vista d'olhos nas casas ao anoitecer quando as luzes acendem. Praças e jardins onde as crianças brincam e pessoas solitárias sentam em bancos, os distantes arrabaldes onde se anda de bonde até a vista abranger toda a região onde está erguida a cidade.

Eis porque não vi o corpo embalsamado de Lenine. Mas vi a fila imensa de pessoas que aguardavam durante horas a vez de entrar no Mausoleo. E cheguei a ver a Praça Vermelha esteril como as estepes, quando o mausoléo era fechado — mas ao longo das bordas da praça o rio de gente continuava fluindo. As ruas laterais derramavam nela os seus tributários e o povo andava, andava e andava. Não estive dentro do famoso subway. Mas uma ou duas vezes tentei tomar os bondes repletos com gente como cachos de uvas agarrando-se no interior e nos estribos. Os bondes saltam e dançam nos sinuosos trilhos pelas ruas esburacadas e acidentadas como existem em toda a parte em Moscou; parecem feridas pelo gelo de muitos invernos, mas sem nunca haver sido reparadas. "Veja onde põe o pé" — aplica-se em Moscou mais do que em qualquer outra parte. Quebrar uma perna era a coisa mais facil em um ninho de pedras aguçadas que a geada construiu.

Hans e eu andamos em toda extensão as ruas em Moscou, nos quatro dias que permanecemos lá, todo o tempo excéto as horas que gastamos em entregar nossos documentos e depois ir buscá-los, na troca dos nosso coupons pelas passagens na estrada de

ferro Trans-Siberiana. Não creio que exista mais formalidades na Rússia do que em qualquer outra parte, mas são necessárias cinco ou seis para que os russos legalizem qualquer coisa. Com todo novo passageiro, esquadrinhavam e pesquizavam os papeis e panfletos e guias de estrada de ferro, como se fossem coisas em que os seus olhos pousassem pela primeira vez. E antes de decidirem que dois e dois fazem quatro, tinham que consultar uma tabuada.

Restava, ainda, porem, um largo espaço de tempo para que Hans e eu percorrêssemos Moscou. E vinha à minha imaginação — podia senti-la — idéia de que havia alguma coisa hipnótica na vida coletiva; perde-se a si mesmo, em algum sentido, quando se move numa caudal humana de gente completamente estranha, com quem não se pode falar e cujas fisionomias não lhes conta absolutamente nada. Não que o povo em Moscou pareça infeliz (mas não vi um único russo rir, com excepção dos empregados da estrada de ferro Trans-Siberiana). Tão pouco pareciam menos felizes. A palavra inglesa "stolid" é, talvez, a que melhor descreve a expressão fisionômica dos russos. Mas, confesso, que não consegui perceber entre as pessoas, na Rússia, qualquer diferença individual. No Japão, por exemplo, não penso que haja entre o povo mais semelhança entre si do que em qualquer multidão ocidental européa ou ameri cana. Vêm-se homens bonitos e homens feios, inteligentes e estúpidos, fisionomias sensiveis e brutais.

Vêm-se velhas e mulheres que se teria prazer em conhecer; e velhas mulheres com quem não desejaríamas travar relações. Igualmente, as mulheres jovens no Japão — a maioria das quais se mostra encantadora quando vestida em quimono — possuem encanto individual. Algumas possuem uma beleza refinada e natural, outras se mostram vulgares, mas todas com a mesma doçura.

Para mim, pelo menos, os russos parecem mais homogêneos. Nas cidades, aproximadamente todos os homens são imberbes, mas ostentam em torno dos maxilares uma barba por fazer de um sujo azul, louro ou vermelho. Alguns usam calças curtas, alguns compridas, outros andam em "shorts", ha os que vestem leves camisas abertas no pescoço, os que usam blusas dos cossacos — alguns com pontos de costura em forma de cruz bordados no colarinho e no cinto. — E os que apresentam a cintura desguarnecida e mostram os corpos descobertos queimados do sol. Mas todos grosseiramente constituidos, dedos nodosos, testas baixas, angulosas maçãs do rosto e grandes narizes triangulares salientando-se da face.

Narizes se projetando compridos e retos tambem a maioria das mulheres possue, e curtas, largas e fortes faces de ossos salientes. Algumas de cabelos alourados, outras de cabelos castanhos, outras ainda de cabelos vermelhos, mas para mim, todas que via eram iguais. Usavam ligeiros vestidos de algo-

dão — sem deixarem de ser atraentes à primeira vista. Mas o material empregado nesses vestidos era de qualidade tão má e fraco que se eu me atrevesse, por exemplo, a presentear uma criada com um corte, elas ficariam mortalmente ofendidas e me diriam que não valia a pena pagar a alguem para cosê-lo e que não se podia perder tempo com um material tão imprestavel.

No entanto, as mulheres russas, pobrezinhas, dispenderam grande parte do seu tempo para coserem esses miseraveis tecidos de algodão. E o mais patético era o fato de que elas vinham acompanhando a moda pelos figurinôs europeus ocidentais que obtinham em primeira ou segunda mão. E assim elas tem usado esse fragil algodão para fazer vestidos de baile, com as costas descobertas por imensos decotes (poupando cerca de um metro e meio de fazenda), e com uma leve tira de fazenda, servindo de mangas, em torno dos ombros e cobrindo os cotovelos. As saias dos vestidos de passeio eram curtas, naturalmente. Vi meias apenas em um par de pobres mulheres. Deus sabe porque elas não as trocaram por alimento. Todas as outras andavam com as pernas nuas ou usavam meias curtas de algodão, com sapatos de lona, galochas ou chinelas de dormir. Em toda Rússia não vi uma só mulher com sapatos de couro nos pés.

Geralmente, as crianças andavam com as pernas descobertas e vestindo pequenas e asseiadas cal-

ças curtas e nada mais. Mas todas denotavam boa aparência, exibindo pernas morenas e não tão delicadas que pudessem machucar-se com facilidade. Havia multidões de crianças em Moscou e enxames de moças que brevemente presentearam o país com mais crianças. E parecia que os russo se sentiam felizes em ter filhos. Os inumeraveis bebês que a gente do povo levava nos braços, eram tratados mais cuidadosamente e mais decentemente, e mantidos mais limpos do que qualquer outra coisa que tenha visto no país. Muitas vezes era o rapaz quem segurava o bebê, a moça com dificuldade o seguia, com uma trouxa ou um embrulho de jornal nos braços. Em toda a cidade vi apenas cinco ou seis carrinhos.

Estávamos, naturalmente, no meio de Julho, e o sol resplandecia abrazador em Moscou. Todos os dias, durante minha permanência lá, as nuvens cobriam o céu ao anoitecer, roncavam trovões em alguma parte distante e uma chuva quente caia sobre a cidade dos milhões. E o calor tornou-se ainda mais opressivo, pesado e úmido. Como em um banho turco, o vapor quente, que se desprendia do asfalto, das paredes das casas e de estreitos e mau cheirosos quartos, estava ricamente saturado com inumeravel qualidade de exalações perniciosas.

Naturalmente, havia lido tão numerosas e contraditórias descrições da República Soviética, ouvido histórias de gente que testemunhara suas glórias e desventuras, que o que é visto depende aqui,

mais do que nunca, no que os olhos estão vendo. Achava que nada havia que pudesse supreender-me. Mas o que me surpreendeu um pouco, em algum sentido, foi a identidade do quadro. Ali, verdadeiramente, não existia diferença notavel entre o povo: este é um privilégio dos russos. As multidões nas extremidades da cidade, as multidões no coração da cidade, usam as mesmas roupas miseraveis, e tinham igualmente os revoltos cabelos despenteados. Nas casas voltadas para os muros do Kremlin e a velha Escola Imperial de Cavalaria, o povo sentava nos balcões em torno do samovar. Aquele trecho deveria ter sido em alguma época um quarteirão elegante. Agora esses lugares estão decaindo como todas as outras casas e os homens e as mulheres ao longo dos balcões estavam tão miseravelmente vestidas como quaisquer outras pessoas.

Sobre o que tinha uma idéia formada era o mau cheiro em Moscou. Por isso foi o que me deixou impressão mais forte. A exalação fétida dos fardos de algodão que havia sido lavados uma e outra vez, mas sem sabão; dos cabelos não lavados das mulheres; o odor que se desprendia dos dormitórios abarrotados de camas sujas e emanava das janelas abertas nas noites de verão. O cheiro de urina e excrementos de sujos armazens de madeiras, onde uma fileira de choças serviam de "toiletes" pública. E por toda a cidade o cheiro de coisas que apodreceram e se desintegraram; das carpintarias devorando fun-

gos; dos muros de argamassa esburracados, o cheiro dos limos escuros, que saia das fendas das ruas calçadas com pedras e dos buracos dos asfaltos.

Um ingrediente peculiar na sinfonia da imundície era uma graxa de um tremendo cheiro penetrante, assim como o óleo — quando se deteriora — ao expelir ácidos venenosos. O cheiro de uma qualidade de graxa que os russos usavam nos seus calçados, segundo explicou-nos um conhecido. Nesse caso era realmente duro para os russos não terem sapatos e ainda continuar o odor dessa graxa. Mas, evidentemente, os soldados tinham botas.

Uma coisa que o reconcilia muito com Moscou a meu ver, pelo menos — é o evidente amor dos russos pelas flores. Os parques da cidade nada possuiam para ostentar: alguns tristes e pequenos remendos de verde, algumas fileiras de árvores doentes e amparadas aqui e ali nos amplos boulevards que rasgavam a cidade até as imensas pracas públicas que se expandiam em estéreis desertos, cortados pelos cruzamentos da corrente humana. Os jardins na Rússia parecem terrenos baldios que se vêm aqui e ali nos populosos distritos de Brooklyn. Em parte alguma vi jardins em torno das casas. Nas extremidades de Moscou ainda ha ruas inteiras que não têm senão um único tipo de velhas casas de um andar, antigamente modestas residências, cada uma dentro dos seus espaçosos terrenos, com velhas árvores de aparência doentia, com um ta-

pete de relva e ervas daninhas e espalhados, um bocado de papeis inúteis.

Seus moradores parecem não ter tempo nem meios — nem o desejo — de fazer coisa alguma com seus terrenos.

Mas em toda parte, em Moscou, aproximadamente todas as janelas ostentam vasos de plantas — frequentemente tão numerosos e grandes que protegem os quartos interiores dos olhos curiosos, se houvesse intenção de devassá-los. Duas qualidades de plantas transportaram-me novamente aos velhos tempos quando estavam em moda na Noruega: philodendro e muda de figueira. Mas havia tambem muitas outras qualidades e todas pareciam medrar. Quando era criança, as senhoras mais velhas costumavam dizer que ar impuro e mãos carinhosas era o que necessitavam as plantas de estufa para medrarem. Talvez houvesse nisso, algum fundamento.

Flores, tambem, eram quasi que a única coisa posta à venda nas ruas de Moscou. Cravos russos, crisântemos de verão, flores raras que os camponeses criam à custo em terrenos especiais continuavam sendo vendidos por mulheres procedentes de aldeias próximas à cidade. Já os "bouquêts" não eram muito frescos; alguns pareciam haverem feito muitas viagens de ida e volta... Mas apesar disso havia sempre alguem que os comprasse como se fossem viçosos.

Eu não sou dos que julgam que as pessoas apaixonadas pelas flores devam ser fundamentalmente boas. Mesmo as que amam os animais podem sê-lo ou não: alguns amam flores e animais porque gostam de tudo que vive e cresce; outros porque não sabem lidar com os seus semelhantes e não podem cuidar senão de si próprios: um cachorro ou um jardim tornam-se assim preciosos complementos para o seu ego. É possivel, como conta Rauschning, que Hitler ame seus canários e chore quando algum deles morre. Como acontece que eu seja tambem apaixonada pelas flores, cada demonstração feita pela russa de amor às flores, dava-me a confortavel sensação de que talvez tivéssemos encontrado um ponto de contato se eu pudesse compreender palavra de seu idioma.

Sente-se tão tristemente estúpida quando se anda por uma cidade estrangeira onde não se pode, ao menos, compreender os letreiros luminosos e as placas das ruas nas esquinas, que decidi — antesde iniciarmos a longa viagem através o continente — comprar um pequeno livro russo de conversação, para que pudesse, pelo menos, aprender as letras do alfabeto russo e ler os nomes das estações ao longo do caminho.

Guardara o endereço daquela livraria universitária que ficava aberta todo o dia. E estava repleta de gente — jovens e velhos, homens e algumas mulheres, que vasculhavam pilhas de livros, mergulha-

vam na leitura de um livro, completamente absorvidos ou passeavam pela loja, conversando em voz baixa. E esse, foi, com certeza, o único momento em que vi os russos lendo. Tem-se dito que a Rússia Soviética muito tem feito na batalha contra o analfabetismo. Mas se todo o povo aprendeu a ler, não se segue que tenha adquirido o desejo de ler. Jamais vi alguem comprar um jornal na banca de jornais, ninguem sentado nos bancos dos renomados parques que estivesse lendo um jornal ou um livro. Vi o "Pravda" por toda a parte, mas sempre usado como papel de embrulho. Ninguem no restaurante do hotel jamais lia um jornal enquanto comia. Mas essa livraria universitária, como já disse, regorgitava de gente. E muito bem munida de livros. Impressão e papel notaveis, quasi tanto como a dos jornais alemães exatamente antes do rompimento desta guerra.

Para comecar, não havia ninguem na loja que conhecesse uma palavra que não fosse russa. Todos com quem falei pareciam bons e prestimosos. O único senão é que nenhum deles podia ajudar-me. Davam voltas e mais voltas, entre eles, e falavam russo. De instante a instante aparecia um homem ou uma mulher que fazia sinais para mim — como se fosse encontrado alguem que pudesse falar comigo — mas depois se via que o novo não sabia mais do que os outros. Escreviam bilhetes e faziam chegar às minhas mãos, mas naturalmente sem que isso

adiantasse coisa alguma. Finalmente, um senhor idoso apareceu sabendo, de positivo, uma ou duas frases em alemão. De um escritório trouxe-me uns livros: "Wer lebt gluecklich in Sovjet-Russland ?" (Quem vive feliz na Rússia Soviética ?) — era seu título. Mas não continha uma chave para o misterioso alfabeto russo. Contudo, antes de deixar Moscou tinha conseguido um pequeno livro de texto russo-germânico. Tinha sido feito para os soldados.

Hans viera para a Rússia com grandes expectativas. Como a maioria dos jovens noruegueses, estivera envolvido nas experiência comunistas e esteve pronto para aceitar tudo o que pudesse, como católico. Sua indignação diante da realidade — como nós a vimos — era quasi cômica. Naturalmente, tenho visto pobres e sujos bairros, nos quarteirões de cortiço — por exemplo — de Paris ou South Shields, mas em Moscou todos os lugares existem cortiços.

E Hans já viu agora a parte pobre de Nova York e Brooklyn. Mas até então nunca havia saido da Escandinávia. De maneira, que nunca sonhara que pudesse existir alguma coisa tão miseravel. E seu horror não teve limite quando soube que não poderia beber — em nenhuma parte da Rússia — água esterilizada. Mesmo para mim era estranho que uma cidade de milhões como Moscou, não tivesse água boa para beber.

Mas foram os mêndigos o que mais chocou e irritou Hans. É verdade que alem das massas uniformes de gente pobre de aspecto negligente, em Moscou, viamos, de vez em quando, a população pária que o novo regime de governo colocou à margem da ordem social e que nem ao menos tinha o direito de viver e cujo único meio de subsistência residia em exercer a mendicância. Parecia uma concentração de miséria muito mais densa que a que tenho visto em qualquer outra parte do mundo. Colada a parede, a corrente humana passava sem cessar, esta massa de gente esfarrapada, era constituida em sua maioria de mulheres velhas de pele negra de sujeira adquirida pela vida sem lar e com os cabelos verdes de imundície; muitos menores abandonados, mendigavam tambem. Hans estremecia num impulso de simpatia e tristeza vendo aquele espetáculo desolador. Distribuidos o último rublo e kopiek, pedia que voltássemos ao hotel, porque não podia passar diante dessa pobre gente sem ter alguma coisa para dar.

Era a única coisa, em Moscou, que valia a pena gastar os nossos rublos. Porque, positivamente, não havia lá uma única coisa que pudéssemos comprar.

Vimos, tambem, numerosos mendigos, quando nos dirigíamos no domingo a uma aldeia que se chamava Kolomanskaya, se não me falha a memória.

Num outeiro no alto do rio Moscou, que passa ali numa curva ampla, existe um grupo de velhas

igrejas e um vasto mosteiro. Este lugar está reservado para ser um museu popular. Realmente os edifícios permanecem ali desguarnecidos de mobília, mas não consegui perceber nenhuma obra que denunciasse uma tentativa de reparos. Uma velha igreja de madeira de uma aldeia do norte, fôra transportada para ali e colocada num bosque próximo ao mosteiro. Foi estabelecido o preço de meio rublo para o ingresso de cada pessoa que quisesse visitar o lugar. Mas como não houvesse fiscalização podíamos andar a vontade. Era um lindo lugar: amplas e verdes colinas, choupos ao longo do rio quieto e cheio de sol e uma larga visão da planície alegrada pelas cores do verão com pequenas cidades dispersas e novas fábricas sob um céu azul coberto levemente de nuvens de bom tempo.

O rio estava repleto de banhistas. Mais tarde descobri que os russos tomavam banho onde a água corresse perto: nas cabeceiras dos rios fora das cidades, na Sibéria, nos arroios e nos lagos ao longo da estrada de ferro. Tambem se podia ver homens e crianças chafurdando e mergulhando em águas lodosas nas aldeias. É possivel que os russos atirem-se a qualquer água refrescante só para fugir do calor sufocante do verão na Rússia. Mas é possivel tambem que obedeçam ao desejo de ficar individualmente limpos, a despeito dos obstáculos existentes: casas apinhadas, cidades sujas, "toilettes" — se assim pudemos classificá-las — mais porcas do que a ima-

ginação pode sugerir, falta de sabão e de preparados para combater as pulgas e os piolhos. Os meninos e as meninas semi-núS, subindo e descendo as colinas, rumo aos lugares de banho, ostentavam um ar mais feliz do que geralmente exibem os russos. Muitos deles carregavam nos braços flores e feixes de juncos.

Detrás do mosteiro existia um pomar que devia ter pertencido aos monjes, com centenas de macieiras formando alamedas. Via-se que o terreno em torno das raizes não vinha sendo cultivado. Por isso as árvores estavam agora mortas, refletindo-se espectralmente contra a colina verde. Não é só na Finlândia onde o duro inverno da guerra devastou milhares e milhares de árvores frutíferas; tambem na Rússia, em toda a parte por onde passei, vi maior número de macieiras mortas do que vivas.

Atualmente, os fieis só podem frequentar uma única das cinco igrejas que existem em Kolomanskaya. É um grande edifício branco, com bulbosas cúpolas azuis e cruzes ortodoxas erguendo-se contra o céu, protegidas por cadeias que já foram em outros tempos de ouro. Ao longo da ampla escadaria sentavam-se — muitos deitados — homens velhos e mulheres, mães com pequenas crianças e rapazes andrajosos, todos estendendo a mão ou uma pequena chícara de estanho. A maioria dos que entravam dava-lhes alguma coisa, ainda que fosse uma pequena moeda de cobre. A missa já acabara mas todos

os lugares, na igreja, continuavam tomados. Ajoelhavam-se, benziam-se fazendo o sinal da cruz, diante de cada imagem. Não obstante a vasta aparência exterior das igrejas russas, seu interior é surpreendentemente estreito. A principal ala sob a cúpola central é pequena, mas desproporcionalmente alta e com as gelosias pintadas e com todos os altares bilaterais ornados com imagens parece ainda mais estreita. Em torno da ala central existe um labirinto de pequenas capelas ligadas com átrios onde á facil perder-se. Não se deve estranhas que os russos necessitassem tantas igrejas nos tempos em que a religião fazia parte de sua vida cotidiana. Jamais uma única igreja serviu de refúgio para uma massa tão densa.

Em uma parte da capela, o povo permanecia como sardinhas em lata. Ali estava colocada a pia batismal, onde uma fila de dez ou doze candidatos aguardavam a vez de batizar-se, acompanhados de seus parentes. Hans segurou-me o braço: "Meu Deus, olha lá o caaver daquele menino — já começa a apodrecer!"

Era verdade. No meio da sala erguia-se um ataude de reduzidas dimensões coberto com cravos cor de rosa. Dentro do esquife estava deitado uma criança de seis meses mais ou menos. Vestido de branco, com rosas artificiais, o rosto inchado com uma tonalidade azul esverdeado. Alguem colocara

uma bucha de algodão dentro das fossas nasais para reter o fluido negro que exsuda das narinas. No pequeno altar, ao pé do caixão, foram colocados alguns pires com biscoitos e doces. Era evidente a intenção de que o sacerdote benzesse a comida oferecida aos hóspedes do funeral.

Naturalmente, havia muita falta de higiene e o pequeno cadaver contribuiu para tornar o ar ainda mais viciado. Apesar de tudo, considerei esta igreja como o lugar mais confortavel que tenha visto na Rússia. Depois de toda a pobreza sombria e de algum modo vazia e monôtona, lá fora, era confortavel ver uma pobreza que tinha, pelo menos, um pouco de calor e colorido, que estimava a vida e a morte e implorava a consagração divina quando uma criança nascia e quando outra se despedia deste mundo. Seguindo o exemplo daquela pobre gente, coloquei-me de joelhos e beijei a orla da imagem de Cristo pregada na parede próxima ao ataude. Mas ao mesmo tempo, não pude deixar de pensar nos bacilos e no contágio.

Regressando ao hotel, passamos pela aldeia. Conservava o seu aspecto antigo, pois na minha opinião devia fazer parte do museu regional. As casas estendiam-se em duas longas filas em ambos os lados da estrada embebida por sulcos profundos de água. Velhos choupos e sorveiras bravas erguiam-se na curva da estrada. As casas quadradas de madeira estavam de uma cor cinzento prateada pela

idade. Em uma pequena parede que dava para a estrada, as janelas e uma trapeira no teto estavam revestidas de caixilhos grosseiramente esculpidos. Há bastante tempo havia sido pintados de cores alegres: azul cerúleo, verde, amarelo e branco. Um calor do passado empresta ainda um aspecto festivo a esta velha aldeia.

Ao lado das casas ainda crescem intrépidas plantas vivazes, sabugueiros e roseiras que ainda floresciam no meio da decadência.

Estou quasi convencida de que as casas dos aldeões russos jamais foram lugares ideais para habitação. Sem dúvida, muito superlotadas, fazendo água e demasiado pobres para serem saudaveis. Mas eu acho que as novas devem possuir alguma coisa das velhas, valiosas para serem utilizadas nas construções recentes. Há muito tempo percebemos em outras partes do mundo que casas para uma única família oferecem as melhores condições para a saude, física e mental, sendo, principalmente para as crianças, de inestimavel vantagem. Já que se quer experimentar o coletivismo agrário porque, então, não desenvolver mais os velhos projetos das construções nas aldeias de casas para os camponenses? Mais uma vez a minha memória levou-me aos velhos tempos, na Europa Ocidental, quando se julgou econômico e progressivo formar uma massa compacta de famílias em casas de aluguel nos distritos superpo-

voados. Vemos aqui novamente a Rússia tentando experiências no fundamento de idéias que há longo tempo as democracias rejeitaram como contrárias aos seus propósitos e impraticaveis, segundo a ciência e a experiência dos últimos cincoenta anos.

CAPÍTULO II

Finalmente, chegou a hora da partida. Estivemos apenas quatro dias em Moscou, mas parecenos uma eternidade.

Na estação permanecemos sentados três horas sobre as nossas malas. Algumas ruinas humanas, ainda mais miseravel que outras que víramos, surgiam de vez em quando nos pedindo esmola. Trabalhavam como carregadores mulheres jovens, mas já estávamos acostumados a ver mulheres russas fazerem os trabalhos pesados que na Noruega são exercidos exclusivamente pelos homens. E' provavel que esta igualdade dos sexos, concernente aos mais penosos e ásperos trabalhos manuais, prepare o terreno para um regime de escravidão. Este sistema sempre existiu na Alemanha. Na Jutlândia meridional, por exemplo, desde os tempos primitivos, as fronteiras da colonização germânica e nórdica estavam claramente marcadas pela natureza do trabalho das mulheres. Mesmo quando a fronteira linguística se extinguiu todos sabiam onde acabava o país dos nórdicos e começava a Alemanha: onde homem e gado vivessem juntos (por exemplo; nas fazendas saxônicas) e as mulheres fizessem traba-

lhos que os dinamarqueses consideravam só para homens, era a Alemanha.

Os trens chegavam e partiam da estação. Finalmente, o nosso tambem chegou e partimos com um atrazo de cinco horas para a nossa viagem de nove dias de Moscou a Vladivostok.

Yngve e Alice persuadiram-me a fazer a viagem no Estrada de Ferro Trans-Siberiana em primeira classe. Assim, Hans e eu tínhamos um compartimento separado. Nas outras cabines de nosso carro havia duas pessoas em cada uma e em algumas outras dois adultos e duas crianças. Na primeira tarde fizemos relações com os passageiros do nosso carro: um engenheiro sueco em viagem para o Japão, onde devia instalar a maquinaria de uma fábrica; um médico americano da Cruz Vermelha, que dirigiu uma ambulância na Finlândia; um casal inglês sem filhos e um outro com duas crianças — uma moça e um menino; um professor judeu já entrado em anos e sua mulher, uma matrona gorda, procedentes da Polônia, refugiados há muitos anos; um belo rapaz louro norueguês, comerciante de peles, que fez toda a guerra da Noruega. Julgando que seu ramo de negócio estivesse destruido sob o regime nazista, tencionava lançar a sua sorte na América, onde possuia relações comerciais. Por sinal, era seu companheiro de viagem um novaiorquino com quem man-

tinha contacto comercial. O americano era semi-judeu, mas sua mãe era russa.

No compartimento pegado ao nosso, viajava um jovem teólogo noruego-americano, que estudou em Lund um ano e que pretendia passar suas férias de verão em Hallingdal, para visitar seus parentes. Naturalmente, essa viagem nunca foi realizada. Quando pediu notícias de Hallingdal, fomos forçados a informar-lhe que aquela cidade sofrera muito durante a guerra. Compartilhava sua cabine com um sul-africano que aceitara um convite para ser o catedrático de zoologia em uma universidade americana.

Entre duas cabines se achava colocado um atraente lavatório que devia ser partilhado pelos passageiros de ambas. Os dois cientistas americanos, com quem desfrutávamos o mesmo lavatório, encheram este com caixas e vidros de desinfetantes e preparados para combater a praga de insetos na Rússia. Generosamente, colocou à nossa disposição todo aquele arsenal. Infelizmente a sua boa vontade de nada nos valeu e isso porque nunca havia água na pia.

Certamente, esses carros empregados na estrada de ferro Trans-Siberiana, constituiam a última palavra em luxo, no começo deste século. Excepcionalmente sólidos, porque ainda hoje ostentavam boas condições, sem terem jamais sofrido reparos, como me certifiquei depois de conhecer bem a Rússia. A

bitola da estrada é larga, os compartimentos amplos, mas para os americanos que estão acostumados a viajar em carros Pullman, as cabines devem parecer muito estreitas e desconfortaveis.

A nossa viagem através a Rússia e Siberia não chegou a ser extenuante. Bastava ter paciencia de conservar-se sentados e tornar-se cada vez mais e mais sujos. Os empregados do trem fizeram tudo para que a nossa viagem se tornasse a mais agradavel possivel e certamente não lhes coube a culpa se o melhor que podiam fazer estava longe de ser bom.

Acompanhava-nos nessa viagem o representante oficial do Intourist, bureau oficial de turismo soviético. Nós o chamávamos "Kratas" (o anão). Era pequeno, sujo, com um rosto moreno e nós pensávamos sempre que seria interessante mergulhá-lo numa tina de água quente, com muito sabão, e darlhe depois muitas duchas, antes que se enxugasse.

Estava metido em um terno esportivo cinzento feito para alguem que tivesse duas vezes o seu corpo. Fazia tudo para nos atender. Trazia-nos sempre livros da biblioteca que constituia o orgulho do trem. Para Hans procurou alguns compendios de geometria e aritmética, ficando desapontado com a acolhida pouco entusiástica de meu filho em relação a essa literatura edificante. Matemática era justamente o ponto fraco de Hans. quando ele deixou a escola, não se esqueceu de dar um adeus definitvo aos matemáticos.

Para mim destinou-me um livro de Máximo Gorki em alemão e um outro intitulado "Wer lebt gluecklich in Sovjet-Russland ? (Quem Vive Feliz Na Russia Soviética ?). Já fizera conjecturas a esse respeito: o soldado, se é que existe alguem. Deixo à parte os cabeças do partido. Deles tenho ouvido apenas rumores. E se há alguma coisa que meus pais fizeram questão de ensinar-me foi isso: "quando alguem tentar difamar junto a si uma pessoa, pode estar certa de que há duas alternativas: é uma inverdade ou uma semi-verdade e esta última é a peor forma da inverdade".

Kratas falava alemão sem fluencia, mas o suficiente para ser compreendido. Tentei fazer-lhe perguntas sobre isso ou aquilo que via durante a viagem. Mas ele estava pouco mais informado do que eu. Vivia em Moscou e em toda a sua vida nunca estivera mais a leste de Sverdlovsk. Desta feita, porém, permitiram-lhe acompanhar-nos até Vladivostok.

Era tocante ver como se mostrava feliz. Em Vladivostok poderia vêr navios verdadeiros que atravessam os oceanos. Até então nunca vira outra embarcação alem das que fazem o serviço no rio Moscou.

Depois havia o camareiro, que vinha todas as noites fazer nossos leitos e reaparecia pela manhã para arrumar a roupa de cama. Era tambem um russo típico: de pequena estatura, com um rosto mais largo do que comprido e incrivelmente sujo. Se

não compreendemos mal, seu nome era Vanya. Por pouco não pagou com a vida a sua qualidade de imundo. Sofrêra uma arranhadura sobre o olho direito quando deixamos Moscou. No dia seguinte amanheceu com todo o olho horrivelmente inchado e na abertura entre as pálpebras o olho apresentava um vermelho sangrento e expelia puz. Era facil perceber que o homem estava realmente doente e com febre. Mas, apesar de tudo, fez o seu trabalho da melhor maneira possivel.

Lavei-lhe o olho com uma solução bórica e coloquei uma compressa. Mais tarde o médico americano tomou ao seu cargo o tratamento de Vanya, que cêdo se recobrou. A propósito, o Dr. D. pouco a pouco foi exercendo clínica durante a viagem, pois antes de chegar a Vladivostok todos os passageiros exceto eu — tornaram-se seus clientes. A caixa de primeiros socorros muito bem sortida que Alice e eu preparamos quasi ficou vasia.

Vanya foi infinitamente bom e prestimoso durnate toda a viagem. Simulou nada ter visto quando cometemos os dois pecados mortais que fizeram os demais empregados do trem botarem as mãos na cabeça.

O primeiro foi desligar o radio que rangia quasi sem cessar desde o amanhecer até muito tarde da noite, com muitos discursos em russo entremeados com melodias das velhas operetas, valsas da "Viuva Alegre" e outras, muito mal executadas. O

segundo pecado, incomparavelmente mais grave, foi o de espreitar à janela durante o calor sufocante nos compartimentos. Kratas explicou-nos que o pó arruinava as cortinas e o tapete.

O tapete era, efetivamente, limpo todos os dias. Quando Vanya fazia as camas, tinha que voltar para buscar uma vassoura e um copo dagua. Tomava um bom gole e cuspia agua sobre o chão, varrendo depois o tapete. Li alguma coisa sobre este método de limpeza em uma deleitosa obra do Dr. Tode. Este ilustre representante da éra de esclarecimento na Dinamarca, em fins do século XVIII, no seu combate para melhorar as condições da vida humana, escreve zelosamente contra essa e outras práticas antihigiênicas.

Era realmente jocoso vêr Vanya em atividade. Mas, ansiava pelo momento em que pudesse jogar pela janela a fóra os meus chinelos de dormir no Oceano Pacífico.

A paisagem em ambos os lados da estrada era magnífica, mas extremamente monótona. Desde o Báltico até o lago Baikal, todo o continente era uma planície contínua, algumas vezes levemente ondulada outras completamente plana. Rios e arroios de água como vidro escuro serpeavam seu curso ao longe. A água corria tão lentamente que parecia parada.

Todas as aldeias pareciam iguais: pequenas casas cinzentas de madeira, com uma vista estreita so-

bre o caminho que os passos do homem e do gado construiram. Tambem nas cidades mais adiantadas onde passamos, a maioria das ruas e das estradas que viamos do trem, foi traçada por idêntico processo. Estreitos ou largos, esses caminhos não obedeceram a um certo plano: os pedestres, mesmo, foram os seus criadores.

Depois da tempestade, que desabava quasi todas as tardes, o brilho dourado do sol poente refletia-se nos milhares de atoleiros nas estradas. Era lindo, mas dificilmente poderia ser considerado saudavel. As casas erguiam-se na direção do ocaso, algumas vezes construidas nas depressões do terreno, no campo, onde se juntavam águas estagnadas. Por esse motivo, os camponeses eram forçados a andar a vau, com água até os tornozelos, quando tinham necessidade de sair de suas cabanas. Nunca eram construidas sobre outros alicerces que não fossem a propria lama. Faltavam goteiras do telhado e instalações para drenagem e a água, depois da chuva, corria diretamente dos tetos para as poças dágua em torno das casas.

As aldeias, em sua maioria, eram grandes, com os edificios dispersos, sem plano e ordem, em uma area imensa. As cidades lembravam as aldeias, mas eram muito maiores. Algumas delas possuiam fábricas, edificios feitos de tijolo e outras construções com um certo aspecto oficial, a julgar pelo estilo das torres, cúpolas e balcões — a maioria proveniente

dos fins do século passado. Porem, mesmo nas grandes cidades, as casas de tijolo constituiam uma parte reduzida, circundadas por vastas extensões de pequenas casas de madeira, com tetos cobertos de ripas ao longo das estradas escuras e sobre uma planicie cinzenta de lama.

Jardins e árvores ao lado das casas — como em Kolomanskaya — só voltei a ver depois de muitos dias de viagem, quando atingimos os arredores do lago Baikal. Na propria Russia e na Siberia ocidental, os terrenos que circundavam as casas estavam tão pisados que dificilmente cresciam até as hervas daninhas.

Aqui e alí, nas extremidades da aldeia, havia um pequeno templo de madeira com manchas brancas. E uma ou duas vezes, geralmente no alto das colinas, vimos vastas igrejas com bulbosas cúpolas douradas e filas de edificios que tinham aspecto de conventos, cercados por pequenos bosques e pomares de árvores mortas. Não sei qual a utilidade, hoje em dia, desses conventos.

Terras cultivadas alternavam com florestas — a maior parte, vidoeiros e sabugueiros entremeiados de vez em quando com pinheiros e árvores de natal. Ao longo das estradas que se perdem nas florestas, viam-se feixes de lenha e dois ou três montes de lenha. O pasto devia ser excelente nesses pequenos bosques frondosos, mas não consegui ver uma única vaca ou um cavalo nas florestas. Na Noruega,

na Suecia ou na Finlandia, os fazendeiros teriam certamente forçado seu gado novo — bezerros e potros — a pastar todo o verão, quando não necessitassem dele para fazer o trabalho na fazenda, afim de que se mantivessem de boa saude. E o ruido estridente dos sinos já teria repercutido em todos os recantos dos bosques, anunciando que a riqueza dos pastos frescos fôra integralmente utilizada.

Uma das coisas mais extraordinarias — pelo menos aos olhos dos noruegueses — é que os russos possuem tão poucos animais domésticos. Todos os cavalos que vi durante a viagem pertenciam a uma única raça — originalmente, segundo pude concluir — de passeio: animais pequenos, bonitos, com uma cabeça bem formada e com pernas esbeltas, cascos em bôas condições, assim pudemos verificar quando corriam soltos pelos campos e livres de sinais de doença, como tivemos ensejo de observar em alguns lugares na Siberia. Com um vaqueiro sobre o dorso, pareciam magníficos. Mas era trágico ver esses pequenos cavalos em Moscou e outras cidades presos a enormes cargas, mera pele e ossos, com o ventre inchado e dôres de arnezes.

De vez em quando, mas não muito frequentemente, passávamos por grupos de vacas. Atualmente as vacas russas parecem inclinar-se para o coletivismo. Passeiavam ou estacionavam em grupos grandes e preferiam um pedaço de barro pisado, mesmo que houvesse nas proximidades um cabeço ver-

de ou um grupo de arbustos. Nunca vi na Russia uma vaca que se conduzisse como a nossa escandinava, tão individualística, que gosta de se dispersar, cada uma procurando a sua porção de herva ou a sombra debaixo das árvores, passando por moitas para coçar o corpo mordido por insetos incômodos.

Varias vezes vimos pastores guardando o gado. Possivelmente constituir rebanhos é um hábito de muitas gerações passadas na Russia.

Ao contrario, as ovelhas, as cabras e os porcos sempre apareciam um a um ou, no máximo, dois a dois, à porta de algumas cabanas. Pareciam ser propriedade particular. As fazendas coletivas aparentemente não possuem pequenos animais. Aqui e ali víamos algumas galinhas ou gansos que nadavam nas proximidades da casa.

A minha impressão era a de que os fazendeiros russos apenas possuiam mais ou menos cem cabeças de animais de grande porte e praticamente nenhum de pequeno porte, enquanto que os fazendeiros escandinavos possuem geralmente mil cabeças de cada um.

Sei que, ao findar o período dos czares, autoridades dinamarquesas em agronomia foram chamadas à Siberia para ajudar o desenvolvimento da agricultura ali e para estabelecer cooperativas de laticinios do tipo dinamarquês. Esta empresa progrediu tão bem, que a Siberia poude exportar muitos produtos de sua industria leiteira. Naturalmente, é possivel

que o terreno seja melhor aproveitado em outra região, mas não vejo lógica em que os terrenos ao longo de uma importante linha ferroviaria sejam menos cultivados que outras partes do país, onde os meios de comunicação são mais primitivos. Por outro lado, em um estado totalitario, a falta de transporte deve encorajar o pequeno fazendeiro a produzir mais, porque só assim ele poderá conservar mais para o seu proprio uso. Segundo o nosso ponto de vista, porém, a Russia poderia tornar-se o país mais rico do mundo, sem saquear os seus pequenos paises viiznhos e sem o seu mau regime de governo, se os seus trabalhadores possuissem a metade da capacidade dos escandinavos e finlandeses.

Passamos uma ou duas vezes por fazendas coletivas.

As casas grandes de madeira refletiam uma luz amarela, com cinco ou seis chaminés nos tetos e muitas portas. Pareciam exatamente como as velhas cabanas dos trabalhadores na Noruega do começo da éra industrial. Ainda hoje existem algumas delas perto das fábricas nos suburbios de Oslo. Nós a denominamos "cavernas do lobo". Nunca foram considerados lugares particularmente ideais para habitação, tanto que alimentamos esperanças de vê-las desaparecidas em um futuro não muito remoto. Agora, depois da invasão e bombardeios de nossas casas, devo supôr que os noruegueses se adaptarão

ao nivel de vida dos totalitarios, mesmo no que concerne à habitação.

Não consegui descobrir sinal algum do serviço de selvicultura russo, mas as madeiras proprias para construção ostentavam um aspecto exuberante, de vez que foram deixadas em seu estado natural. Muitas vezes atravessamos clareiras de florestas; até onde minha vista podia alcançar, víamos estendido um tapete púrpuro de herva má chamada "Epilobium Angustifolium" que larga e densamente circundava os cepos negros de árvores queimadas. De espaço a espaço abriam-se na floresta cerrada trechos pantanosos e sobre os brejos inclinavam-se matas de salgueiros e vidoeiros brilhantes com tufos de herva tesa na margem, poços de agua, negros, e imensas planicies de tremedal verdejante.

Uma profusão de flôres selvagens medrava em toda a parte — nos declives ao longo de toda a estrada de ferro, nos prados e nos campos, em qualquer lugar, na floresta, onde invadisse o sol, tornando maravilhosa a paisagem que enchia os nossos olhos. Muitas flôres já eram minhas conhecidas da Noruega: campanulas, margaridas brancas e amarelas e herva daninha em toda a parte. O esplendor vermelho-purpuro acompanhou-nos em toda a viagem até Vladivostok. Não o vi no Japão, mas na América reapareceu, sendo as flôres substituidas por nuvens de sementes brancas como a seda, que estavam dispersas sobre o hemisferio setentrional.

Ao nos aproximarmos do Lago Baikal, novas plantas surgiram, muitas das quais cultivaramos em nossos jardins, na Noruega: pequenas açucenas de um verniz-vermelho; outras de um amarelo-claro, nos prados. Todas as vezes em que o trem parava em um campo aberto — e isto acontecia frequentemente, forçando-nos a uma para la de meia hor a em pleno bosque ou campo, afim de deixar passagem ao trem que vinha em direção contrária — os passageiros abandonavam os compartimentos superlotados, onde os russos deitavam-se amontoados em algumas fileiras de camas, sobre seus proprios colchões sujos e roupas de cama. Os passageiros jogavam-se na relva ao longo da estrada de ferro, deitados seminús, deixando-se queimar pelo sol ou corriam pelos prados colhendo flôres, flôres e mais flôres que guardavam no regaço.

Quando saltei do trem uma vez, colhi algumas açucenas e alguns talos de orquídeas silvestres. Vanya sorriu e disse-me alguma coisa, quando me ajudou a subir no trem. Depois afastou-se reaparecendo daí a pouco com uma garrafa vazia de agua mineral, encheu-a de agua e colocou no seu interior minhas flôres. Nessa ocasião não tínhamos outro líquido para beber a não ser o chá - isso desde que deixamos Sverdlovsk. Levávamos os copos de chá ao nosso compartimento, prevenindo-nos contra a sêde durante a noite, servindo ao mesmo tempo para escovar nossos dentes. Era impossivel obter agua po-

tavel. Neste particular os companheiros de viagem de nacionalidade russa, levavam-nos vantagem, de vez que podiam obter, geralmente, agua distilada nas estações. Mas não estávamos, como eles, munidos de chaleiras e baldes.

Iniciamos a viagem com uma provisão de agua mineral, mas ao terceiro dia estava esgotada. O Dr. D. assegurou-nos que ainda assim tivemos sorte. Suspeitava que a agua mineral era a causa principal de violentas moléstias de estômago, que imobilizou um a um os viajantes, por alguns dias.

O nosso vizinho, o engenheiro dinamarquês, caiu doente quando viu uma porção de vermes rastejando caprichosamente dentro do presunto que encomendara. O comerciante norueguês e as crianças inglesas atribuiam a sua indisposição aos percevejos, cujas mordeduras chegaram a provocar-lhes febre. Outros responsabilizavam o calor ou a comida, mas na verdade as condições de saude, no trem, não melhoraram quando se extinguiu a agua mineral.

Não acho que a comida fosse das piores. Naturalmente, se estivéssemos na Noruega, ficaríamos sumamente ofendidos se alguem nos oferecesse um alimento assim. Mas, depois da experiencia de quatro dias em Moscou, alcancei um estado em que me julgava feliz só em ter alguma coisa para comer. O pão preto russo era bom e quem gostasse poderia comer um pão preto azedo. Os ovos tinham um sabor

como aquele que sugere a lembrança de minhas férias de verão na Noruega, nos dias da minha infancia, quando descobríamos um ninho de galinha que se escondera para chocar ovos. Minhas tias diziam que os ovos estavam demasiados velhos para uso caseiro, mas nós podíamos comê-los se quiséssemos. E o fazíamos com muito apetite. Os demais passageiros que não guardavam tão felizes reminiscencias de infancia, ligadas com o sabor de ovos estragados, mostravam-se menos conformados.

Toda a comida servida no trem procedia ainda da provisão feita em Moscou. Nunca se fez uma tentativa para se providenciar novos suprimentos nas estações durante a viagem. Por este motivo, o gosto e o cheiro da carne pioravam dia a dia. Mas, o pior era a ausencia absoluta de frutas e legumes. Tínhamos apenas uma especie de sôpa com retalhos de couve dentro. Em vez de batatas, serviam-nos macarrões muitos escuros, cozidos como se fossem mingau de aveia. Depois da primeira tentativa, renunciei à sobremesa, constituida de bolos de queijo. Eles cheiravam e presumivelmente sabiam como a materia qeu as crianças vomitam quando sorvem excessiva quantidade de leite.

Ao entrarmos na Siberia, houve uma acolhida entusiástica a uma nova adição no "menu". Em todas as paradas do trem, um grupo de mulheres e crianças andrajosas que queriam vender frutas em bagos, circundava o vagão-restaurante. Uma chí-

cara de chá custava um rublo, sendo as frutas acondicionadas em cartuchos feitos com velhas edições do "Pravda". As frutas estavam cobertas de poeira e frequentemente ainda não amadurecidas, mas os "garçons" nunca deixavam de cozinhá-las e ofereciam-nas com um pouco de açucar.

O chefe do serviço do vagão-restaurante era um homem alto, que tinha o aspecto de um grão-duque de opereta. Jovial e agradavel. Entretia todos os que sabiam um pouco de russo, mesmo quando se queixavam da comida.

Sua imponencia não se ressentiu quando seu casaco branco foi ficando dia a dia mais negro e apesar da sua transpiração ir aumentando cada vez mais: o calor estava derretendo o gigante louro... Seu casaco era filho único e por infelicidade — já no segundo dia de viagem — manchei a manga com molho de carne. E esta nódoa foi a última coisa que vi quando dei um adeus cordial ao nosso grande duque na estação de Vladivostok. Presumivelmente, seu casaco branco servia tambem como roupa de dormir. Observei que todos os empregados do hotel em Vladivostok dormiam em seus uniformes nos sofás, nas cadeiras ou no proprio chão, em todos os "halls" e corredores.

Sonia, que andava sempre apressada carregando bandejas de comidas e copos de chá, era pequena e suja, e nada bonita, mas devia possuir algum "it", pois todos nós gostávamos dela. Sorria sem-

pre, mas se mostrava mais alegre, quando um homem se lhe aproximava. Em um dos livros da biblioteca do trem, lemos que não se deve ofender um cidadão soviético oferecendo-lhe gorgeta. Mas, ninguem póde impedir que uma pessoa se torne amiga de outra, dando-lhe por conseguinte um presente de amigo para amigo. E realmente teve um carater de amistosa despedida a coleta feita com a contribuição de todos os passageiros de nosso carro para dar um presente aos camaradas do vagão-restaurante. O único que não aceitou nada foi Vanya, não obstante ser nossa intenção dar-lhe um presente de amigo para amigo.

Assim, a despeito de tudo, as visitas ao carro-restaurante constituiam uma agradavel variedade. O problema mais grave era o de acostumar-se à imundicie. Gradualmente as toalhas de mesa foram atingindo um estado em que os braços chegavam a ficar colados, quando os cotovelos descansavam sober as mesas. Os pratos, as colheres e os garfos eram horrivelmente sujos, tanto que alguns dos passageiros limpavam cada peça nos seus guadanapos. Quanto a mim, o guardanapo não me inspirou confiança. O abençoado papel higiênico que trouxe comigo da Suecia foi util alí, porque empreguei algumas folhas para limpar os pratos de Hans e o meu.

Muito naturalmente, as conversações no carro-restaurante, numa proporção consideravel, centralizavam-se no estado de saude da Russia Soviética.

Só que nenhum de nós sabia qualquer coisa de positivo. Já há um certo número de anos que os russos deixaram de fornecer estatísticas, que poderiam conduzir a conclusões seguras ou não seguras sobre as doencas e a saude, nascimentos e mortes na Russia Soviética. Nossos conhecidos em Moscou — cuias perspectivas sobre o futuro desenvolvimento do país eram plenamente otimistas — acreditavam que os médicos russos fossem bastante competentes para combater com um sucesso consideravel eventuais epidemias. Mas a maioria dos médicos estrangeiros — por exemplo, o Dr. D. — julgava isso impossivel num país, onde não se achava em nenhuma cidade, grande ou pequena, agua potavel que se pudesse beber, onde faltava consideravelmente o sabão, onde as habitações em todo o país estavam superlotadas, onde as cidades não possuiam departamentos de higiene pública e onde a maioria das casas era construida em terrenos baixos e não drenados.

Quanto à situação alimentar, não conseguimos, é claro, saber nada em definitivo. De um modo geral, o povo não parecia estar sub-alimentado e o pão tambem não faltava, podendo mesmo ser considerado bom, mas os suprimentos alimenticios escasseiavam em toda a parte, tornando-se algumas vezes a situação catastrófica. No último inverno em Moscou, durante um largo período, o povo não podia comprar outro alimento que não fosse o pão e couve branca que custava catorze rublos o quilo. Havia tão pou-

cas roupas, que no inverno o povo devia embrulhar-se em tudo o que possuisse. Seria impossivel cogitar de banho ou trocar de roupas. Por fim, não devemos esquecer que o lixo pode ser espalhado à vontade, de maneira que as emanações das materias pútridas, enchiam o ar onde quer que passasse.

As "toilettes" — continuando a usar essa polida expressão — eram indescritiveis e inimaginaveis se não fossem vistas e cheiradas. As latrinas em Moscou eram pavorosas, mas muito pior era ainda um moderno W. C. sem agua. Todos os passageiros no trem escovavam seus dentes e faziam as abluções costumeiras em um único compartimento de vestir na extremidade de cada carro. Faziamos uma fila todas as manhãs e noites, vestidos em pijamas, e camisolas de dormir, com toalhas, esponjas e demais apetrechos necessarios, esperando nosso turno. Mas de vez em quando os recipientes de agua no trem apareciam vasios. Algumas vezes transcorria meio dia, outras vezes um dia inteiro até que atingissemos uma estação, onde outra locomotiva munida de uma mangueira esguichava agua fervida nos recipientes vasios. Os pequenos lavatorios entre os compartimentos nunca tinham agua. Vanya disse-nos que alguma coisa enferrujara. Feliz era a pessoa cujo turno coincidisse com o momento em que o novo suprimento de agua escaldante atingia a uma temperatura agradavel.

Durante a minha passagem pela Russia Soviética, fiquei convencida de uma coisa: o povo pode viver, e uma parte dele, pelo menos aparentemente sadia, está em condições de trabalhar dentro de um "standard" de vida que nos paises escandinavos consideraríamos fatal. Nos estados totalitarios, só a privilegiada camada da população formada pela casta governante obtem anualmente, por pessôa, aquilo que consideramos o mínimo de gordura, diferentes vitaminas, frutas e legumes. As ditaduras não se preocupam com as regras mais elementares de higiene, afim de conservar a saude pública em um nivel satisfatorio. Aparentemente, elas deixam o barco correr.

Evidentemente há uma grande diferença, quando se trata de uma nação com três, quatro ou seis milhões de habitantes e quando muitos fatores se combinam para estimular os nossos esforços afim de preservar vidas preciosas e proteger a saude do povo. Não constitue uma tarefa insuperavel despertar o interesse de uma consideravel parte da população de um país pequeno e culto na luta pela saude pública. Na Noruega a obra iniciada por instituições particulares — por exemplo, a Sociedade Nacional de Prevenção à Tuberculose; a Associação das Enfermeiras; a Cruz Vermelha e uma serie de instituições de Higiene Maternal e outras com a finalidade de combater a mortalidade infantil — foi em pouco tem-

po considerada como uma questão de interesse público.

E assim o governo tomou a seu cargo um grande número de atividades iniciadas por organizações particulares, que não deixaram de existir, ampliando seu campo de ação e fazendo obra de pioneiras da higiene popular. Teoricamente, pelo menos, todos os cidadãos nas Democracias têm influencia — senão diretamente, de uma forma indireta — na economia do estado. Em uma pequena democracia, o governo não pode mostrar completa indiferença, por muito tempo, em relação ao bem estar, mesmo das camadas mais pobres da população. A distancia entre os dirigentes e dirigidos é alí demasiado pequena. As diferenças de classe não são tão grandes e a mudança de uma classe para outra se processa muito rapidamente.

Antes da invasão germânica, a Noruega possuia uma das mais baixas percentagens de mortalidade infantil em todo o mundo. Mas na Russia a percentagem de natalidade é muito maior que a da Noruega, sem falar na Suecia onde a percentagem de natalidade é tão baixa que se procura naturalmente fazer tudo o que for humanamente possivel para conservar viva cada criança que vem ao mundo. A Russia se pode dar o luxo de sofrer vultosas perdas de crianças e de adultos, na esperança de que a natureza mesmo faça a seleção natural, exterminando os mais fracos e conservando os mais fortes. A Ale-

manha nazista vangloria-se abertamente que constitue parte integrante de sua política racial o preconceito de que as mulheres devem ter tantos filhos quantos forem possiveis, pois a natureza e as condições no país assegurarão a subsistencia apenas aos mais fortes e resistentes, os quais irão propagar a raça.

Negam-se a reconhecer que é lei da natureza o amôr irreprimivel que as mãis devotam aos seus filhos fracos e anormais. Naturalmente, seria impossivel no momento obter confirmação dos rumores sobre um assassinio sistemático dos individuos fracos, doentes ou defeituosos na Alemanha de hoje. Mas se a metade do que dizem é verdade, nem Swift, Newton, Darwin, nem Hans Christian Andersen teriam jamais tido a mínima probabilidade de viver e de realizar sua obra vital. Da mesma maneira, evidentemente, nem Hitler, nem Goebbels ou o nosso proprio Quisling teriam qualquer "chance".

Presumivelmente, com o correr do tempo, os Estados Totalitarios pagarão caro o desafio às leis de higiene pública que a ciencia estabeleceu no século passado. Mas nos estados densamente povoados — paises com 70 ou 130 milhões de habitantes — provavelmente algumas gerações se sucederão antes que o colapso se torne definitivo. E antes que eles proprios sucumbam — se conseguirem manter por um longo período, sob o seu jugo, as pequenas nações moralmente e intelectualmente superiores — conse-

guirão dizimar e destruir essas pequenas nações tão completamente que ao sôar a hora final para eles proprios, a historia do domem branco na face da terra escrevera o seu último capítulo. Missionarios negros ou amarelos irão, provavelmente, procurar remanescentes da raça branca na Eurasia ou América (onde viverão como parias ou nômades entre as ruínas do nosso velho mundo) para difundir entre eles a cultura e a civilização dos novos povos superiores.

CAPÍTULO IV

As estações ao longo da Estrada de Ferro Trans-Siberiana foram todas construidas nos tempos dos Czares. Somos levados a acreditar na existência de algo fundamental na natureza russa que é imutavel e domina o panorama da nação quer prevaleça o despotismo do Czar ou o do chamado partido comunista.

Todas as estações ostentam uma ampla e imponente fachada, enquanto que a parte trazeira pouco possue — apenas uma fileira de compartimentos, quasi sem mobília. Em todas as estações, por onde passamos, havia uma multidão de gente andrajosa, sentada ou deitada sobre as suas trouxas, colchões ou no próprio chão da sala de espera; nos alpendres dos armazens de bagagem, ao longo das paredes da estação, e tambem na praça pública que havia geralmente atrás da estação. Era gente que para alcançar o trem se via na contigência de uma espectativa de vários dias. Mau grado os russo viajarem deitados como sardinhas em lata — instalando-se nos compartimentos com sua própria roupa de cama, embrulhos de comida, samovares, alí permanecendo dia e noite em toda a extensão da viagem — não exis-

te uma relação entre o desconforto do trem e a inclinação dos russos para viajar.

As correntes humanas das ruas das cidades correspondem às grandes massas de viajantes ao longo das comunicações ferroviárias. Por que os russos viajam tanto? "Na esperança de encontrar em alguma parte deste mundo, um trabalho melhor remunerado, mais comida e talvez melhores condições de vida" — explicou-nos um companheiro de viagem que conhecia os russos e ouvira suas impressões.

Todas as famílias viajavam — velhos avós, com seus filhos e netos e em algumas ocasiões com crianças recem-nascidas que, em contraste com as crianças de Moscou pareciam miseraveis. Aliás, o calor e o ar viciado nas estações devem ter sido suficientes para ocasionar a morte das crianças, mesmo as mais fortes e sadias.

As pessoas que aguardavam o trem fora das estações passavam um pouco melhor de que aqueles que permaneciam nas salas de espera, mas em compensação sofriam muito em consequência das chuvas acompanhadas de trovoadas que desabavam todas as tardes, mantendo o terreno em torno constantemente encharcado com lamaçais. Mesmo para os russos o ar, dentro das estações, era irrespiravel e impregnado particularmente com aquele cheiro de graxa empregada para a limpeza das botas. Não se pode dizer, entretanto, que aquela gente possuisse maior número de botas que as pessoas de qualquer

outra parte do país. Os calçados de feltro e as botas entrançadas com fibra de vidoeiro eram as mais usadas, especialmente pelos mais velhos, como tivemos ocasião de observar ao penetrar mais profundamente na Sibéria. Todas as estações estavam cheias de soldados, todos calçando botas.

Mas, apesar de tudo, divertia-se muito saltando do trem nas estações e juntando-se à multidão de gente postada nas plataformas. Com pés nús metidos em chinelos, ainda com roupas de dormir, ("peignoir" e pijama), faziamos esforços desesperados para comprar cigarros em cada estação. A provisão de cigarros no trem acabou ao terceiro dia de viagem e em toda a Sibéria quasi não se poude comprar cigarros até Vladivostok.

As letras grandes que já podia decifrar, anunciavam aquí um restaurante; alí, uma banca de jornais e cartões postais ou um balcão de "souvenirs". Mas nenhum deles tinha alguns à venda, a não ser a pequena tenda de "souvenirs" que, nas estações maiores, oferecia uma coleção de brinquedos: ursinhos, bonecas e livros com um tipo de ilustrações muito simples. Não sei se a venda de brinquedos às crianças constitue parte integrante do plano quinquenal. Estou mais inclinada a supor que se trata de um acordo comercial com o antigo companheiro nazi, o que viria explicar o fato da Rússia estar tão bem abastecida com brinquedos da mais baixa qualidade.

Os russos embelezaram suas estações com imensos cartazes de "slogans" inflamados e com gigantescos retratos de Stalin, Molotov e outros heróis soviéticos. Uma estátua cinzenta de Lenine — a mesma em toda a Rússia — adornava um pequeno relvado em frente à estação. Aliás, em quasi todas as estações havia pequenos jardins, com flores resistentes que medravam mesmo abandonadas.

Antigamente, dizia-se que os russos eram um povo dotado de amor pelas cores e de um gosto refinado e exótico. Mesmo uma pessoa como eu que, nunca se mostrou particularmente entusiasta da mostra de arte russa, pode lembrar-se do que os produtos russos revelavam: cores ricas, padrões bizarros e alguma coisa de luxuriante e exótico. Os trajes que o povo ostentava eram ornados com uma espécie de casta hierárquica. Sugeriam-me a lembrança de roupagens litúrgicas de um culto estranho.

Provavelmente, apenas uma reduzida parcela dos camponeses — os mais abastados — possuia este costume e tudo indica que tenha servido durante toda a existência do seu proprietário, passando depois aos seus filhos. Não parece que os produtos da mão de obra russa fossem possessão comum. Em algumas partes do país o florescimento da beleza correspondente ao senso estético russo tem sua origem no amor do povo pelas cores e por tudo que encanta os olhos."

Mas pelo que pude constatar, nada disso subsistiu. Uniformidade feia, murcha e incolor era só o que predominava.

Nos dias em que permaneci em Moscou, os teatros que dizem haver herdado aquela velha tradição russa, estavam fechados. Meu filho e alguns dos companheiros de viagem mais jovens assistiram a uma representação teatral em Vladivostok, mas parecia — como tudo no velho porto — uma coleção de antiguidades: velhos atores (vi a prima-dona no dia seguinte na sala de jantar. Era, sem dúvida, mais velha do que eu e horrivelmente estrábica) montagem demudada, assim como a velha opereta vienense "Die Dollarprinzessinnen" que foi levada à cena.

O material de propaganda que estava espalhado por todo o país era indescritivelmente feio. Paineis, cartazes e flâmulas de papel vermelho eram colocados nos dias de festa e não eram retirados enquanto a chuva não os destruisse completamente. Os gigantescos retratos dos diversos ídolos nacionais que foram apresentados ao povo como objeto de adoração cada vez que assumiam o poder e faziam uma nova limpeza no partido, poderiam fazer crer — se o povo não estivesse melhor esclarecido — que haviam sido colocados pelos inimigos da revolução no intuito de difamar Lenine, Stalin e os demais líderes, aos olhos do povo. Em confronto com esses retratos, poderia ser considerada nobre e distinta a forma

de arte exercida pelos pintores ambulantes noruegueses que, em minha infância, batiam à porta de nossas cozinhas propondo às criadas pintar-lhes os retratos dos pais ou do marujo, seu noivo. Tem-se a impressão que durante um período superior a vinte anos o governo intoxicou o povo com um sistemático ópio artístico — junto com a pobreza e miseráveis condições de vida — adormecendo o senso estético e o amor pelas cores do povo russo num sono profundo e sem sonhos ou o que é pior — matando-os, si é possivel matar o dom artístico que um povo possua — o que, pessoalmente, não acredito.

A paisagem tornou-se menos monótona, à medida que iamos gradualmente invadindo novas extensões de terra. Passamos por pequenas cidades provinciais que pareciam ser menos destituidas e abandonadas que outras vistas anteriormente. Aquí e alí, uma aldeia com uma pequena horta com semente leguminosas e couves, um ou dois arbustos de groselhas e uma macieira próxima a uma cabana. Uma vaca e uma cabra apascentavam perto de uma casa. Algumas vezes viamos casas, onde os caixilhos das janelas ostentavam pintura fresca de cor verde ou amarela. Uma manhã passamos por uma estação, onde uma mulher vendia "piroshki" quente. E em todas as etapas as mulheres e as crianças agrupavam-se apregoando framboezas.

Cada vez que o trem parava em uma estação, os mêndigos circundavam a máquina pedindo um pou-

co de comida. Especialmente as crianças, ao lado do carro-restaurante, queriam pedaços de pão. E comiam vorazmente tudo o que mr. G. — o novaiorquino — lhes dava. Muitas eram raquíticas. De um monte de trapos surgiam corpos franzinos e fileiras de corcovas formadas pela curvatura precoce de espinhas dorsais. Pernas e braços finos como fósforos, com articulações amplas e nodosas. Tínhamos a impressão de que o povo na Sibéria se veste ainda mais pobremente que na Rússia. Em compensação, as condições de vida são aquí um pouco melhores.

Mas encontramos na Sibéria aspectos de miséria e do sofrimento humano mais profundos que se acorbetavam sob a superfície de uma vida cotidiana sombria e miseravel, ainda que suportavel.

Ao amanhecer de um dia, vimo-nos estacionados em uma estação um pouco a leste do lago Baikal. Um trem vindo em direção contrária parou ao lado do nosso, com imensos vagões de ferro, e janelas gradeadas. Pela abertura de cada postigo podiamos vez um soldado com a baioneta calada. "Transporte de prisioneiros" — murmurava-se. Nosso trem movimentou-se assim que o outro parou.

Chegamos a Taiga no meio e uma noite sombria e úmida. Estávamos exauridos e quasi enfermos, depois de haver transpirado durante o dia muito quente que chegou ao seu termo como de costume: chuva forte, acompanhada de violento trovejar.

Sobre os trilhos da linha mais próxima, parou outro trem de vagões de ferro e agora na luz esmaecida da noite, atrás das barras de ferro das janelas, podíamos ver os soldados montando guarda no corredor estreito. Atrás eles, uma parede de ferro. Os soldados fumavam e colavam-se à janela, para respirar um pouco de ar fresco.

Seis ou sete carros transportes de gado seguiam os vagões de ferro. Permitia-se aos prisioneiros abrir um pouco as largas portas corrediças. Homens, mulheres e crianças sentadas ou deitadas comprimindo-se umas as outras no interior dos carros, onde a luz era muito fraca. As luzes da estação refletiam-se nos soldados que alí montavam guarda.

Taiga significa um lugar selvagem que não nos leva a nenhuma estrada ou caminho. As melhores peles, martas e arminhos provêm das grandes florestas de Taiga.

Em comparação com os cidadãos soviéticos já nossos conhecidos, os soldados estavam bem vestidos, com botas, gorros e uniformes feitos com um material muito superior ao tecido que os russos em geral podem comprar, ainda que o material não pareça realmente bom, de lã mesclada misturada com muito algodão. Tinham cigarros em abundância — um artigo que não pudemos encontrar na Sibéria durante toda a nossa viagem. Vimos massas de soldados em todo o comprimento da estrada de ferro. Casernas e campos de aviação, com aviões em terra e

no ar, encontramos em todas as cidades grandes e pequenas. A maioria dos trens que se dirigiam para o oeste estavam repletos de soldados e suprimentos de guerra.

No segundo domingo que passamos na Rússia Soviética, vimos algumas cidadezinhas muito ao longe, a oeste.

Para grande satisfação do povo — como viemos a saber — a semana de sete dias foi restaurada pouco antes da nossa entrada no país. O dia de descanso foi celebrado com uma espécie de parada militar nos campos atléticos, fora das duas cidades, com a assistência de grande massa popular que aplaudiu entusiasticamente as exibições. Aliás, as praças de esportes que vimos em diversos lugares na Sibéria estavam tão vazias e desertas como o tremedal nas florestas. Porem somos forçadas a admitir que a temperatura não estava condizente com a prática de esportes.

Têm sido fetio profecias de que, na hipótese de uma debacle do governo nazista e de uma tentativa do povo alemão no sentido de fugir ao jugo de seus opressores, os generais alemães não titubeariam em assumir o papel de cabeças de uma revolução de carater comunista. Após o meu testemunho das condições de vida na Rússia sou levada a crer que esse será o único caminho a seguir, no dia em que o regime nazista principiar o seu desmoronamento. Num Estado totalitário — qualquer que seja o método de

coação — o exército será sempre a casta privilegiada. Travestir-se de comunistas será a saida a que o exército alemão recorrerá no dia em que vir ameaçada a posição privilegiada que a classe militar ostenta desde o Império até os dias do III Reich. Para a Alemanha seria um pretexto proteger as grandes conglomerações das Repúblicas Soviéticas e das nações semi-asiáticas na Rússia e Sibéria, para ajudar a utilizar as infinitas riquezas naturais que o Soviet só começou a desenvolver um pouco — para o benefício de quem é facil imaginar.

Apenas duas alternativas restaria à Rússia: ou submeter-se a abandonar todas as aspirações de nação comunista ou reconhecer abertamente que a Rússia é um Estado nacional-socialista governado por uma facção sob a liderança de Josef Stalin.

Sem dúvida, a guerra da Finlândia veiu justificar perante o mundo a dúvida de que tenha sido uma bôa inversão de capital as quantias dispendidas, o sofrimento e privações do povo russo para a creação de um exército efetivo e moderno. A luta formidavel em defesa de seu próprio território, universalizou o conceito de que o exército russo — contrariando a espectativa dos generais alemães — é um adversário muito mais temivel. Resta saber se a Rússia de Stalin quererá, tambem, combater o Wehrmacht alemão, arrancar a swastica e ostentar o emblema da foice e do martelo.

Qualquer das duas posições que a Rússia assumisse, o sonho alemão da dominação do mundo ganharia em amplitude um arrendamento de vida indefinido. Os comunistas de reputação em todos os paises do mundo, impacientes, de idéias e confusão, e agitadores patológicos em todas as partes onde a democracia mostrou sua óbvia fraqueza diante das bombas incendiárias e deslumbrantes sinais de perigo, fariam frente comum com a Alemanha imperialista e com a máquina de guerra de Hitler, quando esta se reunisse sob uma bandeira vermelha.

Esses agitadores auxiliriam com um fervor frenético a realização do velho sonho alemão de uma vitória da Germânia e de um aniquilamento da civilização cristã-democrática em prol de um "Goetterdaemmerung" alemão.

CAPÍTULO V

O trem chegou a Vladivostok dentro do horário, apesar dos vários atrazos — por exemplo o dia anterior, quando permanecemos algumas horas parados, enquanto que um grupo de trabalhadores (a maioria mulheres) trabalhava para retirar sob os escombros os sobreviventes de um acidente ferroviário. Os restantes carros queimados, permaneceram nos campos em ambos os lados da linha de trilhos, e parte das rampas dos dois lados havia sido arrancada. Mas recuperamos o tempo perdido, completando a viagem nos nove dias fixados.

O crepúsculo já descera quando atingimos uma estação pessimamente iluminada, onde deviamos estacionar durante várias horas. Kratas explicou que o Bureau Soviético de Turismo mandaria alguns automoveis, mas que estes ainda não haviam chegado. O hotel estava situado na outra extremidade da cidade. Por isso resolvemos dar uma volta a pé.

Pelas janelas da sala de espera, revi sempre a mesma massa compacta de gente, sentada ou deitada em seus colchões, suja, silenciosa e paciente, desprendendo o indefectivel cheiro rançoso.

Mas exatamente debaixo de uma das janelas vi uma meninazinha e desde então não pude mais afas-

tar meus olhos da sua figurinha. Assemelhava-se estranhamente à minha própria filha que permaneceu doente desde os dois anos até vinte e três, quando sucumbiu.

Um lenço branco estreitamente ligado em torno da cabeça e mais abaixo um par de olhos cinzentos largamente abertos, fitando um ponto distante — o rosto magro e branco como cera — com uma expressão doentia de quem está acostumado a sofrer.

Por fim pedi à esposa do médico judeu que falasse com a garotinha. Ela sentou-se desajeitadamente no caso de dormir enquanto o pai permanecia de pé ao seu lado — um homem com o rosto vermelho, barba sombria e desordenada, envergando um velho casaco militar amarrado com um pedaço de corda. Mas não se fez de rogado para falar sobre sua filha.

Chamava-se Oleha e tinha doze anos. Era tuberculosa. Estivera muito doente e no ano anterior a todo momento cuspia sangue. Mas muito cedo iria recuperar a sua saude porque se dirigia, justamente, a um sanatório popular na Criméa. Ele a acompanharia até Moscou e de lá a menina seria enviada sozinha ao sul. Ouvira dizer que lá na Criméa todos os tuberculosos ficavam bons.

Agradeceu-me feliz o presente que dei a Oleha, não obstante a dificuldade que teria em comprar alguma coisa para a filha durante a viagem. Fez a promessa de comprar para ela framboesas, nas esta-

ções. Oleha estendeu-me suas mãos — era como se tocasse pernas de frango morto, frio e descarnado. A noite se mostrava muito quente mas quando apalpei a face magra e viscosa da menina, senti nela uma transpiraçao fria.

Dificilmente posso crer que a criança tivesse alcançado Moscou ainda viva, com tantas paradas durante a viagem nas estaçoes superlotadas, onde ela e seu pai teriam que esperar um trem onde pudessem estender seus colchoes em um compartimento. Entrementes, ela teria inumeras oportunidades de contaminar um contingente tão grande de companheiros de viagem, que seria suficiente para lotar um outro sanatório.

Depois que consegui vislumbrar o inferno que é o trem-prisao, Oleha foi o espetáculo mais sombrio que presenciei na Rússia Sovietica.

Um pouco depois Kratas, chegou e fomos conduzidos como ovelhas pela escadaria em direção à praça fronteira à estação. Os automoveis chegaram, mas eram só dois, cada um com cinco lugares, de maneira que nos vimos forçados a estabelecer turnos, para o transporte. Por fim conseguimos encontrar um refúgio no hotel.

Tratei de providenciar um banho quente. Em Moscou passei pela experiência de um banho no hotel, não obstante o aspecto repelente do quarto e da tina. Apelei para toda minha coragem e forcei tambem meu filho a ser valente. A primeira vista

dolhos no banheiro do hotel em Vladivostok foi para mim mais do que suficiente. Preferi conservar toda a imundície que colecionei durante minha viagem através da Sibéria a trocá-la pela imundície alí depositada por outras pessoas. Todos os reservatórios de água nos banheiros estavam completamente enferrujados, com certeza desde um período mais longo do que um ano.

Vimos uma vez mais uma sala de refeições pintada de ouro desbotado, com espelhos, tudo sugerindo um passado de glórias. E no meio da decadência erguia-se uma fileira e vasos com philodendros e mudas de figueiras, magníficos exemplares, na verdade os mais belos que vi em minha vida.

No dia seguinte ao amanhecer, vi uma criança regando as largas folhas — a única coisa mantida limpa em todo o estabelecimento.

O hotel estava repleto de refugiados, todos esperando o mesmo vapor que nos levaria ao Japão: o "Harbin Maru". Informaram-nos que o hotel constituia um verdadeiro jardim zoológico, no que concerne a entomologia: pulgas, piolhos, percevejos — todas as espécies estavam representadas. Como nos proteger diante de uma fauna assim?

A esposa do médico judeu possuia um vinagre especial e um preparado para combater os insetos. Dividiu conosco o seu arsenal e deu-nos as necessárias instruções. Meu filho Hans, coitado, não escondeu seu horror. Em todos os vinte anos de sua

existência nunca vira um piolho, não obstante haver frequentado as escolas públicas nas cidades e no campo e de haver pernoitado em todos os ranchos durante suas excursões em skis. Raramente via uma pulga, apesar de possuirmos sempre cão e gato em casa. É possivel que na minha mais tenra infância, as crianças tivessem conhecimento desses representantes da entomologia. Mas já há algum tempo este problema foi solucionado. Em nossa fuga em direção ao norte e mais tarde na Suécia, quando dormia todas as noites nos rebocadores, nas cabanas, no feno sobre roupas de cama usadas uma semana antes por trabalhadores, não me recordo nem me veio a lembrança — posso assegurar — que existisse um bichinho denominado piolho. Por isso sou levada a crer que os alemães, ao invadirem a Noruega, trouxeram consigo hordas desses insetos.

Enquanto Hans, de pé no fundo do quarto segurava uma garrafa de vinagre e um rolo de algodão, por meu turno eu matava os percevejos que encontrava em nossas cama e pelas proximidades.

Aconselhei Hans a deitar-se somente à beira da cama, enrolado em seu sobretudo. Acho que nenhum escandinavo se atreveria a dormir normalmente em camas assim. Quando as cobertas começavam a adquirir calor, um cheiro desagradavel se desprendia. Apesar de tudo, saimo-nos bem da aventura. Mas grande número de nossos companheiros de viagem recebeu tantas mordeduras que a febre os acometeu.

Infelizmente, recebemos a triste nova de que deveríamos permanecer mais uma noite no hotel. O "Harbin Maru" estava atrazado. Kratas anunciou para nosso consolo que podiamos visitar interessantes lugares da cidade no decorrer do dia. Mas não conseguiu encontrar automoveis, o que nos forçou a andar a pé sob sua orientação. Tivemos que nos decidir entre duas sugestões: a visita a um museu ou ao porto onde os navios estavam ancorados. Acho que foi crueldade de nossa parte a opção da primeira alternativa porque Kratas se mostrava ansioso em travar conhecimento com os navios. Mas o nosso rumo foi o museu.

Em confronto com Vladivostok, Moscou, Omsk, Irkutsk, Chita e todas as demais cidades soviéticas por onde passamos, eram quasi bem administradas e limpas. Vladivostok é inimaginavel. É preciso vê-la para admitir a realidade. E mesmo depois da experiência visual, custa-se a acreditar no que os olhos vêm.

Estima-se em um milhão de habitantes a sua população, e está bem situada sobre colinas relativamente baixas às margens de uma baía ampla e magnífica. A maioria das importações feitas nos Estados Unidos e Japão passa por Vladivostok.

Uma fila de trens de carga passa em direção ao oeste todos os dias. Grandes quantidades de mercadorias acham-se amontoadas, nos moles, nas praças públicas e ao longo das ruas, em qualquer lugar on-

de possam ser descarregadas. Tem-se a impressão que alí permanecem até a sua completa ruina. Passamos por uma grande quantidade de peças desmontadas de radiadores do tipo usado na Europa em minha mocidade. Estavam enferrujados juntamente com um monte de ferros velhos.

Nos tempos dos Czares a cidade possuia uma universidade, atualmente transferida para Sverdlovsk, uma cidade próxima a fronteira com a Rússia Européia. O museu era um monumento comemorativo da época universitária. Tambem existia na cidade um pequeno "Museu da Revolução", com quadros dos combatentes de 1918, outros pouco artísticos evocando cenas de sangrentas batalhas, quadros exaltando manifestações proletárias ou cenas idílicas da vida familiar e série de caricaturas de soldados japoneses, vulgares e despidas de humor.

Vladivostok possue tambem uma galeria de arte. Uma centena de quadros inexpressivos que pareciam proceder de coleções saqueadas em residências ricas, onde os proprietários certamente apreciavam mais a moldura dourada do que a pintura mesmo. Vimos tambem duas pequenas paisagens mostrando que os seus autores estudaram em Paris em 1880. Num canto sombrio, alguns retratos bastante bons.

O Museu de História Natural deveria ter sido bom em alguma época. Não era muito maior do que os museus que possuem as principaes escolas na Noruega. Mas seu patrimonio era inteiramente dedica-

dodo c vida animal, à vida dos peixes e à vida das aves. Estava em péssimo estado de conservação. Os peixes estavam cortados de maneira que as tripas saíam para fora; as aves com as penas trocadas e os animais revestidos de peles devoradas pelas traças. Mas era comovente ver como os russos, muitas vezes, pai, mãe e três ou quatro crianças, contemplavam os objetos expostos, com absoluta seriedade e quasi devoção.

A exposição etnográfica era análoga a da história natural: pequena e interessante, mas miseravelmente conservada. Recordamo-nos que inumeraveis tribús mongólicas e outras primitivas vivem na Sibéria. Ao longo da estrada de ferro, quasi nunca topavamos com uma face mongol, não obstante viajarmos durante um período bastante extenso próximo à fronteira de uma região onde vivem os mongóis.

Finalmente, chegou o dia em que deviamos abandonar o paraiso soviético. Começou com uma chuva torrencial. Diz-se que em Vladivostok dos trezentos e sessenta e cinco dias, trezentos e sessenta chove. Permaneci quinze minutos postada à janela do meu quarto, contemplando uma fila de gente que esperava defronte a uma pequena loja vis-a-vis ao hotel. A loja abria suas portas todas as manhãs, mas não consegui saber que ramo de negócio era o seu. Era uma espécie de festa na cidade e o povo estava paramentado com o melhor que pos-

suia. Algumas das mulheres tinham mesmo os seus cabelos tingidos, porque a água que escorria de suas cabeças descobertas apresentava uma cor amarelo-parda nas suas pobres costas. A título de curiosidade, contei quantos guarda-chuvas podia ver. Mas só descobri um único em poder de uma velha senhora.

Mais tarde vi uma meninazinha que levava uma sombrinha rosa — imaginem com que orgulho! Havia mais ou menos duzentas pessoas na fila, molhadas como gatos afogados.

Eis que entra todo nervoso o jovem negociente de peles. Havia homens trepados na janela, afim de fazerem reparos no teto. Era um espetáculo digno de ser visto, pois viamos pela primeira vez os russos concertarem alguma coisa.

A cobertura da casa necessitava reparos urgentes. Pedaços enferrujados de ferro pendentes do forro da casa, onde se amontoavam fragmentos de madeira apodrecida, agitavam-se sob as rajadas do vento e da chuva. Os trabalhadores, porem, tinham algo mais a fazer do que reparar o teto: erguer um grande cartaz de propaganda. Nele via-se a imagem da juventude, moças e rapazes com um sorriso nas faces estranhamente contraidas, saudando o plano quinquenal para a eletrificação da República Soviética. Mr. G., explicou que estava sendo celebrada, nesse dia, a eletrificação. E segundo nos contou um hóspede francês no hotel, um operário russo lhe perguntara se os povos europeus estavam familiari-

zados com a eletricidade que Lenine inventara para auxiliar o proletariado russo. Por mim julgo que um plano quinquenal para suprir o povo com guarda-chuvas neste poço de chuva chamado Vladivostok, teria sido mais oportuno.

Finalmente, chegaram os automoveis que nos levariam diretamente à Alfândega e ao local onde seriam visados os passaportes. Abandonei a maioria de meus vestidos usados durante a viagem, deixando-os em um armário do meu quarto no hotel, porque estava convencida de que não seria possivel encontrar uma lavandaria em todo o mundo que pudesse livrá-los do seu cheiro caracteristicamente soviético. Mas não tenho dúvida em que eles terão alguma utilidade para quem os encontrar.

O edifício da Alfândega era um dos lugares mais limpos que vira na Rússia. Felizmente, porque deviamos permanecer em seu interior durante quasi todo o dia. Às cinco horas da tarde, começamos a lamentar não termos seguido o conselho de Kratas que lembrara mandar buscar uma merenda no hotel, porque reconhecíamos finalmente ser a comida russa sempre melhor do que nada.

A carta de recomendação do ministro russo em Estocolmo serviu-nos uma vez mais, motivo porque fui dispensada da inspeção habitual em minhas malas. Apenas fui advertida da necessidade de deixar alí todo o meu dinheiro russo em troca de um recibo. Se algum dia voltar à Rússia, aquele di-

nheiro ser-me-á devolvido. Possuia apenas oitenta e tantos rublos, mas arrependi-me de não os haver dado todos a Oleha.

Para os demais passageiros, a inspeção alfandegária era muito penosa. Podia-se dizer que não houve uma única coisa que deixasse de sofrer um exame severo. Mesmo os carreteis e novelos de lã guardados nas caixas de costura, foram inspecionados cuidadosamente. O interesse maior se concentrava nas caixas contendo cartas, documentos, livros, tudo enfim que pudesse ser chamado papel. Afinal, foi encarregado da revisão das bagagens, um oficial que falava alemão, um pouco de inglês e só. Alguns trabalhadores poloneses, atualmente cidadãos norte-americanos naturalizados, depois de uma visita à sua velha pátria tragicamente devastada, achavam-se a caminho dos Estados Unidos. As autoridades russas exigiam de sua parte a entrega dos livros de oração e seus rosários. Uma senhora inglesa possuia um diário que vinha mantendo há dois ou três anos; tambem anotou impressões de sua viagem através a Sibéria, o que motivou a confiscação do livro.

Mas há um fim para tudo. E assim nos dirigimos em automovel para o cáis.

Alí tivemos a derradeira impressão da Rússia Soviética. Era o cáis de uma madeira tão apodrecida que houvera necessidade de estabelecer um sistema de amarração com vãos e cadeias ligadas ao teto de

uma casa em terra firme. Das estacas que sustentavam o embarcadouro, o número de falhas superava em muito o número das subsistentes. Veio-me a lembrança uma dentadura com vários dentes apodrecidos à mostra. O navio estava ancorado num pontão, juntamente com velhas embarcações, e para o atingirmos deviamos equilibrar sobre a ponte que nenhuma segurança nos oferecia, sobre uma água negra como carvão e cujo cheiro era mais nauseabundo do que tudo o mais que aspiráramos na Rússia. Usualmente, a água ao longo dos moles em um porto prima pela sujeira e dela se desprende uma exalação má. Mas a água no porto de Vladivostok, sugeria-nos o conteudo de um tanque sético. O "Harbin Maru" estava ancorado, bonito e resplendente, no cáes de amarração. Os marinheiros japoneses envergavam uniformes limpos e os jovens camareiros com jaquetas brancas (que não usavam como roupa de dormir) contemplaram-nos da amurada do navio. Pelas vigias nos costados do navio, conseguimos devassar a cozinha, onde uma fila magnífica de bules resplandecia numa prateleira.

Subir a bordo do "Harbin Maru" era para nós como viver um conto de fadas. Camarotes limpos com beliches; banheiros ladrilhados, com água quente; uma sala de jantar com toalhas de mesa de resplendente limpeza; porcelana e prata; frutas na mesa. Quasi experimentávamos um sentimento de simpatia em relação aos japoneses. Sentiamo-nos in-

clinados a acreditar que o povo não participava dessa política de conquista e de guerra na China, da qual eram responsaveis políticos e imperialistas japoneses que reivindicavam para o seu país o domínio de todos os povos da Ásia oriental.

Fomos forçados a fazer um prejulgamento favoravel aos nipônicos, após uma estadia de duas semanas na Rússia. Um moço de bordo, sorridente, aproxima-se e oferece-nos um banho quente.

A jovem suéca que se dirige ao Perú em companhia de seu marido, um judeu austríaco, entra gritando e semi-histérica de felicidade, porque seu filhinho comera um figo e uma laranja e tinha finalmente uma cama limpa. O menino teve uma ama-seca suéca durante os seus quatro anos de existência. Tornara-se doente em consequência da imundície na Rússia e sentia-se incapaz de comer o pão azedo e os ovos estragados e não podia compreender porque sua mãezinha não poderia dar leite e frutas, que estava acostumado a ter. Ela chegou a recear perdê-lo, tambem: "porque — declarou-me — não sabia se me era possivel regressar à Suécia e rever seus pais, irmãos e irmãs". Mas parecia que o pequeno estava agora fora de perigo.

Atrás de nós estende-se Vladivostok, uma ferradura de luzes refletindose- na água negra como carvão. E o "Harbin Maru", cuidadosamente iniciou sua viagem através um campo de minas.

O JAPÃO EM PASSANT

CAPÍTULO I

Não é dificil ser parcial a favor do Japão e dos japoneses quando acabamos de deixar a Rússia

Rashin, na Coréa, foi o primeiro porto que tocamos. Meus ouvidos estavam cheios de histórias revoltantes sobre as atividades dos japoneses na Coréa, graça aos comentários do engenheiro sueco, que viajava com frequência pelo extremo oriente.. Não apreciava muito os japoneses, mas gostava bastante dos coreanos, que considerava honrados, briosos e amantes da liberdade. Com certo prazer chamou-nos a atenção para o fato de que os coreanos andam como nós o fazemos. Os japoneses têm uma maneira peculiar de caminhar, arrastada em uma atitude de quasi submissão e isso porque estão desde a mais tenra infância a andar com sandálias de madeira, ligada ao tornozelo por correias que passam pelo dedo grande e outros do pé. O calçado dos coreanos se assemelha mais a uma espécie de mocassin. E os coreanos são mais altos, caminham eretos e suas faces, em geral, revestem-se de uma expressão mais séria e dignificante. As mulheres se vestem lindamente. As mais jovens usam um tipo de blusa com mangas larguíssimas,

ligadas sobre o peito com uma fita de seda que cai muito abaixo da cintura.

Havia muitas mulheres no cáis. Em Rashin, todas as japonesas e grande número de japoneses vestiam quimonos. Todas as mulheres tinham um aspecto adoravel. Tambem havia muitos homens simpáticos, com faixas em torno dos quadrís e com pequenos leques nas mãos.

A neblina ao amanhecer estava muito baixa, o que nos permitiu ver da paisagem de Rashin apenas declives verdes, sem árvores, com pequenos atalhos amarelos perdendo-se na nêvoa. A maior parte da cidade está situada atrás de uma colina. Ao longo da baía vimos o novo cais construido com cimento e pédra, com vastos armazens de construção recente, tão limpo e bonito que não me recordo de um porto europeu arranjado com uma disposição tão notavel.

Barcas carregadas de carvão circundavam o "Harbin Maru" e coolies semi-nús levavam cestas de carvão na cabeça. Muito tempo passou-se antes que se esvasiasse a barca. Mas o engenheiro suéco explicou-nos que a mão de obra alí é tão barata que se torna vantajoso o descarregamento por um processo tão primitivo. Observei certa vez uma pausa nos trabalhos. Os pobres coolies comiam uma substância verde, uma espécie de folha fermentada, com um pedacinho de carne. Mas todos lavavam as mãos

depois da comida, usando tijelas dáguas, colocadas diante de cada um.

E toos nós que desconhecíamos o extremo oriente não nos cansávamos de observar a vida no cais.

Enxames de japoneses subiam e desciam o portaló do navio e embaixo, no cais, gente afluia sem parar. Jovens japonesas, muitas com sombrinhas abertas, ostentavam quimonos de verão de um algodão leve, alguns semi-transparentes, verdes, amarelos, pardos, com uma faixa larga multicor, chamadas "obi" e sempre evidenciando, nas combinações de cores, um senso estético "rafinée". Mesmo o andar, fora do comum, parece gracioso enquanto as japonesas não se desfazem de suas roupas características. Estavam calçadas com sandálias de madedira envernizada, com meias curtas brancas. Mas quando ostentam vestidos inspirados nos figurinos europeus, despertam uma impressão diferente. Suas faces estavam pintadas de branco e um carmim róseo, cumprimentavam-se com reverências profundas e sorrisos encantadores e sempre seguiam atrás dos homens, carregando todas as malas. Algumas vezes, com um bebê amarrado às costas. Dava vontade de roubar uma criancinha daquelas, tão graciosas se mostravam.

Já a bordo do navio, notara que no Japão o homem é o cabeça da família, mesmo quando da idade de meu filho Hans. Os "garçons" ofereciam-lhe invariavelmente, em primeiro lugar, o cardápio, ser-

viam-nos antes de mim e davam-lhe tambem a primazia, quando traziam a nota. Isso tornou-se ainda mais evidente quando pisamos território japonês e mais acentuado ainda quando visitamos os templos em Kioto, onde os seus servidores e cicerones só se dirigiam a ele, tudo lhe mostravam, certos de que me contentaria em calar-me e seguir meu filho.

O Dr. D. fez a viagem em terceira classe e convidou-nos uma vez a visitar as acomodações em baixo.

Havia cerca de trezentos japoneses — homens, mulheres e crianças — deitados ou sentados nos pequenos beliches erguidos pouco acima do chão da imensa sala. O médico queria que alí aspirássemos o ar, puro e fresco. Todos se lavavam à noite. Sob a luz fraca de uma lanterna, uma multidão de nudistas revesava-se rapidamente entre os grandes jarros de água fervendo. Esfregavam-se, uns aos outros; derramavam cubas de água sobre as cabeças; e de vez em quando toda a cena desaparecia perdida numa onda de vapor. Si a limpeza vale como qualidade moral, os japoneses poderiam ser considerados como o povo mais virtuoso do mundo. Creio que a humanidade na idade média era mais realista: considerava a limpeza, não como virtude, mas como um prazer especial. E os pontífices da igreja — eles próprios sujos e piolhentos — com o intuito de combater a tentação do orgulho e do luxo, dedicavam banhos públicos em larga escala à gente pobre

que não estava sujeita às mesmas tentações, mas pelo contrário, necessitava reforçar o seu amor próprio para gozar a vida nos banhos e suas vantagens. Se deixarmos de parte os predicados morais dos russos e japoneses, respectivamente, podemos afirmar ser mais agradavel a companhia dos japoneses, porque seus corpos estão sempre asseados e frescos, sua roupa sempre limpa, ao passo que os russos são sujos e mal cheirosos.

A primeira vista que tivemos do Japão foi encantadoramente linda. Tsuruga, a pequena cidade na costa oriental de Honshu, a ilha principal, está situada no interior de um fjord, circundado por montanhas cobertas de espessa vegetação. Sempre imaginei que as gravuras das paisagens japonesas fossem revestidas de uma tonalidade de cores convencionais. E de fato o é, mas um convencionalismo que no Japão copia a realidade. Os seus artistas reproduzem os traços característicos da natureza nipônica de uma maneira que sua arte convence mais e se mostra mais fiel do que um trabalho produzido pelo pintor mais "realista".

Um despenhadeiro ao lado de um bosque de sombrios pinheiros e aceres; uma ponte fragil de madeira sobre um corte de montanha — onde o ribeiro brota e um salgueiro tristonho balança seus ramos flexíveis. Do outro lado da ponte estendem-se pequenas casas cobertas de palhas e alpendres sustentados por postes de madeiras. Uma companhia

de coolies semi-nús com chapéus que sugeriam cogumelos, dirigia-se a um grupo de casas ,onde uma graciosa jovem ostentando o seu quimono tinha os olhos embevecidos na cena. Sombras nebulosas contornando as montanhas fazem remover o cenário ao horizonte, tornando este pedaço do Japão alguma coisa etérea e fragmentária. Este era o aspecto da baía de Tsuruga.

Alí chegamos ao amanhecer no terceiro dia de nossa viagem. A pequena cidade era sobrevoada por estranhas e grandes aves, uma espécie de aves de rapina, com asas esfiapadas, que, ao descerem, pousaram em um poste telegráfico, e faziam lembrar uma águia do mar ou um abutre. Vimos grandes quantidades destas aves em todas as cidades do Japão.

Informaram-nos tambem que essas aves eram protegidas, pois que traziam a cidade livre de rebotalhos. Ainda que os japoneses sejam muito asseados e suas casas bem arrumadas, isso não impede que atirem o lixo em todos os lugares que julgarem convenientes — sobre os muros do jardim ou nas calheiras dos telhados. Então, essas aves de rapina deseiam para comer ossos de peixe, cascas de nabo e lixo proveniente de milhares de cozinhas.

Os funcionários da Alfândega e inspetores de passaporte, subiram a bordo. Não obstante serem os japoneses muito mais rápidos nos seus movimentos que os russos, precisos e práticos, a inspeção du-

rou quasi o mesmo tempo que a procedida no país que acabáramos de deixar. Todos os passageiros sofreram um interrogatório longo e minucioso: qual o objeto de sua viagem ao Japão? Quanto tempo tenciona permanecer? E tomou as providências necessárias para poder prosseguir viagem, quando deixar o país?

Não foi permitido o desembarque de um nosso companheiro de viagem, um artista tcheco que trabalhava em cerâmica. Era simpático a todos nós. Sempre sério e calmo. Acolheu o duro golpe com muita resignação, mas confessava ignorar o rumo que tomaria o seu destino. Não havia um único lugar no mundo que se dispuzesse a dar hospitalidade a este homem bom e como se não bastasse tanta adversidade, seus recursos eram escassos. O "Harbin Maru" permaneceria dois dias em Tsuruga, até então poderia permanecer a bordo, mas depois... Prometemos-lhes fazer todo o possível para resolver a sua situação em Kobe, mas este era um pequeno consolo para o pobre tcheco. Quando desembarcamos em Tsuruga, acenou-nos o lenço da amurada do navio, durante muito tempo. Era um fim triste dessa parte da viagem.

Atravessamos uma rua comprida em Tsuruga que parecia um mar de abundância. Lojas abertas, resplendentes de cores, cheias de comestíveis, frutas e legumes; cartazes multicores, com letras japonesas; lindas casinhas de madeira, com telhados cin-

zentos; moitas de loendros, ao fundo de um jardim de pinheiros sombrios. Nas entradas das casas, videiras florescentes e vasos com pequenas plantas. Os transeuntes na rua, ostentando sandálias de madeira, achavam sempre tempo para se deter um pouco, saudar um amigo e conversar. As mulheres às portas das lojas, sem nenhuma pressa examinavam as fazendas, cuidadosamente, antes de aceitá-las ou rejeitá-las. Mau grado o estado de guerra com a China, Tsuruga assemelhava-se a um lugar completamente pacífico.

A cabine do trem era limpa e atraente, com uma boa ventilação, graças às janelas abertas. Atravessávamos um vale, marginando um rio claro e pequeno. Em alguns lugares, a estrada de ferro corria muito próxima a um penhasco de montanha. Os bosques elevavam-se a uma certa altitude; pequenos ribeiros montanhosos desciam cantando e a água jorrava por entre pedras musgosas. Depois o vale começava a alargar-se. Nos campos de arroz achavam-se moitas verdes, plantas novas dentro dágua, onde se refletia o azul daquele céu de verão. Na extremidade da floresta escura, balsas de bambú arqueado, douradas e graciosas, constituindo um prazer sempre renovado contemplá-las. E as aldeias! Ignoro como vivem os camponenses japoneses. Provavelmente, não muito bem, mas nada pode ser mais bonito que suas casas com agudas cumieiras nos tetos de palha e com paredes de madeira

sem pintura, cintilantes como seda. De vez em quando passávamos por um pequeno templo. O pórtico de entrada, chamado "torii", possue as mesmas belas linhas que reveste todo o templo. Transposta a entrada, viamos alguns edifícios pequenos, escuros; algumas lanternas de pedra, cinzentas; leões de pedra, salpicados com lichem dourado, no pequena bosque de velhas árvores sombrias. Essa singeleza e aquele requinte de arte da paisagem combinavam-se para crear uma beleza e uma doce harmonia mesmo nos menores e mais humildes santuários.

Em Maibara separamo-nos dos passageiros que se dirigiam a Tóquio. Maibara está situada à margem do grande lago Biva. No lado oposto encontram-se altas cadeias de montanhas, uma atrás da outra, perdendo-se na neblina de um céu de verão. As cidades eram agora maiores e os distritos mais povoados.

Começando a uma curta distância de Osaka e prosseguindo até Kobe, as cidades e as aldeias quasi formavam uma única cidade. Não pude deixar de imaginar quão facil seria bombardear, destruir e incendiar essa extensão imensa de pequenas casas de madeiras, densamente povoadas. Mesmo em Osaka e Kobe, onde existem núcleos de grandes fábricas e modernas edificações de tijolo, acham-se tambem inumeraveis bairros em que se vêm somente casas de madeira.

CAPÍTULO II

No hotel em Kobe, recebemos as primeiras notícias da Europa desde que deixamos Estocolmo. Não eram muito animadoras. A França derrotada e desarmada; Estônia, Lituânia e Letônia tragadas pela Rússia Soviética. A Inglaterra ainda não conquistada — mas quanto tempo ainda poderia resistir?

Havia momentos em que me olvidava dessas notícias horríveis e então me sentia feliz; como, não sei explicar. Na primeira noite fizemos um passeio pela cidade, andando ao acaso numa rua estreita e apertada. As lojas tinham as portas abertas e estavam abarrotadas com toda a espécie de mercadoria, exposta no passeio público, quasi obstruindo a passagem dos transeuntes. As luzes elétricas, as lanternas coloridas e as luzes fracas atrás das janelas de papel, nos andares superiores das casas, formavam um mar de luz e sobre nossas cabeças sentíamos a escuridão da noite aveludada que tornava a cidade um refúgio agazalhado e familiar. A noite estava abafada, impregnada de estranhos odores. Mesmo assim podíamos reconhecer a fragrância dos leandros florescentes e da brisa que vinha do oceano.

Observada mais minuciosamente, a maioria das coisas postas a venda era pobre e barata. Os fruteiros colocavam os melhores pêcegos e os melões mais amadurecidos em cima; mais abaixo, havia frutas ainda verdes ou apodrecidas. Mas este método é praticado em todo o mundo.

Os legumes pareciam murchos, mas é possivel que estivessem frescos pela manhã. Pequenos restaurantes ostentavam bonitas travessas de porcelana com pratos de comida que pareciam deliciosos. Mas descobrimos — quando entramos no restaurante para uma refeição ligeira — que a aparência era melhor que o gosto. Mas a comida do hotel era muito boa.

Havia um bairro na cidade em que todas as lojas vendiam tecidos. A maioria dos vestidos era do tipo europeu, pobres e feios, mas em compensação ridiculamente baratos. Fizemos tudo para encontrar uma camisa para Hans. Depois da viagem através da Rússia, estava quasi sem roupas. Finalmente, conseguimos encontrar uma camisa, embora as mangas fossem compridas. Os japoneses não parecem tão pequenos, mas, quando se deseja comprar roupas feitas e calçados, percebemos como os europeus são de maior estatura e seus membros mais longos.

"Torii" velhos e cinzentos se encontravam em numerosos trechos da cidade. Ao centro das lojas e das pequenas residências se achava um pequeno

templo "shinto" com todos os seus acessórios de leões de pedra, lanternas de pedra, e Deus sabe mais o que. Debaixo de um velho pinheiro que estendia sua sombra até a entrada do templo, havia uma galeria com armas de fogo. Um leandro gigantesco, florescente, alongava suas ramificações sobre a cobertura do templo e sobre uma pequena tenda, onde se vendia água mineral. Evidentemente, o bairro dos bazares havia sido construido em um terreno que pertencera originariamente ao templo.

Para os estrangeiros, parece impossivel chegar-se a compreender e aprender alguma coisa da vida religiosa dos japoneses. Algumas pessoas pretendem que a religião japonesa consiste em observar certos ritos cerimoniais e recitar formas de oração prescritas. Outros, porem, asseguram algo muito diferente; que toda a concepção japonesa da existência é tão fundamentalmente religiosa, que nós, os europeus, não a podemos compreender. Na realidade, tornamo-nos todos tão materialistas, que a fé de uma realidade espiritual neste mundo é reduzida a uma simples conjectura ou a uma esperança vaga. Para os japoneses o sentido da pátria, da casa imperial, dos mortos e dos futuros descendentes; das quatro estações do ano e todas as formas na vida da paisagem e vegetação, são expressões de uma realidade imaterial. Mesmo os deuses, os espíritos, a alma que se desprende dos mortos, são veneradas como formas concretas de uma realidade, de cujos poderes

dominantes o homem depende, sem que possa jamais compreendê-los completamente. Ainda há os que asseguram ter sido isso verdadeiro, mas atualmente, a religião oficial é apenas uma peça do mecanismo através do qual a facção governante — eles próprios agnósticos — mantêm seu poder absoluto sobre o povo, de quem pede todos os dias sacrifícios maiores, impondo-lhes sempre novas restrições, em favor da política e voracidade dessa facção.

Uma senhora norueguesa que vivia no Japão há mais de 20 anos, declarou-nos que o japonês comum é muito piedoso e seu devotamento religioso tão ilimitado que dele muito poderíamos aprender. Um filho de sua velha governante, tornou-se recentemente um sacerdote budista. E ela desejaria que todos os sacerdotes noruegueses levassem uma vida tão exemplar e servissem sua igreja e sua crença, com tanto desprendimento e sacrifício próprio, como fazia esse sacerdote japonês.

Parece pouco provavel, como muitos insistem em afirmar, que os japoneses sejam irreligiosos, quando se considera — por exemplo — a história da igreja católica no Japão. Durante as perseguições do século XVII, os católicos japoneses encontraram, aos milhares, a tortura e a morte, com uma coragem inegualavel. E mais tarde os descendentes desses mártires mantiveram inflexivelmente a sua religião proibida, privados dos padres, dos sacramentos, sem qualquer espécie de templo para exer-

cer sua fé, por um período superior a dois séculos. Quando o velho edital que proibira a profissão da religião católica foi anulado, em 1873, ainda se encontravam mais do que dois mil católicos japoneses em Nagasaki e distritos adjacentes. Se soubesse que nossa estadia no Japão se prolongaria tanto, teria levado Hans comigo, em uma peregrinação à colina dos mártires e a uma visita à catedral de Nagasaki.

De uma coisa não se pode duvidar: que em todos os templos que vi no Japão houvesse sempre uma corrente humana que entrasse e saisse em fluxo e refluxo, constante. Nos santuarios "shinto" pratica-se uma especie de ritual que até onde pude perceber se reveste do seguinte procedimento: aqueles que rezam suas orações arrastam uma corda de sinos para chamar a atenção dos deuses e dos espíritos. Depois fazem deslisar algumas moedas numa caixa postada diante de uma divisão que separa o santuario interior — uma especie de altar com imagens sagradas, cuja significação desconheço, embora parecessem muito bonitas.

Os fiéis batem palmas, fazem suas orações e antes de se retirarem cumprem uma serie de respeitosas reverncias. No pequeno templo situado no bairro dos bazares, em Kobe, todos os dias observava como os crentes tangiam os sinos ao entrarem. Muitos templos "shinto" são dedicados à memoria dos mortos — dos espíritos de pessoas que em sua

existencia terrena se mostraram, em algum sentido, dignos de serem honrados pelo povo. A antiga casa do general Nogi em Kioto, por exemplo, transformou-se agora em um templo para veneração de seu espírito. Nas extremidades de Kobe estende-se um vasto grupo de templos, onde Kusunogi-Massashige é venerado como modelo de amôr à patria, lealdade ao imperador e de audacia. Era aquele o local, onde perdera a batalha contra o exército revolucionário comandado pelo traidor Nitta-Ioshisada e finalmente onde cometera o hara-kiri em 1337. No parque circudando o santuario, encontra-se uma fileira de troféus conquistados nas últimas guerras do Japão: um canhão russo de Port Arthur e destroços de um avião russo. Não sei se alguns troféus provêm da atual guerra com a China. Mas não resta dúvida que a guerra sino-japonesa seja a causa da afluencia tão intensa da mocidade nipônica a esse templo. Diante dos altares agitava-se grande número de bandeirolas e cartazes com dizeres e delgadas folhas de madeira, tendo gravadas a imagem de um garanhão. O reverso dessas placas de madeira é preparado de molde a servir de cartão postal que póssa ser despachado diretamente do templo.

Era lindo o parque em torno do templo, com vastos pinheiros cinzentos, longas avenidas com lanternas de pedra e esculturas de animais — leões, tartarugas, cavalos. Jovens mães, acompanhadas de seus pequenos rebentos, passeiavam nas avenidas,

parando de vez em quando para beber limonadas, nas numerosas tendas, próximas à entrada, onde tambem compravam "souvenirs". Os japoneses parecem considerar as visitas ao templo, como agradaveis passeios, onde a adoração alterna com o descanso à sombra das árvores de onde se obtem as impressões estéticas dos magníficos edificios e jardins, preparados com notavel bom gosto, que formam parte das edificações.

CAPÍTULO III

Os jornais falavam da prisão de estrangeiros e de uma tendencia inconfundivel para uma crescente hostilidade em relação aos elementos alienígenas, principalmente aqueles que se exprimiam na lingua inglesa. Como um comentario sobre as revoltantes historias de um tratamento brutal dispensado às populações nas partes ocupadas na China pelos japoneses, os europeus radicados no Japão há muitos anos, poderiam citar exemplos de uma brutalidade correspondente aqui. Dizia-se que o povo tinha tanto medo da policia e de seus métodos que acontecia frequentemente, para dar um exemplo, que um ladrão preferia matar-se, quando em perigo de ser detido. Uma de nossas conhecidas fez menção de um recente roubo, com arrombamento, em uma casa de campo nas montanhas. Apesar de conhecer o autor do assalto, não tinha coração capaz de denunciá-lo. Prostitutas e "geishas", heroinas de tantas obras literarias, eram agora tratadas, pelos proprios japoneses, da mesma forma como as tratavam antes os marinheiros embriagados dos navios europeus.

Recebemos instruções severas sobre a maneira de nos conduzirmos, se tencionássemos realizar uma excursão até Akasai: sob pretexto algum tirar foto-

grafias e não mostrar interesse pelos lugares que não fossem assinalados pelo guia turístico. A costa e a baía com suas ilhas formam dominio militar; todos os estrangeiros que alí se dirigem são vigiados rigorosamente.

Dificilmente se poderia imaginar que o Japão fosse um país em guerra. A primeira impressão era de que a vida seguia seu ritmo habitual. O povo se mostrava bem vestido, bem alimentado e contente. Paravam nas ruas em grupos e conversavam felizes e sorridentes e separavam-se depois de haver trocado muitas reverencias e cumprimentos. Vimos muitos mendigos, mas não tantos como, por exemplo, notáramos em Moscou. Nas ruas menos movimentadas as mulheres sentavam-se nas varandas com trabalhos de costura. A roupa recem-lavada estava pendurada nas cordas, e grupos de crianças brincavam nas ruas. Muitas vezes vi nos parques dos templos, meninos e meninas sentados tranquilamente com livros ou material de pintura, lendo ou desenhando. Os caixeiros nas lojas eram extremamente obsequiosos, e com a melhor boa vontade traziam-nos quasi todo o stock, sem tentar persuadir-nos a comprar. O pessoal da estrada, na estação, e nossos companheiros de viagem, no trem, estavam sempre prontos a nos prestar serviços, oferecendo-nos algumas vezes seus préstimos e dando-nos explicações antes mesmo que as solicitássemos.

Quem esteve como eu na minha juventude, enfeitiçada com as obras de Lafcadio Hearn, abandona involuntariamente a idéia de que continuasse de pé alguma coisa remanescente da beleza tão maravilhosamente harmoniosa da cultura japonesa, tão requintada e altamente elaborada — não obstante a industrialização, a europeização e o militarismo de modelo germânico. Admitindo-se o que Hearn idealizou nos seus livros, como verdadeiro, a realidade segue inteiramente à poesia da descrição. A beleza de contos de fadas do país, as inumeraveis provas de uma cultura artística desenvolvida em alto grau — como se pode observar na arquitetura, na pintura de paisagens, na horticultura, muito superior à ocidental; e nos trabalhos dos artífices japoneses — tudo isso apoia o nosso velho encantamento. Tinha-se vontade de acreditar que apenas um grupo pequeno de homens apossara-se do poder e que as oprimidas e radicadas forças democráticas da vida política da nação constituiam a genuina expressão da natureza do povo. A responsabilidade das atrocidades japonesas contra os povos vizinhos — os chineses cognominam "nipismo" essa modalidade totalitaria oriental de exercer a brutalidade — cabe apenas a uma facção política do país. E o povo é tanto vítima desse regime, como tambem seu cúmplice.

"Nossos labios riem, enquanto nossos olhos choram" — lembrou a senhora norueguesa, há longos anos residente no país, citando a expressão de uma

sua amiga japonesa, ao receber da China o seu quinto cofrezinho contendo as cinzas de um dos seus mais próximos parentes.

Dois filhos, um irmãos e dois sobrinhos haviam tombado na China. Restavam-lhes ainda no "front" seu marido e seu único filho vivo...

Duas ou três vezes assistimos a cortejos fúnebres de militares. Um carro repleto de oficiais, cada um segurando uma caixinha com cinzas e uma especie de lenço branco nos hombros, e atrás, acompanhando-os, as esposas dos oficiais, trajando luto.

E as perdas nipônicas na China ainda eram pequenas, comparadas, por exemplo, com o número de mortos da 1.ª Grande Guerra Mundial na Europa e com as perdas na atual conflagração durante todas as investidas alemãs. E tem sido sempre dificultoso persuadir um povo a entrar na guerra, fazendo-o crer que a sua propria existencia se acha ameaçada. Predisposição para a guerra, nada tem a ver com o entusiasmo pela guerra — o primeiro sendo reflexo do instinto de preservação; o segundo, um produto artificial. É possivel que grande parte do povo esteja de acordo com a política japonesa de conquista. O sonho de dominação da maioria dos paises do Pacífico e de poder utilizar seus recursos naturais em beneficio proprio, é, sem dúvida, uma enorme tentação para um país densamente povoado, cuja natureza não é rica a não ser em beleza. E nunca mais voltarão as velhas condições sociais dos tempos em

que os japoneses, em todo o respeito, se satisfaziam facilmente, com exceção da exigencia de uma vida ética e estética.

O presente estado de guerra impõe ao povo restrições de toda a espécie, sem provocar especial reação de certa parte que deposita confiança no futuro, quando as conquistas realizadas estiverem consolidadas. Alguns dos sacrifícios podem ser taxados quasi cômicos. Por exemplo, os apelos às mulheres patrióticas que foram exortadas a renunciar à moda de cabelos cortados e às ondulações permanentes para voltar ao primitivo penteado de característico estilo japonês. Núnca tive ocasião de ver as complicadas obras primas do velho penteado japonês, mas fui informada de que ainda são usados nas ocasiões festivas. A maioria das mulheres usa agora um penteado simples, mas gracioso e que lhe fica bem — dividido no meio e penteado para traz em suaves ondas, terminando na nuca em um coc. Cabelos curtos e ondulações permanentes eram extremamente raros. Pode-se dizer de uma maneira geral que as mulheres japonesas, se vestem bem e com um raro gosto quando ostentam seus costumes originais. Mas seus vestidos são feios e grosseiros, quando imitam a moda européia. Neste último caso não revelam senso estético aproveitavel, quer seja na escolha de cores, quer seja no corte do vestido. Todos os moveis, quadros e berloques europeus, que vimos em exibição nas lojas, eram horriveis. Não

só os bustos de Hitler denunciam a sua origem alemã. Tambem a maioria dos artigos ocidentais à venda eram obviamente o que poderíamos chamar "lixo-alemão", barato e feio. Mas essa falibilidade de gosto em relação à escolha de produtos de uma cultura alheia não é, evidentemente, unilateral. Estou certa de que a maioria dos "objets d'art" japoneses que os turistas compram em grande quantidade — em virtude de seu baixo preço — são fabricados exclusivamente para o comércio turístico.

Não existe um único japonês da inferior classe média ou sua mulher, que possua um só desses objetos em sua casa. Os quimonos japoneses de uma seda cintilante cobertos de bordados, imensos dragões em fios d'ouro, trepadeiras, peônias e outras congêneres — em grosseiros pontos de costura e cores pomposas, jamais poderiam ser ostentados por mulheres, tratando-se de amor ou a troco de dinheiro. Em Monomati — a melhor rua comercial — certa vez troquei impressões sobre esse assunto com um empregado da maior casa de tecidos de seda. Ele sorriu diante de uma pergunta minha, foi buscar depois na outra extremidade da loja alguns magníficos quimonos de algodão em cores e modelos muito simples e outros quimonos de seda ornamentado com um pequeno escudo de armas — o "fujiwara" ou "tokugawa" — dizendo: "se desejar alguma coisa de que nós mesmos gostamos, aqui está.

Mas os turistas pedem, em geral, aquilo que os olhos dizem valer mais do que o dinheiro gasto..."

Entrara nesta loja para comprar tecido "shantung" para fazer camisas e pijamas para Hans e vestidos de verão para mim. Percorremos a cidade de alto a baixo e rebuscamos todas as casas comerciais grandes e pequenas, sem poder encontrar roupas feitas de que tanto precisávamos. Viamo-nos na contingência de fazer as roupas sob medida. Aliás, próximo ao nosso hotel havia uma rua cheia de alfaiatarias. Em todo Kobe só encontramos seda artificial. O amavel empregado informou-nos de que a produção de seda natural do Japão é utilizada para a fabricação de paraquedas.

Em toda a extensão das ruas próximas ao Hotel Tor, onde estávamos hospedados, as lojas dependiam do comércio com os turistas da Europa e da América. Agora, o movimento de vendas diminuira de uma forma assustadora, laquê, pedras preciosas e vasilhas de cobre esmaltadas a preços irrisórios. Com uma franqueza que parece ser característica de todos os comerciantes japoneses, confessaram que o laquê de fabricação recente era de qualidade acentuadamente inferior em relação ao velho que existia ainda em pequena quantidade no antigo estoque. A técnica japonesa da fabricação do laquê necessita realmente uma mistura de uma chapa de ouro nas cores fundamentais que imprimem à fabricação brilho; e os adornos pintados devem ser

executados com ouro genuino. Há mais de um ano, porem, não se encontrava ouro para um trabalho dessa natureza.

Essa modalidade de restrição não poderia, é claro, influenciar moralmente o povo. É curioso observar que as lamentações eram originárias das donas de casa européias, que não podiam encontrar em alguns dias do mês, farinha feita com trigo branco. Estavam impossibilitadas de servir sopas e molhos com temperos e de fazer biscoitos. Mas no hotel ainda se encontrava pão e, sem dúvida, havia na cozinha todos os ingredientes necessários.

Era a ameaça da falta de combustiveis, o que fazia europeus e japoneses olhar com ansiedade a aproximação do inverno. Receiavam que faltasse até carvão de lenha. Mas isso era mais duro para os estrangeiros, porque os japoneses estão mais acostumados a suportar a estação fria.

Mas o que, na realidade, podia ser considerado alarmante, era a escassez d e arroz — a comida mais importante na alimentação japonesa. Diziam-nos que comessemos o que quizessemos nos restaurantes japoneses, mas nunca pratos com arroz. Porque se alguem não limpa o prato até o último grão de arroz, pode ficar tranquilo que o resto será servido no próximo prato.

Comentava-se que a colheita de arroz parecia promissora. Mas o Japão nunca tem bastante arroz

para o seu próprio consumo. A população constituida de proletários comia quasi sempre arroz importado de qualidade inferior e mais barato que o arroz japonês. Para obter essa qualidade de arroz em quantidade suficiente, o Japão será forçado agora a tentar extorquir as colheitas das distantes províncias da Índia em condições que ditará.

Tambem no Japão fomos experimentando pouco a pouco o sentimento de que as condições de vida do povo estão sujeitas às mesmas leis que parecem imperar em todos os Estados totalitários. O padrão de vida decresce sensivelmente e sem cessar, apesar de que o Japão ainda não atingiu a profundidade a que baixou, por exemplo, na Rússia Soviética e na Alemanha. Mas tambem aqui o povo é forçado a submeter-se às restrições cada vez maiores, e a uma falta de satisfações — grandes e pequenas — que o povo considerava asseguradas definitivamente. Mais e mais vão abandonando sua liberdade de viver e de ação, segundo seus próprios desejos e inclinações.

Mesmo os jornais publicados em lingua inglesa estavam cheios de discuros patrióticos "de que agora era o momento de se por à prova o heroismo". Agora, se devia exibir um espírito menos materialista, para o grande e glorioso futuro em que a nação se cobrirá de riquezas. Só não foi mencionado quando adviria esse futuro. E ninguem o sabe.

, O único método que os ditadores sabem empregar para presentear a terra prometida a seu povo, consiste em conquistar os paises vizinhos, saquear suas populações de todos os valores acumulados durante centenas de anos de labor.

CAPÍTULO IV

A saida do "S. S. President Cleveland" atrazou-se uma vez, depois mais outra vez. Todos os dias era acordada pelo canto agudo e estranho das cigarras — criaturinhas que se exibiam em um coro de cem vozes nas bandas montanhosas cobertas de vegetação — repercutindo até à minha janela aberta de par em par. Por íngremes caminhos subindo despenhadeiros, através as árvores, os pequenos moços japoneses andavam com varinhas cobertas de visco para apanhar cigarras e colocá-las em gaiolas de tamanho reduzido, construidas de bambú e palha. Eles prendem as cigarras como nós o fazemos com os canários e julgam seu barulho dissonante, lindo. Devo confessar, entretanto, que manifestei o mesmo ponto de vista, quando me acostumei ao canto. A música das cigarras é o som das sandálias de madeira sapateando sobre lages, provavelmente me acompanharão sempre como a expressão da mais característica essência do Japão.

Estava um calor sufocante. Violentas tempestades e chuvas torrenciais, algumas tardes, refrescaram a atmosfera apenas por uma ou duas horas. Depois a umidade parece haver tornado o calor mais insuportavel. E tinha necessidade de ir tanto

à cidade ! Ir aos escritórios da companhia de navegação ou experimentar os costumes no alfaiate. E alem do mais deviamos ajudar aquele nosso bom companheiro de viagem, o pobre tcheco detido em Tsuruga. Acompanhado de Mr. G., visitei alguns consulados e organizações pró-refugiados.

Uma jovem judia que chefiava uma dessas instituições — ela própria era refugiada alemã — veio ao hotel, uma vez, para tomar chá comigo. Estava muito cansada de seu trabalho e de toda a miséria que testemunhara durante muitos anos. Recentemente conseguira abrigar um grupo recem-chegado da Polônia. Eram cerca de quarenta homens libertos de um campo de concentração existente na Polônia ocupada. Dias antes da libertação, alguns guardas nazistas lhes preveniram: "não pensem que poderão pisar o território russo. Vocês todos serão agora executados, e de uma forma bem conveniente, como merecem". Foram levados a um crematório e trancados no forno. Os guardas ameaçaram ligar o comutador. Exacerbados pelas torturas que vinham experimentando, os pobres homens tinham a impressão de que o forno se tornava cada vez mais e mais aquecido. Dois deles sucumbiram com um colapso cardíaco e a maioria deles, após duas horas no interior daquele inferno, saiu como cadaver ambulante.

Os guardas, com um riso largo, explicavam que se tratava apenas de uma brincadeira. Finalmente, puderam deixar o país. Esta foi a história que

um dos homens contou à judia. O polonês era um homem de 25 anos aproximadamente, que acabara justamente de completar o seu curso de medicina. Seus cabelos se tornaram completamente brancos.

Certa manhã, quando nos encontrávamos no pequeno almoço, fez afinal o seu aparecimento o nosso tcheco. Sentimo-nos tão contentes de vê-lo, que por pouco lhe deslocamos os braços. Mas o único lugar que conseguimos arranjar para seu refúgio, foi Shangai. Infelizmente, porem, todo o dinheiro conseguido por nós, depois de uma coleta geral, era insuficiente para a sua subsistência durante um período razoavel. E o pior é que são mínimas, a meu ver, as suas possibilidades de obter trabalho lá. Dificilmente poderia trabalhar como artista especializado em cerâmica. Mau grado tudo isso, o que se conseguiu era bem melhor do que nada.

Entrementes, resolvemos aproveitar a oportunidade de fazer a viagem de um dia a Nara e de dois dias a Kioto. A cidade de Nara está situada ao pé de uma cadeia de montanhas baixas, mas atrás da cidade estende-se uma vasta planície, encaixada entre fileiras de grandes montanhas ondulantes, mas não separadas por cimos agucados, como as de Tsuruga e as de Rokko, em Kobe. Com nosso tempo limitado, pouco podemos ver da cidade, mas fiz questão de visitar, pelo menos, Horyuji, um dos velhos mosteiros budistas do país, com suas colecões da velha arte japonesa, com suas esculturas e quadros que

me eram familiares há muitos anos, graças aos cartões postais, mas que nunca sonhara em ver com os meus próprios olhos.

De automovel passamos por jardins, campos de arroz, onde havia ainda um pouco de água entre as plantas verdejantes. Ao longo dos montículos de terra cobertas de turfa que separavam os campos cultivados, estavam plantadas fileiras de uma espécie de fava alta, que florescia agora em volumosos grupos lilaz-vermelho. Subitamente, compreendi porque a mais encantadora heroina do romance japonês se chama "A Dama da Flor de Feijão".

Os camponios japoneses levam uma vida penosa e devem ser, na minha opinião, muito pobres. Sem calçados, o rosto bronzeado pelo sol, e com o mesmo pescoço enrugado que possuem todos os camponeses do mundo, vadeavam entre as plantas de arroz, curvados sob seus grandes chapéus de palha amarela, que nos faziam lembrar cogumelos. A gente mais miseravel do Japão, porem, partilha o tesouro mais maravilhoso do país: o senso de beleza tão remarcadamente requintado, que nós na Europa, nada temos semelhante. Toda casinha que viamos nas aldeias, que visitamos, era bonita. Muitas constituiam verdadeiras obras primas, nas linhas graciosas de seus tetos de palha; paredes com paineis sem pintura, mas cintilantes como seda; colocadas entre árvores que habeis mãos humanas podavam, para exibir a qualidade característica de cada espécime de

molde a torná-las mais naturais do que a própria natureza. Um fosso cheio dágua separavam os templos das ruas nas pequenas aldeias. Dentro dágua viam-se gigantescas folhas de lotus, uma puxando a outra. Algumas últimas de cor amarelo-branco exibiam-se ainda entre montões de flores e magníficos cartuchos de sementes em forma de urna.

Horyuji, atrás da monumental porta do templo, era um conto de fadas em um mundo à parte. Não sei que utilidade tem agora, mas deve ter sido em alguma época um lugar onde os seres humanos que queriam descobrir o mundo espiritual da beleza, atrás das formas mutáveis do materialismo e das tempestades das paixões, poderiam atingir a visão da eternidade. À sombra dos velhos cedros e das criptomerias, estendiam-se baixos e compridos os edifícios do templo, de madeira cinzento-castanho, com velhíssimas e douradas camadas de musgo nos tetos azuis cobertos de vidro. Pagodes e pavilhões erguiam-se de uma espessa mata dourada. Os primeiros pingos de chuva de uma tempestade que se esboçava, fizeram levantar da terra uma suave fragrância de flores e de pinheiros.

Só em alguns dias do ano, mostrava-se aos visitantes uma parte dos tesouros artísticos conservados em Horyuji. Mas o que nos foi permitido ver já era maravilhoso. A influência da arte indú pode ser percebida nos objetos mais antigos; as estátuas e os quadros, porém, tornam-se mais belos, quanto maior

for a libertação dessa influência e quanto mais os japoneses procurarem obter completa distinção de qualidade. Um pequeno sacristão de cabelos brancos, com um rosto fino e estreito e de olhos claros, castanhos como água paludosa, serviu-nos de cicerone através o grupo de edifícios do templo. Não sei se foi só a cortezia japonesa ou se o ancião achou, na realidade, que era muito agradavel ter um ouvinte ávido de conhecimentos da sua religião, o certo é que em seu inglês estropeado, tentou com toda a sua autoridade explicar a Hans quem era Buda e quais eram os diferentes Budas e quais as significações de estranhos demônios e ídolos indús, os sábios, os ermitões e os anjos da guarda. Hans perguntava, sondava e mais questões ele levantava, mais sorridente e amistoso se tornava o velho. Procurou esclarecer a Hans os fins e as utilidades de todas as recitações e serviços religiosos que eram celebrados em diferentes capelas. Quasi deixou, completamente, de responder às minhas interrogações, limitando-se quando muito a um sorriso e a um sacudir de cabeça. Não me restou outra alternativa senão fazer o que as mulheres japonesas fazem: seguir a cabeça masculina da família, a uma distância respeitosa e guardar um silêncio completo.

O parque de Nara — segundo um guia — é o mais lindo neste país de lindos parques. Visitamo-lo sob a impressão de uma visão de sonho e debaixo de uma chuva torrencial. Tivemos que abandonar,

naturalmente, o carro, para ver os milhares de famosos veados que investem seus esgalhos, quando julgam não haverem recebido bastante gulodices. Quando regressamos ao carro, estávamos completamente molhados. Ao anoitecer, passamos por templos mergulhados nas profundezas da floresta, através campos verdejantes, onde os cerdos de um castanho leve, apascentavam-se, ao longo de fileiras de criptomerias e pinheiros, e sobre pontes, onde em baixo corriam ribeiros jorrantes. Voltamos à estação na cidade. Concluido o passeio, ficamos sob a impressão de ter sido tudo um sonho e conservamos o desejo de viver uma vez mais um sonho assim.

Na Noruega sempre tivemos orgulho da nossa arte em construções de madeira. Pelo menos, durante um período de mil anos — dos tempos dos Vikings até o século XIX — temos construido navios, casas, igrejas, utilizando madeira de construção de nossas florestas. A longa e íntima familiaridade com essa qualidade de matéria natural, permitiu-nos desenvolver uma técnica perfeita nessa arte, insuperavel em toda a Europa. Este conhecimento completo do trabalho em madeira, ajudou-nos a apurar um senso estético que tem caracterizado os nossos navios Vikings, os nossos barcos de pesca, nossas velhas igrejas de madeira e as nossas fazendas. Divertiu-me ver nas construções japonesas mais velhas, os problemas estruturais resolvidos de uma maneira surpreendentemente parecida com o método empregado

na Noruega — ou talvez fosse natural a existência de tal similaridade. Mas o desenvolvimento no Japão processou-se no sentido de uma maior variedade e riqueza de formas. O clima, naturalmente, prestou grande contribuição, tornando possivel aos arquitetos japoneses aperfeiçoar as unidades estruturais da obra de madeira nas partes decorativas dos edifícios. Na Noruega a tendência do povo para gravar e tingir, limitou-se ao interior das casas. No Japão há mais de mil anos a casa e o jardim são concebidos como um todo. Varandas abertas e delgadas paredes de painel moveis — tornam a casa e o jardim um único recinto, durante todo o longo verão. Na minha pátria, o cultivo dos jardins é relativamente novo. Com excepção do período da idade média, quando grandes propriedades e pequenas cidades — imitando o exemplo dos mosteiros — crearam jardins, não foi senão no século XVIII que se despertou o interesse pela jardinagem na Noruega. Outro fator que contribuiu para um maior desenvolvimento da arquitetura japonesa, abrindo-lhe novas perspectivas, e imprimindo maior variedade nas suas formas de expressão, foi a influência da China e Índia, que se manifestou com o advento do budismo. Os pagodes são peculiares aos templos budistas. Os santuários shinto em confronto com os budistas são sempre revestidos de linhas mais sóbrias.

Sanjusangendo, em Kioto, construido no ano 1252, impressionou-nos profundamente sugerindo al-

guma coisa de novo e, ao mesmo tempo, algo que nos era familiar. Um átrio oblongo de quatro esquinas, com um teto repousando em algumas fileiras de pilares macissos, fazia-nos lembrar as residências reais norueguesas, da mesma época, que segundo as descrições de Saga, apresentavam a mesma aparência. E' em Sanjusangendo que se encontram as mil e uma estátuas de Kvuannon, a Deusa da Mercê.

O templo produziu-nos um estranho efeito. Varando a suave obscuridade, os raios da luz do dia penetravam no vasto átrio, refletindo-se contra a velha madeira vermelho-castanho das paredes do teto e das fileiras de pilares, para, finalmente, iluminar as figuras douradas, mil vezes reproduzidas, colocadas em cinco filas, cada uma em degrau superior à fronteira. Kvuannon é vigorosamente estilizada, surge numa atitude serena e fatalista. Ao centro está entronizada uma grande figura sentada. Não sei se representa a Deusa da Mercê sentada no trono de Lotus pertencente a Buda, ou se é o próprio Buda. A personificação japonesa da Mercê Eterna não tem sexo. Mas não em um sentido que alguma coisa pareça faltar na expressão desses ídolos. Mas Hans assegurou-me que Kvuannon é Buda e Buda é Kvuannon e que Kvuannon-Buda representam só formas cambiantes de um todo que tambem está dentro de cada um de nós. Depois de sua longa palestra com o sacristão em Horyuji, meu filho se permitia pronunciar-se com autoridade sobre o budismo.

As impressões que se recebem dos lugares de fé e de religião até então desconhecidos, são, provavelmente, ou melhor, certamente falsas. O visitante ocasional imagina que aquilo que seus olhos veem não têm a mesma significação que lhes emprestam os adeptos do credo estranho. Mas esse átrio mergulhado em uma semi-obscuridade, com suas inúmeras estátuas douradas que representam, todas, imagens de uma mercê divina, impressionou-me bastante, como a expressão de alguma coisa elementar em todas as religiões que estabelece um imenso abismo entre o divino e o humano. Como transpôr esse abismo, se nós mesmos, com nossos próprios esforços, devemos construir a ponte ou se é a Deus a quem cabe essa tarefa, esta é a essência fundamental das discordâncias entre as grandes religiões. Mas nenhum cristão, especialmente nenhum cristão católico, poderia negar a vontade heróica que possuimos para lançar essa ponte. Será assim, facilmente compreensivel, porque deixamos Sanjusangendo profundamente comovidos. A eterna e imutavel Mercê Divina como está simbolizada nessa imensa quantidade de estátuas de Kvuannon, não é como a nossa Mercê — um sentimento que se expande como uma vaga de oceano e depois retrai-se para deixar somente vestígios de lama, ódio e crueldade. Eterna, imutavel, — e por essa razão nos parece inhumana, — mas quem teve alguma vez uma pequena noção do que os budistas chamam Kvuannon, sabe que, apesar

de tudo, não existe um valor verdadeiro na nossa Mercê, a menos que reflita Kvuannon, a Mercê Divina.

Os outros templos em Kioto que visitamos em dois dias — numa cidade em que se poderia passar alguns meses sem adquirir mais do que um conhecimento muito superficial dos tesouros e da beleza da arte que contem — não me deixaram nenhuma impressão religiosa, fosse ela verdadeira ou falsa. Eram fascinantes como as casas de campo da renascença italiana, ou velhas mansões feudais na Inglaterra — a mesma coisa de uma maneira diferente. Circundados de parques, os quais, sem notavel descontinuidade se perdem nas florestas montanhosas, estendem-se templos, que formam a pérola da arquitetura japonesa. Muitos com simples pavilhões nas extremidades de um pequeno lago, com águas verdejantes e ilhotas artificiais. Sobre a ponte que conduz ao pavilhão, vimos ágeis peixinhos dourados e indolentes tartarugas, que em grandes quantidades dormem ali. Outros templos parecem monumentalmente impressionantes como Kiyumiza. O templo principal está construido sobre uma plataforma em uma cavidade montanhosa. Em cada curva da estrada do parque, ao longo das margens da nascente montanhosa e nos graciosos lagos da floresta, vimos pequenos e magníficos templos e pagodes espalhados entre bosques de bambú, fileiras de aceres e grupos de pinheiros.

O museu público de Kioto é moderno, espaçoso e admiravelmente arranjado. Possue uma esplêndida coleção de arte e trabalhos de artífices. Esculturas sagradas de vigorosa estilização; esculturas realistas de renomados mestres e sábios da antiguidade; quadros com fantástica expressão de vida, de homens feios e bonitos, de um individualismo marcante. Sala após sala atravessamos, cheias de quadros, de diferentes épocas e diferentes estilos.

CAPÍTULO V

Kioto e a província adjacente formam o cenário do heróico romance da Dama Murasaki sobre as quasi incontaveis aventuras de amor do Principe Genji. O livro foi escrito mais ou menos no período de mil a mil e vinte, mas a ação do livro se desenvolve algumas gerações anteriores, ao tempo em que a Europa emergia do cáos da "Idade do Obscurantismo". Justamente, findara na Noruega o período dos Vikings. Mas se há uma época da história européia que sugira o "milieu" do romance de Murasaki, essa é a do século XVIII. Na verdade, parece uma reminiscência do "ancien regime", na França, ou o período Gustaviano, na Suécia. Genji, por exemplo, guarda muita afinidade com o famoso favorito de Gustavo III, Gustaf Mauritz Armfelt, ainda que não possua a sua energia militar e política. Não obstante, a escritora esclarece estar Genji absorvido com os negócios de Estado — que tanto quanto possivel entrega a outras mãos — e confessa a sua incapacidade, pela sua condição de mulher, de descrever essa atividade política. Mas o principe que parece nada fazer, alem do culto à sua religião, à sua arte e às suas mulheres, é considerado a maior autoridade, em todos os aspectos, da antiga arte japonesa de bem

viver. Como Armfelt, Genji tem uma mulher que adora mais do que todas as outras, mas isso não o impede — da mesma forma que Armfelt — de tentar possuir toda mulher que haja despertado em si um mínimo de interesse. Mesmo a espécie de amor que Murasaki descreve, com grande senso de minúcia, faz-nos lembrar o erotismo das festas galantes na Europa. A mesma forma de aventura, provocada pela curiosidade perversa, pelo temperamento voluptuoso. Mas, muitas vezes, essas aventuras se desenvolvem nos graves caminhos do coração, onde as lágrimas servem de lenitivo aos heróis e às heroinas que, através de agudas complicações, fazem constantes pesquizas no mundo de suas próprias emoções. Os contos de Murasaki sobre os mutaveis sentimentos amorosos, são assombrosamente vivos e cheios de observações sutís. Foram necessárias alguma centenas de anos, antes que a literatura européia voltasse seu interesse por uma tão fina pintura psicológica. Eis porque Murasaki nos deixa uma incrivel impressão de modernismo. Na realidade o tipo de erotismo que descreve não tem época, pois é universal, ainda que não se manifeste em todas as partes do mundo e em todos os tempos. Trata-se de uma história de amor passada em uma classe da sociedade, onde ninguem precisa trabalhar para obter a subsistência. E' um privilégio para as jovens serem belas, mas privilégio maior quando se descende de uma nobre estirpe. Isso não as livra de serem pro-

funda e romanticamente infelizes, mas, pelo menos, coloca-as em um nivel superior à ampla massa do povo que Murasaki, mesmo inconcientemente, despreza. Para ela, o povo simplesmente não existe, porque a vida que leva faz parte de um mundo cujas fronteiras jamais transpôs. Sem possuir uma educação meticulosa, uma mulher não pode ser atraente. Precisa ser culta, saber conversar, citar e improvisar, tocar um ou maior número de instrumentos musicais, com gosto e habilidade, arte de escrever bonitas e elegantes cartas. Na côrte imperial de que nos fala Murasaki não havia iletrados: todos, desde a mais humilde classe de servidores, mulheres e homens, sabiam ler e escrever, algo inegavelmente impressionante, se chegamos a compreender quão difícil é aprender a escrever no alfabeto japonês.

O complexo sistema de hierarquia e a etiqueta que suscita tão numerosos e complicados problemas; a atitude dos habitantes da capital desprezando os provincianos — (mesmo para uma senhora que foi elevada à posição de imperatriz, é penoso lembrar-se de que nascera em Akhashi) — tudo isso nos impressiona como algo muito rocócó. O romance, inicialmente, deixa-nos cativo e encantado pelas belas descrições da natureza e pelo gracioso e completo descortínio das reações humanas dentro de uma certa estrutura social. Mas, gradualmente, vamo-nos sentindo um pouco aborrecidos e por fim, terminamos completamente enfastiados. E quando che-

gamos ao fim do romance de Genji, ficamos muito felizes por haver acabado aquele período, na Asia e na Europa. Ninguem sabe, atualmente, qual será o mundo de após-guerra. Receio, que gerações se sucederão antes que sejam apagadas as consequências desta guerra. Mas pelo menos, é bom — segundo o meu ponto de vista — que esteja morto, no momento, o gosto pelo idílio aristocrático.

No Japão, a idade média seguiu o rococó — a idade do ferro, a idade da cavalaria, a guerra civil entre os supremos dirigentes das casas nobres, e a época das "fêtes galantes". Na idade média japonesa, quando o poder do imperador se tornou mera sombra, todo o povo sofria cada vez que o lider de uma clan, procurava a todo custo exterminar seus rivais, todas as famílias nobres com suas mulheres e crianças e todos os seus partidários. Coincide com o mesmo período das lutas entre os barões na Europa, guardando analogia — em muitos respeitos — com a idade média do Velho Mundo. Lá como aqui, arte e instrução tiveram suas fases de florescimento, mau grado as violentas convulsões dentro da sociedade e aqui, como lá, era o tempo de paixão e desassocego religiosos. A idade da cavalaria, no Japão, terminou quando Hideyoshi, um jovem camponês e oficial do exército de um senhor feudal assassinado ,vingou seu chefe e esmagou uma série das mais poderosas clans e forçou o imperador a nomeá-lo regente do país.

Este foi o começo da dinastia Shogun Enquanto reinaram os Shoguns em Edo e o imperador permanecia como escravo sem poder, em Kioto, de sua incompreensivel santidade, o Japão tornou-se um país completamente fechado, onde nenhum estrangeiro poderia entrar. Completamente isolados do mundo exterior, podiam novamente os japoneses dedicar-se inteiramente ao desenvolvimento de uma cultura nacional altamente elaborada, ética e estética, com um código de etiqueta, intrincadamente tramado, para todas as situações e condições de vida e para uma rigorosa divisão de classes. Os mais pobres eram realmente pobres, mas eles tambem tinham sua porção na herança da beleza, seu lugar nas procissões anuais das festas das flôres, dos deuses, dos espíritos dos mortos e nas festa da vida e nos jogos infantís. Mas em 1853, surgiu o comodoro Perry e, abriu as portas do país enclausurado. Ainda hoje ninguem sabe quais serão as consequências finais desse acontecimento.

Nós, os povos dos paises que juntos têm sido creadores e portadores da civilizacão na Europa, gradualmente adquirimos a percepção de que certas tendências, que julgáramos poder traçar através todo o desenvolvimento da civilização — e que todavia subsistem — constituiam expressão de uma lei natural. Por esta lei todo o progresso cultural processou-se segundo um modelo determinado, mais de vagar ou mais depressa, nos povos de diferentes civiliza-

ções. As raças e tribus que não podiam mostrar um tal desenvolvimento cultural, eram por nós taxados de povos primitivos e nunca duvidamos de possuir o direito de nos tornarmos seus mestres, para desenvolvê-los e educá-los em condições nas quais pudéssemos receber compensações de seus paises e de seu trabalho.

Concientemente ou inconcientemente presumiamos que a história da humanidade era, antes de mais nada, a história dos triunfos da raça branca. A finalidade do progresso até os nossos dias tem sido a evolução do homem europeu e do seu descendente homem branco na América |E até o momento em que irrompeu a primeira Grande Guerra, a maioria tivera uma confiança absolutamente otimística de que esse progresso produziria, automaticamente, um povo sempre melhor e mais inteligente e condições de vida mais felizes e mais sadias para todos os povos. O oficial ou o soldado inglês que tentou colocar no mesmo nivel de civilização os súditos de cor do Império Britânico; o pequeno burguez alemão encantado pela disciplina e a ordem do Império dos Hohenzollerns; o cidadão americano que nunca duvidou estar vivendo na terra da liberdade e sabia certamente que a ciência ali estava quasi completamente destinada a desempenhar o seu novo papel, como a serva da plutocracia,o mestre escola na Escandinávia que sorridentemente inspecionou toda a península e que julgava ser um sacrilégio pôr em dú-

vida o valor da educação de cada criança — poderiam congratular-se na sua convicção secreta de que seu povo e sua raça formavam o ramo mais desenvolvido na árvore genealógica da humanidade. O darwinismo popular teve uma parte saliente na formação da imagem desse mundo. Gradualmente, as idéias de Darwin sobre a origem das espécies e a sobrevivência dos mais aptos — que inicialmente era uma hipótese para os sábios — tornaram-se uma espécie de religião provisória para a classe média moderadamente ilustrada. Essas idéias asseguravam do mesmo modo que o desenvolvimento biológico progredia do "mais baixo" (menos complexo) para o "mais alto" (mais complexo) organismo, assim a evolução tenderá tambem para que todas as relações humanas, costumes, leis e formas sociais, se processem automaticamente do mais baixo para o mais alto nivel. E as formas, as mais elevadas, eram aquelas que nós mesmos e os nossos mais próximos ascendentes, ajudaram a crear.

Mas a razão do nosso otimismo concernente à evolução era o passado cristão da raça branca. Os pagãos da éra pre-cristã — gregos, romanos, povos do norte, peles vermelhas, tribus asiáticas — concebiam, usualmente, a idade do ouro como uma época que fazia parte do passado. O presente era áspero, o futuro sombrio e cheio de ameaças. Quando a Igreja Cristã começou a proclamar e a instruir que o reinado de Deus adviria, era na realidade um desafio às mais in-

timas convicções do povo. A Igreja nunca chegou a predizer quando o reinado divino seria estabelecido na terra. E diligentemente divulgou que estávamos fazendo tudo para retardar esse advento.

Havia muitas coisas nas doutrinas evolucionistas que o darwinismo popular descuidou ou nunca compreendeu. Por exemplo, que a evolução biológica de qualquer maneira se processou, ou pelo menos se processou sem evidencia alguma de cooperação conciente ou voluntária da parte dos organismos. Quando nossos avós e nossos pais imaginaram que viam a evolução paralela à evolução biológica, no desenvolvimento das condições nos grandes e pequenos conglomerados humanos — onde preconceitos contra o novo e a necessidade de renovação, e o amor pelo ambiente familiar, medo, esperança, ódio, ambição de poder, sempre eram fatores predominantes — cederam, inconcientemente, lugar aos instintos poéticos da alma humana, que tentam descrever suas experiências em linguagem figurada e em parábolas. Quando Linné em sua obra "O Casamento das Plantas" descreveu suas observações como pesquisador científico da propagação sexual nas flores, o poeta que nele jazia latente afirmou seus direitos. Fala de suas descobertas com uma tal imaginação que cúpidos de recocó adeiam sobre as flores como borbotetas. Naturalmente, há uma diferença: Linné sabia até onde ia sua observação e até onde podia ir o jogo de sua fantasia. Os partidários do otimismo evolucio-

nário não podiam reconhecer essa distinção e isso foi fatal. Tambem pareciam não compreender que nem sempre os organismos mais desenvolvidos e mais complexos são os mais bem sucedidos para resistir às mudanças de ambiente, para sobreviver às catástrofes naturais e para assegurar a existência continuada das espécies sob as novas condições. Certamente, na terra, sob o carangueijo antecede o homem; e provavelmente, irá sobreviver-nos.

Há um gráu de verdade muito sólido nos mitos e lendas de nosso país e na sua fé de que os povos europeus desenvolveram sua civilização através o período histórico inteiro, em alguma coisa mais elevada e nobre e quando os imigrantes do Velho Mundo levaram sua herança cultural ao Novo Mundo descoberto no outro lado do Atlântico, muita coisa que considerávamos superior, recebeu força e vigor na nova terra sob novos céus.

A determinação de garantir ao povo, dentro de uma comunidade social, um certo gráu de direitos e de liberdade é muito velha entre as nações da Europa Ocidental — ainda que ninguem sonhasse no começo do período histórico, de assegurar a todos os membros os mesmos direitos. Todavia a tendência era com pequenos recuos e interrupções, crear um progresso no sentido da instituição de uma igualdade maior e de uma liberdade mais ampla para todos. O pensamento da fraternidade universal é um pensamento cristão. Todos somos irmãos porque so-

mos filhos de um único Deus. Todos nós somos herdeiros de um mesmo sistema falido, desde que o primeiro par humano pecou e dissipou o glorioso dote que o Creador lhe deu. Procedemos todos do glorioso reinado que Cristo, nosso irmão, redimiu para a humanidade. E acima de tudo, os povos cristãos chegaram à mesma conclusão nessa teoria da existência de uma irmandade entre o homem e Deus, como os povos da Europa Ocidental e da América: que dentro da sociedade aqui na terra, a irmandade devia finalmente provocar a mesma liberdade e a igualdade perante a lei para todos os povos. Para muitos povos cristãos parecia absolutamente natural que o status social, entre os irmãos de Cristo fosse tão injusto, assim, como os irmãos carnais, tivessem uma partilha desigual dos bens e privilégios herdados de seus pais.

Na Alemanha, por exemplo, houve uma época em que o povo era intensa e fanaticamente cristão e piedoso. Mas essa circunstância não salvou os camponeses alemães de serem oprimidos e levados a um estado de pobreza, pior que em qualquer outro país. Eram eles absolutamente desprezados pelas classes mais privilegiadas — mas isso verificou-se tambem em outras partes da Europa e, finalmnete, tambem, nos paises escandinavos, onde na Idade Média o "boende" (fazendeiro; todos os camponeses escandinavos na Idade Média eram homens livres, proprietários

ou arrendatários; não existia escravidão) era um título honorífico, tanto que um rei norueguês, em princípios do século XII, confessou em um poema que o "boender", em sua opinião, significava o melhor. Mas o camponês alemão era oprimido, desprezado e injuriado de uma maneira tão grosseira que a maior parte da literatura alemã da Idade Média, constitue uma leitura incrivelmente odiosa. E quando os camponeses alemães — na época das lutas religiosas — se revoltaram contra seus opressores, inspirados pelo desassocego religioso dessa fase — que os fazia ler na Bíblia a teoria da igualdade de todos os filhos de Deus, mesmo na terra — Martin Luthero era a voz suprema, a erguer-se em uma guerra sagrada contra os camponeses. Foi tão longe em seu fervor religioso que acabou esquecendo-se de sua própria teoria sobre a inutilidade das boas ações — prometendo aos nobres que Deus recompensaria sua ação oprimindo com o derramamento de sangue a insurreição dos camponeses.

Os princípios de democracia relativos a liberdade, igualdade e fraternidade, são frutos do cristianismo dentro dos povos que, antes do batismo cristão, haviam considerado a liberdade como o mais alto valor do mundo. Foi aí que a comunidade dos homens livres, sob a influência do cristianismo, se espalhou lentamente para abranger camadas cada vez maiores da população, sendo então abertos caminhos, mais faceis para a passagem das camadas de homens

destinados à servidão, para uma situação de homens independentes. A mais velha lei cristã da Noruega inclue a libertação dos escravos — o pagamento do seu resgate para dar-lhes liberdade nas maiores festas do ano — entre as ações nobres que o povo deve praticar para obter a graça de Cristo. As mais velhas leis norueguesas, suecas e dinamarquesas, que na sua maioria têm idênticos princípios — "uma nação deve estar construida pela lei e não destruida pela ilegalidade" — nos fazem lembrar que a lei, deve amparar todos, não devendo nunca ser elaborada para um único indivíduo. Os pobres e os ricos devem ser orientados pela lei. Quem não quizer conceder a lei a outrem, não pode dela usufruir benefícios.

Foram as nações ao longo do litoral do Atlântico, que primeiro manifestaram anseios de liberdade, esta determinaçãode fazer a comunidade mais numerosa e organizá-la sob uma base de crescente fraternidade.

Assim como as primeiras experiências democráticas para a creação de um governo eleito pelos próprios cidadãos foram feitas pelos navegantes gregos, tambem os navegantes "boenders" noruegueses — fundadores da mais antiga república na Europa, a Islândia — jamais se submetiam a leis de cuja elaboração não tivessem participado.

Nosso erro fatal tem sido que nós — as nações do Atlântico Norte — cidadãos de terra e mar, acre-

ditávamos que assim como encontrávamos na democracia um meio de vida que tornava possivel a realização de impulsos concientes e não concientes, existentes na alma dos homens do mar, através milênios, tambem todas as outras raças deveriam ter como princípios: liberdade, igualdade e fraternidade. E que desejariam atingir uma forma social que lhes oferecesse a maior liberdade, igualdade e fraternidade entre as nações, percorrendo assim os mesmos caminhos que sempre preferimos trilhar. Algumas vezes, eramos tambem forçados a nos bater em lutas encarniçadas para conquistar este ou aquele direito e para adquirir uma liberdade maior. Mas sempre preferimos expandir e aperfeiçoar nossas comunidades numa cooperação pacífica com a ajuda dos homens mais sábios do país. Discutimos todos os problemas que se nos apresentavam, procurando o caminho certo por meio de tentativas e experiências e determinando assuntos de importância para o país e o povo, nas assembléias populares. Experiências feitas pelos regimes totalitários, arrancando todas as distinções de um tipo humano arbitrariamente constituido — onde o cérebro é transformado em um aparelho de recepção para tudo que o ditador decretar; a faculdade de pensar reduzida a uma espécie de apêndice sem função aparente, como um apêndice vermiforme — são fundamentalmente alheias aos povos dos paises do oceano Atlântico, e não guardam ne-

nhuma ligação com as tendências de nossa história.

Que essas experiências conseguissem achar adeptos entre os descendentes dos fundadores da cultura européia e americana se deve a uma situação crucial (que não é essencialmente dessemelhante das que enfrentamos anteriormente, mas que se apresenta sob uma nova forma) é justificavel porque atingimos um ponto em que os frutos de nosso próprio engenho; de nossos trabalhos para aumentar o conhecimento do mundo material, onde vivemos, e para utilizar a ciência adquirida para assegurar uma existência melhor, tornaram-se tão múltiplos que não podemos fazer-lhes face com nossas riquezas. Nossos conhecimentos técnicos tornaram-se em uma fonte de abundância. Emana riquezas que fazem desmoronar velhas formas de sociedade e nas angústias que tal processo cria para o povo, muitos esquecem que o desenvolvimento desse novo conhecimento, pressupõe integridade intelectual, paciência, cooperação e livre debate das idéias entre companheiros de trabalho, com pontos de vista divergentes sobre esses problemas. Pela experiência de alguns milhares de anos nós deviamos saber que o esforço para estabelecer igualdade, fraternidade e bem estar material para uma certa parte do povo (que existem apenas como figuras imaginárias) liquidando os tipos heterogêenos e inconvenientes espécies de aptidões dentro dos paises — pelo assassínio, massacre, fo-

me artificialmente produzida e intoxicação mental — é um ato de desespero que nunca chega a um resultado que não o contrário ao pretendido. A aceitação, por um povo democrático, do primeiro, segundo ou terceiro dos sistemas dos Estados totalitários, seria o mesmo que cortar o galho sobre o qual está sentado. Os bens espirituais e materiais que adquirimos — que constituem nos Estados totalitários motivo de inveja — e de cujos benefícios todo povo em todos os lugares participa, mesmo quando uma divisão justa e equitativa é ainda música do futuro, isso o que adquirimos — se deve às tendências democráticas das nações. O desejo de crear Estados sob a idéia de igualdade, com direitos iguais para todos os cidadãos; a determinação das circunstâncias em que o indivíduo nasceu e se formou; — o respeito aos orgãos dirigentes; e a fé de que através uma discussão livre entre os defensores de opiniões e pontos de vistas divergentes se poderia encontrar finalmente o caminho, o mais sadio e o melhor para separar os fatos da fantasia e de pensamentos ambiciosos — estas são as pressuposições para tudo que esperamos adquirir em um futuro que, segundo nossas esperanças mais fundas, proporcionará aos nossos filhos e aos nossos netos, mais seguras e felizes condições. Em outras palavras chegamos a convicção de que nas nações democráticas deve ser possivel resolver os problemas das relações sociais humanas, de acordo com os mesmos princípios fundamentais, que torna-

ram possivel nossas conquistas nos campos da ciência e da técnica. Naturalmente se pode simplesmente fazer um sinal de equação entre as ciências chamadas exatas e a ciência social, que deve operar sempre com elementos incalculaveis. Não importa até que ponto a ciência possa atingir no estudo do homem: sempre o homem será incalculavel.

Mas, em se falando de uma estrutura social científica, as democracias ocupam sozinhas o lugar de honra. Os sistemas dos totalitários construidos de fantasias e de sonhos ambiciosos, e não científicos, recorrem a sutilezas, mesmo em se tratando de ciências positivas, afim de alcançar seus objetivos. Já tomamos conhecimento com uma "ciência comunista" e com uma "ciência nazista". Mas imaginar que os progressos técnicos e médicos, por exemplo, podem ser obtidos à margem da ciência pura e honesta, é uma ilusão pela qual os Estados totalitários pagarão, certamente em um futuro muito próximo, um preço bastante elevado.

Facilmente se descobrem os pontos fracos das democracias. Onde todo o povo tem direito de participar das deliberações sobre os meios e os métodos a serem empregados para o seu desenvolvimento futuro, direta ou indiretamente, não se pode estranhar que o progresso siga um processo lento. O trem para de vez em quando e às vezes recua antes de atingir seu destino. Nas formas de governo democráticas, não pode haver arrancos de porco selvagem pa-

ra se atingir um alvo. A liberdade de movimentos tem significado muitas vezes para as pessoas, cujas qualidades mais destacadas são de abrir caminho com os cotovelos e passar rasteiras em seus concidadãos, um trânsito livre e ainda um impulso de admiração da parte de suas vítimas pela habilidade com que souberam encurtar seu cruel caminho. A evolução do otimismo provocou um pensamento cômodo e absolutamente injustificavel de que o homem fosse "benevolente". Nas lutas precedentes contra os dogmas cristãos, o conceito do pecado original foi o primeiro dogma que o povo procurou destruir. É mais facil dizer que cumprir, separando os fatos da fantasia e da ambição. Em cem tentativas, seremos bem sucedidos apenas em sete ou nove. Mas isso não quer dizer que devemos desistir em nosso esforço extenuante ou recusar fazer outras cem tentativas. A despeito de tudo, é certo que no mundo em que vivemos só a vitória, em toda a linha, das democracias poderá assegurar um melhor futuro para todos os povos, por séculos infindaveis. A nova técnica creou entre todas as nações do globo uma ligação tão rápida e inevitavel que não há lugar na terra que possa se manter alheio ou indiferente às forças do bem e do mal impulsionadas pelas nações democráticas. Um povo não pode mais prescindir de outro.

Máu grado tudo houve alguma justificativa para as colônias, em favor de sua pátria, prevenindo períodos de fome que, em muitos lugares, custou deze-

nas de milhares de vidas humanas, toda vez que a colheita do ano falhava e construia canais e vias de comunicação. Os médicos europeus tambem tinham o direito de se orgulharem com a sua luta contra a peste bubônica, cólera, lepra, moléstia do sono e picadas de insetos. O pequeno burguez alemão tinha provavelmente razão pensando que a disciplina e ordem dos Hohenzollerns assegurava-lhe e à sua espécie a maior felicidade — porque as massas germânicas estavam habituadas a considerar as leis como um conjunto de ordens e proibições, decretados em seu favor, por alguns homens, líderes de sua sociedade, e não as considerando como a expressão de seus próprios pensamentos sobre a justiça e injustiça, impressas nas palavras dos representantes que eles mesmos elegeram para elaborar a lei. Justiça para nós noruegueses, por exemplo, foi uma norma de conduta nas relações do povo. Uma norma em cuja elaboração tivemos uma participação ativa. Para os alemães a justiça tem significado leis e ordens que os tribunais e a polícia teriam que executar estritamente. E um povo com uma tal mentalidade teria que possuir uma situação mais aceitavel sob o reinado dos Hohenzollerns do que antes — e provavelmente melhor do que terão por um tempo indefinido. Porque os próprios Hohenzollerns eram forçados a respeitar, pelo menos um pouco, as idéias sobre os valores humanos e a justiça humana, que determinaram o progresso dos Estados democráticos vizinhos. Têm razão os norte-

americanos de se orgulharem dos compromissos em prol da liberdade que aquele grande país vem renovando de tempos a tempos. Sua fé é justificada porque na América, a ciência, mais do que em qualquer outro país do mundo, alem de ajudar os ricos a se tornarem ainda mais ricos, faz com que o homem e a mulher comuns — ainda não completamente derrotados na sua luta pela subsistência, atinjam uma independência maior e condições de vida mais satisfatórias. Na Escandinávia, os nossos mestre-escolas teriam razão de orgulhar-se de sua obra, tornando do obrigatória a educação para todas as crianças em idade escolar, no país, si não tivessem afirmado com tanta segurança que o Estado quando assume toda a responsalidade do sistema educacional constitue uma instituição boa e verdadeiramente democrática. Nunca lhes passou pela cabeça que o mesmo método de educação pelo qual se bateram com tanta bravura e tanto entusiasmo, se poderia tornar nas mãos dos líderes totalitários, como o principal instrumento para mergulhar na ignorância e num mundo de superstições sombrias todas as gerações da juventude.

Podemos dizer em suma: agora a cultura das democracias deve avançar mais no caminho que vem percorrendo há mil anos ou deve sucumbir e arrastar na sua destruição tudo o que construiu e que conquistou para a humanidade. Civilizações têm procurado atingir niveis mais elevados por processos os mais variados e visando ideais antagônicos. O cami-

nho e o ideal do Japão, por exemplo, são exatamente o reverso dos nossos. Na verdade, podemos aprender muito com os cultos povos da Ásia. Poderiamos tambem aproveitar bastante das culturas que nós mesmos, em nosso desprezo escolástico, denominamos "culturas primitivas e iletradas". Mas agora, todas essas culturas aprenderam, fatalmente, alguma coisa de nós.

Na realidade, dificil seria encontrar um povo não europeu que não tivesse o direito de acusar a raça branca de agressão, de intromissão estúpida no seu modo de vida e de exploração.

Não seria lícito esperar que aos olhos desses povos, tivessem o mesmo valor, que nós lhes emprestamos, o fato de havermos, por exemplo, libertado essa gente das doenças nativas que, durante séculos, a devastaram; de as haver forçado a abandonar certos costumes populares que, visto do nosso ângulo, significavam um perpétuo sofrimento e terror para os mais fracos — ritual canibalístico, caça de escravos, e queima de viuvas. Nós ampliamos seus horizontes habituais e os ensinamos a combater a sêca; as epidemias entre os animais e as catástrofes naturais. Em verdade nada foi feito gratuitamente. Não o fizemos apenas por motivos humanitários, embora muitas vezes tenham sido esses motivos a causa principal. Da mesma forma, não poderiamos esperar que se mostrassem reconhecidos. No entanto, quando povo após povo, na Ásia e África, se le-

vanta e protesta contra a exploração dos homens, pedindo liberdade e governo próprio para seu país, podemos afirmar que essas idéias, certamente, não floresceram dentro de suas próprias cabeças. Foi em contato com a civilização ocidental que aprenderam a significação real do vocábulo liberdade. E' o vinho das democracias que eles provaram e acharam deleitoso.

Isso não quer dizer que uma vez alcançada a independência fossem eles reconstruir suas sociedades segundo os princípios democráticos. E' possivel que utilizassem sua emancipação nacional — uma vez consumada — para organizarem-se internamente, como um Estado de castas, um Estado de escravos, um Estado governado por uma camada privilegiada ou por uma minoria racial ou, finalmente, como um Estado onde algumas famílias desenfreadas iriam oprimir grandes massas de povo completamente destituidas de seus direitos.

Isso significará o fim do progresso como nós o consideramos. Os povos farão restabelecer as condições sociais que nós conseguimos rejeitar e alterar durante algumas centenas de anos. Este avanço em um sentido que para nós é obsoleto e intoleravel já se manifesta em muitos lugares na terra, precedido de fanfarras.

Assim, mesmo antes que Hans e eu subissemos a bordo do "President Cleveland" que nos levaria a São Francisco, sabiamos que, por mais diferente que

a América quizesse mostrar-se em relação à Europa, possuem os Estados Unidos suas próprias formas culturais que diferem muito das nações européias ocidentais de que uma vez dependeram. Cada dia que o navio avencia através o oceano Pacífico e, depois, à medida que avançava o trem que nos levou da California a Nova York, mais nossos corpos se aproximavam da pátria. Depois de escapar à invasão nazista na Noruega, através a Rússia Soviética e o Japão tinhamos certeza que vir para a América significava ainda o retorno ao lar. Agora, só através da América se estende o caminho que nos levará de volta ao futuro — aquele que nós das democracias européias chamamos futuro.

VOLTA AO FUTURO

CAPÍTULO I

Sempre que ouço apelos e gritos para que se estabeleçam os termos de paz da Grã-Bretanha e das democracias partindo sempre de pessoas de boa vontade, lembro-me de um bom e velho provérbio noureguês: não venda a pele do urso antes que o urso esteja morto.

No entanto, há pontos de vista e atos que se devem anotar e examinar. Naturalmente, a primeira condição é que as democracias logrem abater a besta feroz. De outra maneira, não seríamos nós das democracias que teríamos algo a dizer, quando se tratasse de reconstruir o futuro dos povos. Seriam os outros que conduziriam a humanidade ao obscurantismo. E não sabemos se nós ou nossos descendentes teremos participação nessa tarefa quando o homem, penosamente, começar uma vez mais a palmilhar o seu caminho de novo sob a claridade do dia — talvez só quando muitos séculos tiverem decorrido. Estou completamente convencida de que os ditadores dos estados totalitarios não poderão jamais construir uma nova ordem.

Mas ninguem sabe como serão capazes de aniquilar suas vítimas se puderem manter ascendencia sobre elas durante um período bastante longo.

Grandes nações construtoras da cultura foram anteriormente varridas da face da terra. Um pequeno número de remanescentes, reduzidos à condição de pequenas tribus nômades, vegetam entre as ruínas das cidades de seus antepassados e entre os monumentos de uma extinta cultura superior, arduamente construida. Não temos garantias de que tal sorte não nos esteja reservada. Para as democracias os objetivos de guerra devem ser, em primeiro lugar, a defesa de sua vida e de sua subsistencia como forma democrática. Mas temos esperanças de que esse alvo será atingido.

Depois seremos forçados a reconstruir nosso futuro ,o que não será uma tarefa facil. A obra de remover as ruínas, quando finalmente o último tiro fôr disparado, será imensa. Significará restaurar a saude perdida das nações, onde milhões sucumbiram pela sub-alimentação, pela fome, pelo odio, pelas anormais condições de vida, pelas experiencias inhumanas e nervos destroçados. Toda uma geração de crianças terá tido as piores condições que se possam imaginar para o seu desenvolvimento durante os anos de formação. Significará a reconstrução de cidades em cinzas; a reconstrução da ordem social e econômica das ruínas de uma ordem que teve o seu colapso durante a guerra; restabelecer o intercambio das relações internacionais; recomeçar a troca de mercadorias entre os paises, cujas maquinarias de produção foram inutilizadas pelos con-

quistadores; de repatriar os milhões que foram arrebanhados nos paises ocupados e reduzidos à condição de escravos pelos poderes de ocupaçao — e tudo isso apesar do fato de que, depois desta guerra, vencedores e vencidos ficarao com o sistema de transportes esgotado e imprestavel. Será uma tarefa gigantesca reavivar as defesas morais de fé, esperança e de amór, aniquiladas pela brutalidade crua — injustiça sem paralelo — e um odio sem limite da parte dos agressores. Finalmente, para a planificação do futuro de qualquer naçao se deve fazer tudo para estimular o desenvolvimento da natalidade. Sabemos todos que uma irresponsavel sexualidade acompanha sempre o estado de guerra em todos os paises e que durante esta guerra se póde desculpar e compreender se a juventude dos paises democráticos adquiriu a convicção de que o pior crime moral que poderia cometer seria ter filhos, quando pouco se póde fazer para proteger sua infancia e nada para assegurar seu futuro. Por outro lado, os inimigos totalitarios encorajam a brutal e desvergonhada produção do poder humano para aumentar suas forças de soldados e carrascos. Necessario se torna uma coragem da parte dos homens e das mulheres para constituir familia durante a guerra; e qualquer que seja a segurança que possa ser dada às familias no período que se segue à guerra, será de qualquer maneira de natureza muito problemática. Apesar de ser uma verdade tão obvia que chega a ser emba-

raçoso mencionar — o futuro de uma sociedade é determinado pela vida e prosperidade das familias que atuam dentro dessa sociedade.

"Quando lanças um grito no meio da floresta, recebes de volta tuas proprias palavras" — diz um outro proverbio norueguês. (Nós noruegueses sempre tivemos uma certa predileção pelos proverbios; pelos proverbios a experiencia de nossas tribus e o saber de nossos pais foram transmitidos de uma geração a outra). É certamente inegavel que se os povos da Europa devem viver sob circunstancias dignas de existencia e obter oportunidades para uma cooperação construtiva — dentro de um futuro não muito distante — devemos evitar que o éco das infamias despreziveis que a Alemanha nazista rugiu e uivou em todas as florestas do mundo seja devolvido à Alemanha conquistada — das florestas da Noruega, Dinamarca, Tchecoslovaquia, Polonia, Austria, Italia, França, Holanda, Bélgica, dos paises da península balkânica, da Inglaterra e dos paises americanos. Odio e sêde de revanche são paixões estereis. A mais miseravel pobreza; a mais inimaginavel imundicie; o mais repugnante fedor do refugo e decomposição que vi e senti na Russia, são certamente os frutos da acolhida dispensada pelos heróis revolucionarios russos às teorias do escritor alemão Karl Marx e da identificação de seus futuros objetivos com os sonhos de vingança contra todos que despertaram sua inimizade.

A obra de reconstruir a sociedade das nações livres e dos sêres humanos livres, com o dever e o direito de se baterem por um maior senso de responsabilidade, de homem para homem; para uma justiça mais alta e para condições de vida mais felizes, será sem dúvida obstruida porque o povo alemão sob a liderança de Hitler conseguiu criar um odio incalculavel contra a Alemanha e para tudo que seja alemão em todos os paises e povos fora da Alemanha e (talvez ?) dentro dessa pequena parte do povo alemão que aceitou os ideais democráticos da Europa Ocidental sobre cultura e civilização, ainda que essas concepções sejam alheias à grande maioria do povo alemão. Mas, em nome de Deus, como será possivel neutralizar esse odio que consome todas as vítimas da Alemanha mentirosa e sem fé; do sadismo alemão; da voracidade e rapacidade alemãs; da grosseria alemã nas relações entre conquistadores e conquistados — para não se paralisarem completamente todas as forças construtivas dos povos ?

Nós, noruegueses, ambientados há mais de mil anos em um país esteril, áspero, com uma faixa de terra longa e estreita, onde o sólo se congela por um período superior a seis meses, em cado ano, e onde nossa costa é castigada por tempestades, um mar tumultuoso e um nevoeiro impenetravel por muitos meses, banhado pelas aguas que contornam muitos milhares de ilhas e fjords, temos sido sempre forçados, pela propria natureza de nossa patria, a mobili-

zar todas as nossas reservas de força construtiva. Na realidade, mesmo o período do Viking, que aos olhos dos estrangeiros parece ter sido uma éra em que, obrigatoriamente, todos os representantes do sexo masculino, navegando nas embarcações escandinavas, saqueavam, assassinavam e arrebatavam de outras nações suas terras e propriedades, significou para nós um período construtivo. Em verdade, nem todos percorreram os mares como "vikings" e as tripulações dos navios capitaneados por "vikings" eram constituidas, em sua maioria, de jovens fazendeiros que participavam dessas expedições para se fixar depois na paz do solo natal, trabalhar a terra e cuidar do laticinio. A arte de extrair minerios de nossos pântanos e de forjar o ferro, constituia a base econômica das expedições "vikings". As jazidas de minerio de ferro recem-descobertas possibilitaram a construção de navios — a melhor esquadra de seu tempo — e a fabricação de armamentos de ferro em uma escala que antes nunca fôra prevista. Outra consequencia da exploração do ferro, naquele período, foi a limpeza das regiões que eram anteriormente primitivas florestas com o emprego de melhores métodos agrícolas e a colonização das ilhas e costas despovoadas ou deficientemente povoadas, do Oceano Atlântico. Um confronto entre o inventario dos dominios reais da côrte francesa, dessa época e a maquinaria de um velho camponês norueguês, em circunstancias modestas — proprietario, talvez, de um

cavalo, de três vacas, de um casal de escravos e alguns carneiros e cabras — mostra que o camponês norueguês deveria ter possuido quatro ou cinco vezes tantos utensilios e armas de ferro em suas propriedades quanto os dominios reais franceses poderiam dispor.

No século passado ficamos completamente convencidos o quanto necessario, para nós noruegueses, era o "loefte i flokk" (trabalhar juntos) se quisésemos, como nação, alcançar uma vida de segurança e um modesto conforto em nossa dificultosa terra. Aprendemos, por nós mesmos, a proteger as preciosas vidas humanas, porque éramos apenas três milhões de almas.

Tornamo-nos uma nação de pacifistas, mas certamente nunca nos faltou coragem. A especie de proezas heróicas que mais admirávamos era a de salvamento. Um capitão que durante uma tempestade de neve dirigiu seu pequeno barco de pesca rumo ao casco submerso de um barco emborcado, para salvar os náufragos agarrados à quilha, era um herói entre os pescadores nas Ilhas de Lofoten. Enquanto seu barco deslisava como uma ave sobre a superficie agitada das aguas, a tripulação fez tudo para arrebatar os pobres náufragos à voragem do oceano. Antes de completar o salvamento de todos, o capitão se viu na contingencia de fazer algumas viagens de ida e volta. Os seus conterraneos vangloriavam-se citando o número de vidas salvas por esse audacioso capi-

tão. Admiramos nossos homens do mar, oficiais e tripulações dos navios noruegueses que durante o furacão de 1938, no Mar do Norte, em dias e noites penosas, salvaram as tripulações de muitos navios naufragados, que vogavam à mercê da tempestade; admiramos um jovem marinheiro que se atirou ao mar apenas com uma corda amarrada à cintura, para ajudar a obra de salvamento. Ardíamos de orgulho e felicidade ao pensar que éramos noruegueses como esses rapazes. Nosso orgulho eram um menino, uma menina, um rapaz e uma senhora idosa que arriscaram as próprias vidas para salvar um companheiro afogado, retirando-o do mar congelado e livrando-o da correnteza. E nunca demorou para que nos regozijássemos com novas façanhas de salvamento. E tínhamos também orgulho dos homens que arriscaram suas vidas para enterrarem honrosamente os corpos dos passageiros de um avião comercial que caíra em chamas sobre um dos mais altos e inacessíveis picos da nossa costa ocidental.

Para nós, os alemães chegaram e disseram — depois que o nosso pequeno exército de soldados pobremente treinados e inadequadamente equipados lutou com coragem de leão para defender o seu país contra os invasores durante sessenta dias — que podíamos ganhar novamente a nossa "Waffenehre" (honra das armas) se os noruegueses se alistassem no exército auxiliar alemão.

A sugestão dos alemães relativa ao "Waffenehre" foi considerada como uma maneira de pensar simplesmente medieval. E "Waffenehre" é realmente um conceito medieval — mas os alemães esqueceram que aqueles que consideram essa atual concepção nazista como medieval, provavelmente nunca souberam que na Idade Media existia alguma coisa a que se chamava "deshonrar as armas". Se na prática não fosse possivel destruir um patife, em todo caso, em teoria todos reconheciam que o homem que empregara suas armas de forma abusiva em causas injustas e sujas merecia que o seu bedel rompesse a sua espada, despedaçasse seu escudo e juntasse os restos, ligando-os à calda de um asno para serem arrastadas na lama !

Na sua reportagem publicada no "New York Times" de 29 de março de 1941, David Anderson escreveu: "Constituiu uma grande surpresa para os ingleses verificar a intensidade da amargura que os noruegueses alimentavam contra os alemães. Eles são muito mais vingativos do que que os holandeses, franceses e belgas". Isso poderá surpreender alguem ? Os outros experimentaram antes a injustiça e não estavam tão desacostumados a suportar uma invasão, nem a vêr o inimigo praticar atos cruéis e baixos.

Pelo espaço de dois anos, quasi todos os dias, os noruegueses têm presenciado crimes de tal natureza que deixamos finalmente de acreditar na possibi-

lidade de serem praticados por sêres humanos. Algo tinhamos lido, naturalmente, sobre as atrocidades alemas na Servia e Belgica durante a I Guerra Mundial. Mas estavamos sempre prontos a afastar essas "lendas de atrocidades" com um encolher de hombros — se nao eram mentiras completas, pelo menos deviam ter sido com toda certeza exageradas.

Crianças foram maltratadas e mulheres violadas na Noruega. Mas os criminosos portaram-se sempre como naufragos humanos, imbecis ou anormais. Para nos tornou-se costume acreditar que crueldades como essas nunca poderiam ser cometidas por individuos normais. Nao vou narrar aqui lendas de vandalismos, mas isso posso asseverar sem receio: a Noruega foi teatro de tantos horrores que toda a sua populaçao deve desconfiar que na Alemanha de hoje existe um numero de anormais muito mais elevado que o de normais. Homens e mulheres foram aprisionados sem justificativa; prisioneiros torturados — tinhamos esquecido que tais coisas pudessem acontecer. Nosso sistema jurídico foi completamente anarquizado (não havia outro povo europeu, onde fosse tão radicado como em meu país o respeito pela lei e pela justiça). Ocasionalmente, degenerava em uma mania de sofismas jurídicos que tinha tambem seu lado cômico. Mas nunca uma lei constituiu, para nós, um conjunto de ordens e proibições impostos ao país pela policia ou agentes secretos. A lei e a justiça significavam para os noruegueses o

conjunto das suas concepções de responsabilidade de individuo para individuo; dos seus direitos que não admitiriam serem violados, defendidos pelos representantes que elegiam e impostos por uma engrenagem de justiça revestida de autoridade para agir em seu favor. Assim, tem sido sempre na Noruega, com pequenos recúos e interva'os, desde os velhos tempos quando os camponeses se reuniam para discutir e formular juntos as leis do país. "Uma nação deve ser construida pela lei e não destruida pela ilegalidade" — principia um dos mais antigos documentos da historia norueguesa que possuimos: a Lei Frostating. Diante disso, haverá alguem que se surpreenda por odiarmos de todo coração os invasores que agora destróem com ilegalidades um país que construimos com leis em um milenio ?

Temos sido sistematicamente vitimas da pilhagem e descobrimos que os alemães roubam como côrvos. Sempre soubemos que o nosso país é relativamente pobre em riquezas naturais. Mas a experiencia nos ensinou que se pode viver confortavelmente em um país pobre, se a indústria, a previdencia e ajuda reciproca se combinam para obter na maior quantidade possivel os recursos necessarios ao sustento humano. Nossa economia de estado era um delicado mecanismo otimamente desenvolvido. Após um ano de dominação nazista, praticamente desapareceu. Na cooperação científica internacional sempre tivemos um lugar de honra. Agora, os

invasores trabalham com brutalidade no propósito conciente de transformar nosso sistema educacional completo, desde o curso primario até a universidade, em um regime em que o objetivo final não é esclarecer, e sim obscurecer. Os apologistas fanáticos do nazismo e seus servos noruegueses estão empenhados na obra de abarrotar os cérebros dos menores e adultos noruegueses de superstições, fábulas e uma doutrina falsa a serviço de um partido político.

O que os noruegueses sentem com referencia ao vice-governo de Quisling e seus vassalos — que não poderiam viver por um período superior a 24 horas se as autoridades militares alemãs não os protegessem — foi exprimido por um rapaz norueguês que escapou da Noruega ocupada, neste último inverno, da seguinte maneira: "Parece que os invasores não só nos oprimem como tambem nos lambuzam com os nossos proprios excrementos".

Quem poderá ainda duvidar do nosso odio? Que nossos pressagios para o futuro sejam os mais sombrios, apesar de estarmos certos de que algum dia o país será nosso outra vez?

E quando pensamos que teremos de reconstruir até os fundamentos tudo o que erigimos por um período superior a um século; e que a alma do povo se acha intoxicada e amargurada por uma paixão esteril que constitue o odio?

CAPÍTULO II

Isso quanto à Noruega. Mas haverá alguem que acredite ser menor o odio na Polonia ? Na Iugoslavia ? Na Grecia ? Na Tchecoslovaquia ? Na Inglaterra ? O proprios norte-americainos sabem como se sentirão quando os designios da Alemanha forem completamente desvendados — todo o trabalho subterraneo feito dentro do país; o odio dos nazistas contra os ideais e instituições que constituem o orgulho da América no mundo cultural e a eterna honra do povo americano ?

Deixamos à parte o sentimento real dos franceses em relação à Alemanha de hoje. A França já foi derrotada algumas vezes antes de 1940 e o povo francês mais de uma vez experimentou a miseria espantosa e o sofrimento. Não uma, mas varias vezes, anteriormente, Paris encontrou-se manietada pelo dominio estrangeiro. Seus habitantes tinham que suportar humilhações e pilhagens da parte do exército de ocupação. Mas nunca se pedira ao povo francês que ridicularizasse e negasse seu proprio passado; que condenasse seu genio criador, como um fenômeno de degeneração; e que abdicasse do seu espírito patriótico para adotar o glorioso espírito nacional alemão. Miranda, seduzida por Caliban, não

só deve cumprir sua vontade, mas deve tambem manifestar-lhe amôr, de modo que abandonaria prazeirosamente sua personalidade de Miranda para se tornar uma simples imagem de Caliban — uma companheira submissa e carinhosa.

"Existe sem dúvida, agora durante a guerra, uma acentuada tendencia — mau grado se fale das bôas ou más qualidades dos ingleses, franceses ou alemães — para personificar cada país. Considerar os espíritos das nações como personalidades individuais.

"Esforço-me em reavivar alguma impressão do germanismo que tivesse deixado uma reminiscencia bela ou simplesmente bôa. Paisagens e imagens das cidades lindas como miniaturas — o espírito dos deliciosos livros de crianças.

Recordo-me das fachadas das galerias de arte de um período que se desvaneceu: sua beleza estava na quietude que a envolvia. Recordo-me dos versinhos que, com uma infinita graça, expressavam as emoções de uma alma tímida. E sempre meus pensamentos buscavam Branca de Neve que dorme dentro de uma redoma de vidro, algures no alto das montanhas alemãs. Mas — um movimento brusco; um gesto; uma forte explosão de sentimentos e tudo se torna feio, grosseiro, falso e ridículo. Enquanto que a França — esta é uma linda expansão da alma e do corpo — é como uma paisagem onde o céu, a luz e o nevoeiro formam uma unidade grande e festiva.

"Parece-me improvavel que o povo alemão, custe o que custar, jamais abandone voluntariamente seu militarismo. Tenho a impressão que o alemão tem necessidade de seu militarismo como uma lagosta de sua coraça — uma resistente armadura exterior, envolvendo um corpo flácido, sem ossos. Porque a áspera disciplina prussiana e o regime prussiano são certamente essenciais para a subsistencia da Grande Alemanha — a coraça que dá força e poder de locomoção a um povo cuja estrutura interna é fraca e sem espinha dorsal.

"Mas não exprimem inveja, odio ou mêdo as reações daqueles que observam com olhos horrorizados o avanço alemão. Mas, sim, a instintiva adesão da humanidade a tudo que demonstre força interior e um fino e sensivel revestimento exterior diante do mundo.

"Podemos encontrar, mesmo nas menores coisas, uma significação profunda e insuspeitada.

Marika Stienrstedt escolheu a Semeadora dos selos franceses para figurar na vinhêta de seu livro. E nos vem à lembrança a Germania dos selos alemães: com o seu elmo na cabeça e com mais dois sobre os seios; todas as fontes do leite materno foram represadas. E então volvemos o olhar à Semeadora: livre e desprotegida, ostenta seu corpo magnífico envolto por um vestuario vaporoso e, flexivelmente, espalha sementes.

"E essa tem sido sempre a missão do espírito francês: espalhar boas sementes. Na história da Europa o espírito da França tem desempenhado o mesmo papel que cabe à fada bondosa nas fábulas. E o que será do mundo se a fada bondosa desaparecer?"

Este foi o meu comentário sobre o livro sueco de Marika Stienrstedt, "O Espírito da França", escrito no verão de 1918. É possivel que não me exprimisse com tanta moderação sobre o espírito alemão, se nesse tempo pudesse prever que dentro de um período inferior a vinte e cinco anos, as gigantescas garras do caranguejo alemão fossem enterrar-se em quasi toda a Europa, inclusive na minha pátria. Que Deus proteja a alma da França! E meus preságios não falharam: o povo alemão não abandonou seu militarismo e por iniciativa própria jamais o fará.

Passaram o poder e a glória dos Hohenzollerns — o último Kaiser da célebre casa imperial fez sua inglória despedida. E nós que conheciamos a Alemanha do período que anteceu a I Grande Guerra Mundial — (com espanto comovente haviamos testemunhado a piedosa veneração que devotava o homem do povo alemão ao seu Kaiser que, aos olhos do resto do mundo, era um tanto ou quanto cômico, ainda que se considerasse de modo diverso outros aspectos de sua personalidade) — não podiamos imaginar o que os alemães iam fazer agora.

Desapareceram todos os pequenos reis, todas as casas reais, todos os resplendentes uniformes que alegravam os corações, as almas e os olhos da alta sociedade e classe média alemãs, todas às vezes que eram exibidos na côrte e nas paradas militares.

Recordo-me de um veterano da I Guerra Mundial. Era mutilado de guerra e parecia ter os nervos abalados. Serviu-nos de cicerone na visita que fizemos a um dos pequenos palácios em Nimphenburg, na primavera de 1925. Durante todo o tempo em que nos acompanhou (minha mãe e eu) através os quartos dourados, rococó, falava convulsivamente da extinta casa real da Bavária, a que se mostrava inteiramente devotado. Esquecera completamente o fato que a desditosa Casa de Wittelsbach vinha sendo assolada, durante várias gerações pela insanidade mental. "Nós, germânicos, não pudemos viver sem um chefe a quem devemos adorar" — e as lágrimas jorravam de seus olhos. Minha mãe e eu murmuramos algumas palavras de simpatia, ao mesmo tempo que procurávamos nos manter afastadas, profundamente embaraçadas como se sentem os escandinavos, quando forçados a testemunhar o exibicionismo da emotividade alemã. Anders que nessa época tinha doze anos arrastou-se atrás de minhas saias — seu rosto vermelho como peônia, de tanta vergonha.

Nenhuma nota da engenhosa peça que Adolf Hitler apresentou — para ferir as cordas mais íntí-

mas da alma alemã — foi tão eficaz como esta: exigir a adoração de um Deus. Por esse meios consultou a uma imperiosa necessidade alemã — existente desde os tempos mais remotos, quando já constituia o tema principal dos poemas medievais sobre a sorte trágica dos Nibelungs, o ânseio de submissão a um chefe. E' possivel que pudesse ter sido bela essa concepção de um servo fiel se não prevalecesse, mesmo nas lendas nibelungas, um lado falso: lealdade ao chefe justifica qualquer crime, qualquer mentira, qualquer ato de traição que o vassalo juramentado pratique contra outrem — se apenas acredite ou tenha realizado um trabalho de auto-persuasão, convencendo-se de que tudo o que fizer será em serviço de seu chefe.

Alem desse lado falso, esse ideal ainda tem um complemento que ainda o faz mais repelente aos olhos dos povos não-germânicos: a necessidade de ter a bota de seu chefe sobre a cabeça, corresponde à necessidade de ter alguem sob seus pés, para poder calcar, por seu turno. Se algum de nós manifestou dúvida quando Hermann Rauschning em sua "Revolução do Nihilismo" afirmou ser o objetivo máximo da vida de Hitler, como "fuehrer" realizar aquele ideal germânico, numa escala até agora desconhecida, percebe agora que o mito se tornou realidade. Se a Alemanha estiver em condições de ditar uma nova paz ao mundo, creará certamente uma nova ordem social — com a supremacia do povo alemão

que pode ser simbolizada por uma pirâmide em que o vértice seria ocupado pelo divino fuehrer, vindo em escala decrescente a ordem hierárquica dos "gauleiters". Sob o tacão das botas dos "gauleiters" ficariam todas as nações conquistadas, condenadas à escravidão. Ainda que essa perspectiva seja inconcebivel para nós, noruegueses, — que sentimos uma profunda aversão em pisar seres humanos ou por eles ser pisados — pelo menos enquanto conservarmos o domínio de nossa faculdades mentais — essa nova ordem social, contudo, deve suscitar simpatia entre aqueles que possuam a mentalidade de um alemão normal. "Volksgemeinschaft", onde o povo alemão oprimido pelos seus líderes sente-se compensado, oprimindo, por sua vez, os povos subjugados, o indivíduo não só perde o senso de responsabilidade, como tambem nunca terá oportunidade de assumir uma atitude independente: as duas qualidades que provam a existência, em cada ser humano, de uma espinha dorsal e o bom funcionamento dos orgãos de equilíbrio.

É um fato universalmente conhecido que todo o conjunto do folclóre europeu — o tesouro velbalmente transmitido, das lendas, mitos, contos de fadas e baladas — é um patrimônio comum de todos os povos. Grande parte desse tesouro foi renovado em solo americano, transplantado de todos os recantos do Velho Mundo. Muitas dessas lendas emigraram da Asia para a Europa, algumas delas têm

paralelo no folclóre dos povos negros e dos indús. Mas, pelo que tenho conhecimento, existe uma lenda alemã que não encontra analogia em povo algum: é a lenda do flautista de Hamlin. Só através das letras de fôrma, essa lenda tornou-se conhecida alem das fronteiras alemãs. Isto é, a primeira parte da história já era conhecida em outras partes do mundo. Na Noruega e na Dinamarca, por exemplo, vamos encontrar uma lenda que nos fala de um forasteiro que chega a uma cidade e oferece seus préstimos para libertar a região dos bichos daninhos que a infestavam — na versão norueguesa um exército de ratos e na versão dinamarquesa, uma invasão de víboras. Um característico comum às lendas e contos de fadas de todo folclóre é o de que todos os animais agem, falam e se comportam como se possuissem uma mentalidade humana. A raposa Michael, das nossas velhas lendas; os tigres Jakal nas lendas indús; os peixes brancos, nas lendas esquimós e o búfalo nas histórias dos índios — todos eles foram dotados com uma mentalidade humana. Mas conferir mentalidade de ratos aos seus próprios filhos; inventar uma história em que meninos e meninas reagem da mesma forma que uma multidão de ratos — isso só os alemães podem fazer. A lenda do flautista de Hamlin é tão intrinsecamente alemã que deve forçosamente fugir à incompreensão de todos os demais povos. É o retrato mais sutil e com-

prometedor de uma nação jamais reproduzido em todo o mundo.

E não se tenha a ingenuidade de pensar que o hitlerismo represente alguma coisa de novo, uma ideologia alheia que se infiltrou nas veias do povo alemão em consequência do Tratado de Versalhes, quando as forças vitais do Reich estavam quasi esgotadas. As duras cláusulas desse tratado, foram uma a uma eliminadas pelas nações vitoriosas que, em primeiro lugar, não manifestavam entre si reciprocidade na confiança; alem do mais, sofriam o mal comum, de uma conciência pesada. Na Inglaterra e na América contrariamente às tendências da classe média, os governos eram favoraveis a um tratamento menos rigoroso para o oponente derrotado. Alem disso, certas classes privilegiadas das nações vitoriosas, estavam obsecadas pelo desvario — se essa não for uma expressão demasiado benigna para definir suas ambições — de que o nazismo alemão e o fascismo italiano significassem um baluarte contra o comunismo russo que os apavorava mais que o próprio diabo — não importa que tivessem deixado de acreditar no diabo. De maneira alguma queriam compreender que o nazismo e o fascismo eram de fórma idêntica irreconciliaveis antagonistas do Cristianismo e inimigos pérfidos de todos os ideais, aos quais em certo gráu ainda acreditavam e seguiam em palavra e parcialmente em ação.

As peculiaridades da Alemanha nazista — no caracter do povo e nos seus objetivos e ideais nacionais — não constituem nada de novo. Pelo contrário: estavam gravados na psicologia do povo alemão, desde os tempos imemoriais, os traços que só agora o nazismo ostentava à luz meridiana como denunciadores de uma raça superior. Esses traços são responsaveis pelo fato dos alemães terem durante os últimos mil anos, de modo espantoso, conservado quasi imutaveis suas características raciais. Os únicos elementos que poderiam converter o bárbaro povo alemão aos costumes e concepções de vida da Europa Ocidental contemporânea, provavelmente já foram completamente eliminados — exilados, ou torturados até a morte, nos campos de concentração ou nas prisões.

A história mais velha da Dinamarca foi escrita pouco antes de 1176 por Svend Aggesoen, nobre dinamarquês, sobrinho de um arcebispo que envidou todos os esforços no sentido de dar ao jovem a melhor educação em um mosteiro e, mais tarde, alguns anos de estudos em Paris. Svend tornou-se posteriormente uma alta patente do exército e um grande proprietário de terras. Mas conservou sempre interesse pelos livros e seu consideravel talento descritivo, revelado na sua pequena história da Dinamarca, escrita em um bom latim e com um singular senso dramático de que estão impregnadas suas movimentadas descrições. Narrando um dos primei-

ros conflitos entre os dinamarqueses e seus poderosos vizinhos do sul, Svend conta como o rei dos dinamarqueses, Vermund, se tornou velho, fraco e cego. Seu filho, Uffe, foi considerado inválido, estúpido e semi-idiota. (Vermund e Uffe pertencem aos tempos prehistóricos). Svend continua:

"Quando rumores revelando a fraqueza do rei se extenderam até às outras margens do Elba, o orgulho germânico inflou-se de arrogância, manifestando-se insatisfeito com as próprias fronteiras. E o kaiser irrompeu furiosamente contra os dinamarqueses, quando vislumbrou a perspectiva de ganhar um novo cetro pela conquista do reino dinamarquês.

(Como se vê, Svend mostra-se um bom psicóza ouvindo Hitler bramir contra as atrocidades dos poloneses e seus planos de ataque contra os pobres alemães, em Agosto de 1939. Svend conhecia perfeitamente seus "Pappenheimers").

"Mensageiros imperiais foram enviados ao rei dos dinamarqueses, Vermund, para transmitir-lhe as arrogantes ordens do kaiser com duas alternativas a escolher — ambas desfavoraveis: abdicar a sua coroa em favor do império romano e pagar tributo ou escolher um guerreiro para lutar em duelo com um dos guerreiros do kaiser.

"Uffe, o filho do rei, pôs-se de pé declarando-se pronto a combater um representante da Germânia. E tranquiliza seus compatriotas: "não nos deixemos impressionar por estas ameaças arrogantes.

Porque é um traço inato do caracter germânico, vangloriar-se com palavras bombásticas e amedrontar um povo pacífico e fraco com um turbilhão de ameaças".

Haverá alguma nação vizinha da Alemanha que se negue a endossar a caracterização dos teutos feita pelo velho Svend Aggesoen, há mais de 800 anos — pois tanto já passaram desde que foi escrita sopre o pergaminho?

Alguns anos mais tarde, Sverre Sigurdsson, uma das maiores personalidades que jamais existiu, ciou um discurso perante os habitantes de Bergen, entre os reis da Noruega (morto em 1204), pronunsobre o comércio exterior da cidade. Manifestou sua gratidão aos comerciantes ingleses que acabavam de pisar solo norueguês; valia a pena o comércio com a Inglaterra, porque os ingleses sabiam como fazê-lo vantajoso e lucrativo para ambas as partes interessadas. De outro lado, não viu razão alguma para encorajar o intercâmbio comercial com a Alemanha, porque os comerciantes alemães só mostravam preocupação em encher os próprios bolsos. Arrecadavam na Noruega, os produtos essenciais da pescaria e da criação de gado, dando em troca aos noruegueses produtos supérfluos e nocivos: cerveja e vinho alemão. (Sverre foi o primeiro apologista, na Noruega, da temperança). Infelizmente não se tornou possivel aos noruegueses seguir essa política comercial. Em consequência disso, os agen-

tes das cidades hanseáticas, em Bergen, tiranizaram brutalmente essa cidade durante algumas centenas de anos e fizeram da população de pescadores da Noruega setentrional, pobres escravos da dominação comercial da Alemanha em Bergen. Ainda hoje, os alemães têm a audácia de pretender que o governo hanseático, em Bergen, constituiu um período de grandes benefícios para a Noruega. Por esse motivo devíamos manifestar-lhes gratidão pelo fato de retornarem em 1940, ao nosso país, afim de reintroduzir lá condições similares.

Ainda não se falava dos prussianos ao tempo em que Svend Aggessoen escrevia e Sverre Sigurdsson falava contra a arrogância e a voracidade alemãs. Nessa época os prussianos formavam uma tribu eslava, selvagem, que vagava nas florestas espessas e pântanos que foram denominados mais tarde a Prússia Oriental e o Brandeburgo.

Os historiadores medievais escrevem apenas sobre os teutos, saxões e germânicos. Um cronista dinamarquês salienta que a brutalidade e gabolice dos saxões é ilimitada quando dominam, mas quando a sorte lhes é adversa imploram piedade e ganem como cachorros espancados. Infelizmente, não me é possível transcrever o comentário textualmente; fiz tudo para encontrá-lo na Biblioteca Real de Estocolmo, mas não fui bem sucedida até deixar a Suécia. Haverá alguem no mundo que alimente dúvidas de que após a vitória final dos aliados e a consequen-

te libertação de todos os povos oprimidos, ouviremos novamente e num diapasão maior do que em todos os tempos, esses uivos desgarradores que lançarão aos céus os teutos, como cachorros infelizes? O' Deus, salva-nos de recusar aos alemães auxílio para a sua libertação do desespero e miséria moral em que já se encontram e que os envolverá completamente, quando forem finalmente derrotados nesta guerra. Em seu próprio interesse, sinão por motivos cristãos e humanitários, os vencedores deverão procurar refazer a economia alemã no mais breve espaço de tempo possivel, ainda que pareça impraticavel essa cooperação antes que as próprias vítimas do nazismo recebam auxílio na primeira e perigosa fase que sucederá ao armistício. Porque todos os paises europeus subjugados pelas potências totalitárias, nazistas, fascistas ou comunistas, serão mais pobres que Jó e assim essa tarefa recairá, principalmente, sobre os Estados Unidos e a América Latina. Provavelmente, a Inglaterra será amparada pelos seus domínios; a Holanda e a Bélgica, pelas suas colônias, si for possivel mantê-las intactas contra os planos de rapinagem dos ditadores. A Noruega pela sua marinha mercante que conseguiu salvar das garras nazistas será capaz de, sem a ajuda alheia, após a guerra, reconstruir a pátria arruinada. Mas só se não houver desaparecido a boa vontade, poderão as nações do Hemisfério Ocidental au-

xiliar os paises do Velho Mundo mais atingidos: Polônia, França e os Estados Balkânicos. Mas si ficar esclarecido que a Alemanha não poderá esperar auxílio antes que suas vítimas sejam primeiro socorridas — o que levaria muito tempo em virtude da falta de transportes, entre outras razões em consequência da guerra submarina desencadeada pela Alemanha — alguem ainda deixará de pressentir os lamentos implorantes que os alemães farão ouvir, "valha-me primeiro, ainda que a situação de minhas vítimas seja mais grave"?

Estou certa de que muitos americanos, habituados ao estribilho de "amizade internacional", acolherão com estranheza, talvez, taxando-as de impiedosas e pouco espirituosas as minhas considerações sobre meu ódio em relação à Alemanha e a tudo que seja alemão. Mas é um fato inegavel que esse sentimento prevalecerá quando se fizer a obra de reconstrução do mundo de após-guerra e se orientar o esforço para crear uma nova ordem entre as nações, baseadas em melhores condições de justiça. A meu ver, os norte-americanos estão, atualmente, perfeitamente credenciados para compreender que um tal ódio constitue uma realidade que não póde ser negligenciada. Não foram os próprios americanos os que pagaram um preço muito elevado para adquirir a experiência de como é dificil extinguir a amargura de que tão profundos sulcos deixou a guerra civil? Estariam prevenidas suas consequências,

ainda hoje mesmo, quando todos os americanos reconhecem que se não fôra o reestabelecimento da união, não importa o seu custo, tudo indica que a separação do Norte e do Sul teria sido acompanhada de novas secessões e novas guerras interestaduais, dentro do território que agora constituem os Estados Unidos da América? Desconhecerão os americanos a magua profunda que sentem o povo irlandês, na Irlanda, e os seus descendentes na América em relação à Inglaterra? A página mais negra na história da Inglaterra, seus crimes contra a Irlanda, ainda hoje é lembrada e não seria humano que a Irlanda a tivesse perdoado. Sem embargo, parece inconcebivel existirem irlandeses que desejem a derrota da Inglaterra. Quem tenha o mais elementar senso comum deve compreender que só a vitória da Inglaterra e dos seus aliados, poderá salvaguardar a recente independência da Irlanda e manter distante a ameaça de uma nova escravidão, sob o jugo de novos dominadores.

Jamais os nazistas esboçariam um gesto para para defender a causa de uma nação acorrentada, ainda que surgisse na Alemanha uma geração admitindo a possibilidade de a justiça não consultar, exclusivamente, aos egoísticos interesses alemães. Para um católico europeu, torna-se incompreensivel o fato dos próprios católicos norte-americanos, de origem irlandesa, descendentes de homens e mulheres que sofreram heroicamente perseguições reli-

giosas, não perceberem o perigo que significaria a vitória da Alemanha para os destinos da Igreja Católica no mundo. O Papa é hoje, praticamente, um prisioneiro nas mãos de um poder que nunca escondeu seu ódio a Cristo incluindo em seus projetos a extinção do cristianismo - a ascenção da sua própria moral de brutalidade como a suprema religião. Certamente, não formam um bloco compacto os católicos europeus que duvidam que, uma das primeita, seria o desenvolvimento de um drama que o ras consequências de uma eventual vitória nazismundo não assiste desde tempos imemoriais: um Papa condenado a morrer martirizado sob acusações falsas. Eis outro fenômeno que a cristandade não tem testemunhado desde a Idade Média: a divisão da Igreja, com a creação de um novo Papa, imposta pelos alemães, de forma idêntica à uma época anterior. E séculos poderiam passar sem que esse estado de coisas se modificasse.

CAPÍTULO III

Em um passado muito recente que durou até a irrupção desta guerra, estávamos acostumados, na Europa, a considerar o povo como produto de fatores econômicos. Supunha-se que a evolução social dos antigos templos até os dias atuais era determinada na guerra ou na paz pelos problemas econômicos, Mas da mesma maneira os nossos antepassados, desde o período da renascença aos tempos do reflorescimento dos ideais nacionalistas, consideravam os homens como seres politicamente determinados. Através dos séculos a luta concentrou-se sempre no sentido de liberdade para os grupos sociais e indivíduos. Na Idade Média os homens consideravam-se como almas imortais. A vida aqui na terra era um momento decisivo na eternidade de nossas existências, impondo-nos o seguinte dilema: conseguir felicidade eterna ou um tormento inextinguivel. Todo o conflito se reduzia finalmente a um conflito entre a fé que leva à salvação e a fé que fatalmente deve levar à perdição.

Justamente nas últimas décadas que precederam esta guerra, fizemos algumas descobertas interessantes sobre a natureza humana: nossa vida psíquica é influenciada em um gráu muito mais elevado

do que supúnhamos antes, pelos fatores fisiológicos. A saude e doença do corpo humano são influenciadas pelo solo em que se ergue nossa casa; pela água que bebemos; pelo alimento que ingerimos; pelas relações harmoniosas ou divergentes que mantemos em nosso meio. Assim, o equilíbrio ou desequilíbrio de nossa vida psíquica é, a um gráu muito mais elevado que imaginamos, determinada pela nossa condição fisiológica. E todo conflito entre seres humanos é tambem uma luta entre uma alma sadia e uma outra doente.

Há uma coisa que os psicopátas, possivelmente, nunca realizam: estabelecer uma relação satisfatoriamente pacífica nas relações com os seus companheiros. Os psicopátas são invariavelmente indivíduos que pela sua própria constituição são belicosos, rancorosos, obcecados por um ódio implacavel contra inimigos reais ou imaginários. Isto é, contra todas as pessoas com quem entram em contato mais estreito, o mesmo não se verificando com relações passageiras.

O psicopáta talentoso, no curso da história, nunca deixou de encontrar uma justificativa para sua atitude hostil em relação aos homens — travestindo-se em guerreiro ou revolucionário.

Assim como sonha com um futuro em que a comunidade, os homens, sua nação, sua raça ou sua classe social terão evoluido em um sentido completamente inverso ao dehoje, ele póde tambem imagi-

nar que existe algo humano isento do seu ódio. O psicopáta inteligente não quer reconhecer a verdade: não pode ser amigo de ninguem; não pode sentir os sintomas humanos tão universais de saude psíquica, como a simpatia, amizade, entendimento entre os povos, mas está condenado por uma dura necessidade física de manifestar o seu amor sobre cães e gatos e chorar a morte de um passarinho ou um punhado de violetas congeladas — como Martim Luthero confessa ter feito.

Isso não significa que subestimamos a importância da influência exercida pelas condições econômicas no surto da Alemanha, tanto no passado distante, quanto no período que intercalou as duas grandes guerras mundiais, si acentuarmos que esse desenvolvimento tem sido condicionado a numerosas características já observadas na alma alemã, na Idade Média. Epidemias de desordens mentais que, outras nações já de longo tempo haviam debelado, permanecem ativas no povo alemão. Anti-semitismo, por exemplo, não é evidentemente um fenômeno germânico por excelência. Mas se torna difícil acreditar que tenha se reproduzido a mentalidade dos tempos em que se perseguiam e queimavam feiticeiros, como o mundo foi testemunha agora com as perseguições dos judeus na Alemanha. Até onde se póde dar crédito às notícias divulgadas pela imprensa e pelo rádio dos paises ocupados pelos alemães, deduz-se que a França — onde antes da guer-

ra existia um movimento hostil aos judeus, mas de um tipo peculiarmente francês — e a Itália, onde o anti-semitismo na mesma época era quasi teórico, só muito relutantemente adotam o regime de perseguições e da injustiça decretado pelos alemães, em seu ódio histérico e paranóico, contra as populações israelitas desses países.

Mesmo nos movimentos espirituais que são essencialmente produtos do carater alemão e que constituem as mais importantes contribuições da Alemanha para a cultura européia — reforma e romanticismo — predominam traços esquisofrênicos e maníaco-depressivos. Luthero era um psicopáta, assim como a maioria dos "heróis" da reforma alemã, quando não eram sifilíticos num gráu muito avançado. Psicopátas, suicidas, fanáticos e egoadoradores, sonâmbulos e tuberculosos graves, era a maioria dos grandes poetas, cujos nomes são sinônimos dos grandes sucessos artísticos do período do romanticismo alemão.

Porque é uma verdade que a ameaça da destruição da personalidade provocada pela insanidade ou morte, estimula frequentemente indivíduos talentosos para uma produção mais intensa. Literalmente parece como si uma tal ameaça de morte ou insanidade prematura seja necessária, para que os gênios alemães se sintam estimulados a produzir alguma coisa acima da mediocridade. Por outro lado,

vemos que o gênio inglês é quasi sempre o produto da saude e normalidade levadas ao gráu máximo.

Enquanto que aos povos vizinhos da Alemanha parecia serem poucos desenvolvidos os conceitos alemães de honra — ou seja que sabiam relativamente pouco das nossas concepções de probidade, de responsabilidade; da verdade; da modestia e do auto-controle nas normas de conduta, tudo que constituem nossos ideais para orientar as relações humanas tais como as concebemos — os alemães sempre formaram seus próprios concentis de honra, intrinsecamente ligados à morte e à destruição.

Recordo-me da extraordinária impressão que me deixou a leitura do "Berliner Tageblatt', um dos deveres a mim impostos, na minha adolescência, quando era secretária da sucursal norueguesa da A.E.G. de Berlim. Nas colunas desse jornal, via publicadas todos os dias notícias de suicídios de crianças na Alemanha, fenômeno que jamais observara em qualquer outra parte. Os alunos que não podiam ajustar-se ao ambiente escolar ou que eram reprovados nos exames; adolescentes atormentados; o trágico conflito das crianças num mundo de adultos — tudo isso sabia existir em todas as partes do mundo. Mas que um número elevado de crianças abandonasse a luta, deprimidas por tais contingências, não um caso isolado, mas um verdadeiro suicídio coletivo, era inacreditavel para todo mundo, salvo para os alemães.

A moral do duelo e as regras que o acompanham segundo as quais o homem de honra deve suicidar-se; suicídios de crianças; epidemias de suicídios que se repetem incessantemente na história cultural da Alemanha, são complementos significativos do militarismo germânico. Houve um tempo em que nos mostrávamos inclinados a responsabilizar, por tudo isso, o militarismo com toda a sua terminologia do punho armado, do ferro e sangue, da espada desembainhada que se voltava ameaçadora, ora aqui, ora ali, sempre que se mostrava possível uma expansão territorial da Alemanha, com a participação dos junkers, dos nobres, dos príncipes e do vociferante kaiser Guilherme II. Ao militarismo junker sucedeu-se um militarismo incomparavelmente mais fanatizado e destruidor, auxiliado desde o começo pelas classes alta e média alemãs. E estou convencida de que no caso de uma revolução surgir — vamos supor em um ano mais ou menos — para transformar a Alemanha nazista em uma Alemanha comunista ou proletária, essa eventualidade não impediria que o povo alemão procurasse novos métodos de um renovado e agressivo militarismo.

Uma coisa é certa: Hitler nunca poderá estabelecer uma nova ordem social na Europa, mesmo que consiga subjugar os restantes povos que ainda mantêm o velho padrão europeu, de fé na liberdade, nos direitos do indivíduo, na dignidade e felicidade, que constituem os ideais pelos quais a vida merece ser

vivida. O militarismo alemão nunca mostrou capacidade construtiva e o povo alemão tem revelado pouca força creadora. As forças sustentadoras do prestígio alemão nos campos em que realmente contribuiu para o patrimônio cultural europeu, como sejam pesquisas e obras científicas livres e até um certo gráu, na arte (ainda que, alem da música, as contribuições alemãs nos outros setores fossem raramente de primeira ordem) — estão agora subjugadas, exiladas ou estiolando-se nos campos de concentração. No rastro de uma eventual vitória alemã, seguiria uma ruina cultural e econômica de todos os paises dominados pelo punho armado da Alemanha.

E o III Reich seria forçado a desenvolver um esforço mais extenuante, dentro do círculo de atividades que consumiu sua força ativa, toda a capacidade realizadora do povo na invenção de novas armas e novos métodos de guerra. Assim, o caranguejo mostruoso, após haver despojado suas vítimas na Europa de sua pele até os ossos, estenderá suas garras para a pilhagem dos outros continentes.

CAPÍTULO IV

No seu livro "Mission to the North", Mrs. Florence Jaffray Harriman, escreveu um pequeno e triste epitáfio para a Exposição Internacional da Exploração Polar, que deveria ter lugar em Bergen no verão de 1940: "Um dos aspectos mais angustiosos desta guerra é a ruina ou o retardamento por muitos anos, naturalmente não para sempre, de tantas empresas internacionais e humanitárias; de tantas obras científicas e tantos ânseios de progresso de todas as nações".

É óbvio para todo mundo que a vitória das potências totalitárias, importaria na extinção da colaboração científica por um tempo indefinido. Está no programa dos ditadores que a ciência deve ser abolida. Não importa que se procure dar à força o nome de ciência à obra de um certo grupo de servidores da nação que recebe ordens para fabricar escusas e explicações, mais ou menos plausiveis, sobre os caprichos do tirano, o certo é que essa espécie de atividade nunca poderá atingir uma similaridade com uma ciência digna de ser assim chamada. A afinidade entre todas as formas de investigação científica tornou-se tão íntima que se o direito da livre pesquisa fôr abolido, em um ou mais campos de ati-

vidade, será pouco vantajosa a obra científica que fôr encorajada pelos Estados totalitários, no sentido de contribuição para o progresso técnico ou para a evolução da agricultura. No mundo científico, agora mais que nunca, "um trabalha para todos e todos para um". Alem do mais, é lógico que os povos subjugados não se sintam encorajados a prestar as suas contribuições científicas, mesmo que antes, quando desfrutavam liberdade, demonstrassem suas extraordinárias capacidades. Considere-se ainda o tratamento dos cientistas judeus na Alemanha e o assassínio sistemático da ciência na Tchecoslováquia, Polônia e Noruega, pelos nazistas.

A vitória das Democracias é a base essencial para um restabelecimento da colaboração internacional científica dentro de um futuro que não está muito longe do alcance de nossa vista. A nossa esperança de que as devastações desta guerra poderão ser reparadas em um período relativamente breve, é até um ponto que poderemos reputar vital, ligada ao pensamento de que essa colaboração poderá ser reencetada e a certeza de que deverá reiniciar-se numa escala nunca atingida antes.

Naturalmente, essa obra deverá ser cumprida com o completo reconhecimento de que a ciência é alguma coisa diferente do que as massas imaginavam — pelo menos como se verificou na Europa, antes da guerra. "Está cientificamente provado" — diz o povo defendendo a teoria que descobriu em seu jor-

nal favorito, revista ou livro. Rumores de experiências e hipóteses científicas, circularam dessa maneira em amplas massas de homens e mulheres. O trabalho incessante, a soma das hipóteses e experiências necessárias para alcançar algo que se aproxima da certeza; resultados que são substanciais para o prosseguimento dos trabalhos, tudo isso o leigo comum irá compreender algum dia. Não existe um ser humano infalível e os cientistas não constituem exceções. Mas eles possuem em um gráu muito mais elevado a virtude fundamental que se chama paciência.

Tem sido difamada, falseada, representada como alguma coisa negativa: a plácida submissão da vítima humilhada a uma opressão brutal e a um destino cruel. Na verdade, é uma possibilidade do homem conquistar os grandes bens da vida. A coragem de retroceder quando vê que o caminho traçado não conduz ao propósito delineado, mas sim a outra direção. A coragem de recomeçar quando os projetos naufragam; e a coragem de solucionar os problemas que se apresentam, a despeito de algumas tentativas fracassadas. Ninguem irá negar, evidentemente, que o povo que passou pelo inferno desta guerra, seja capaz de praticar atos de paciência ou de ouvir apenas falar dessa virtude. Essa experiência já a tivemos da primeira Guerra Mundial. Por esta razão, acredito que depois do conflito, os líderes predestinados a conduzir as nações com suas cidades ar-

ruinadas, a restabelecer a saude dos povos abatida moral e fisicamente; e assistir a crianças sub-alimentadas, devem consultar os cientistas de uma fórma muito diversa da que se animavam a fazer os políticos, antigamente. Qualquer que seja a estrutura a ser dada à nova Liga das Nações Independentes, os orgãos destinados a estabelecer uma permanente colaboração científica, em um mesmo nivel de igualdade serão tão necessários, como os orgãos de defesa comum e de cooperação econômica. E deverão ser revestidas de um poder e autoridade muito diferentes daquela que antes possuiam as autoridades cient ficas, nos diferentes campos de suas atividades.

No mínimo, essa orientação deverá ser seguida no que diz respeito ao "caso" alemão. De uma vez por todas deve ficar esclarecido que existe uma diferença fundamental entre a natureza do povo alemão e a natureza de todas as outras nações européias. Não devemos continuar alimentando o preconceito de que nossa incapacidade de compreender os alemães assim como a inhabilidade deste povo para compreender as demais nações, sejam diferentes apenas em maior ou menor gráu; elas são essencialmente dessemelhantes em sentido de civilização, de história e de filosofia da vida. Uma pequena camada do povo alemão tem espírito mais livre e acessivel que as massas; uma capacidade maior de condensar as informações (na Alemanha antes da guerra, era relativamente facil obter informações; a di-

ficuldade estava na maneira peculiar de interpretação); um movimento de curiosidade para as ações e os pensamentos de outros povos, que consideram integrados na comum cultura européia, atuando dentro de um mesmo clima espiritual. Mas essa camada sempre foi muito inoperante, uma gota dágua no oceano. A grande massa do povo alemão nunca participou desse movimento, só se interessando pelo alheio quando se tratou de organizar as expedições de rapina.

Ainda que alguns sábios alemães tenham contribuido para a ciência, as universidades alemãs produziram e abrigaram professores que pensavam e escreviam como os senhores Treitschke, Banse e toda essa cambada que surgiu nestes últimos anos, depois que a maioria dos honestos e autênticos homens de ciência, foi condenada à inatividade, miséria ou aos campos de concentração. Diante disso, compreende-se porque um poeta como Frederic Schiller que se fez o intérprete do ânseio alemão de libertação de todas as tiranias, de liberdade de pensamento e política, não tivesse alcançado a alma do povo alemão que recebeu mal o seu idealismo e espírito revolucionário. E isso porque a maioria do povo alemão nunca soube compreender esses ideais. Assim, não poderá causar estranheza o fato de que, não obstante terem os diplomatas, os nobres e os oficiais alemães, travado relações com membros de suas própria classe, por toda a Europa, e de terem

convivido com eles em um absoluto nivel de igualdade, os oficiais ao regressarem à Alemanha não tivessem dificuldade em provar sua superioridade sobre a população civil, de uma forma que em qualquer parte do mundo seria taxada de aviltante. Essa mentalidade era o que tornava impossivel para nós, na minha juventude compreender as jovens alemãs da mesma idade: elas não podiam sentir-se enamoradas sem exaltar os seus sentimentos até os céus, e se mostravam delirantes quando conquistadas (naturalmente, na prática, tinham seus pequenos métodos artificiais para dominar seus herois). Não podiamos compreender que diante de seus olhos só eram verdadeiros homens, aqueles que ostentassem a farda ou que exibisse o rosto cicatrizado de duelos.

Serão necessários para os historiadores, etnógrafos e etnólogos, sobretudo para os médicos e alienistas, dedicar ao problema da Alemanha o mais intenso estudo, numa nova base. A nova cooperação entre a ciência histórica e patológica, entre os peritos em economia e os psiquiatras, trará provavelmente o entendimento que poderá auxiliar a vencer o ódio aos alemães — se pudermos convencer ao mundo que a massa dos alemães não "sabia o que estava fazendo", quando, com o seu caracter maníaco-depressivo e paranoico, sempre se congregava em torno de um "fuehrer" ou tinha necessidade de achar um "fuehrer". É óbvio que o povo alemão não

é uma raça, formando apenas um grupo étnico que tem vivido sobre as imutaveis e historicamente determinadas condições, um grande número de famílias que se misturaram em relações sexuais legítimas ou ilegítimas. E parece que doentias e fatais heranças raciais contribuiram para tornar ainda mais estranha a origem desse desse grupo étnico.

Naturalmente, os alemães querem provar que são um povo nórdico, baseando-se no fato de que a Alemanha foi habitada, em épocas remotas, alem das tribus célticas, eslavas e alpinas, por um certo número de tribus que mais tarde se denominaram germânicas.

Porque a população dos paises escandinavos têm tambem tribus germânicas, como seus antepassados, os alemães tentaram persuadir-se, assim como a nós, que somos racialmente aparentados e que este suposto parentesco, poderia tornar mais facil e mais natural um entendimento mútuo. E' possivel que as experiências mais recentes na Noruega e Dinamarca tenham convencido que tudo não passava de um engano. Transcorreram quasi dois mil anos desde que os seus e os nossos ancestrais "germânicos" tomaram rumos opostos, para sempre, para se fixarem permanentemente em duas regiões da Europa, completamente separadas. Contam os historiadores que durante um século passam três gerações (antigamente contava-se quatro ou cinco,. Constata-se assim, que nós e os alemães deviamos ser pri-

mos de quarenta gráus... Nessas circunstâncias, ninguem póde admitir que laços de sangue existam ainda. Apesar disso, um por cento, mais ou menos, da população noruegusa reconhecia essa imaginária afinidade, oferecendo-se, entusiasticamente, para uma colaboração com os nazistas — absoluta minoria de psicopátas e criminosos, punidos um sem número de vezes e que se mostravam ressentidos com a falta de chance para satisfazer suas ambições inconfessaveis, numa sociedade em que prevalece a lei e a ordem — fato que os psicólogos e psiquiatras terão oportunidade de fazer valiosos estudos.

As tribus germânicas não constituiam um povo nórdico. Supõe-se que, originalmente, emigraram das regiões montanhosas e das planicies da Ásia Central e da Ásia Sudoeste. As tribus que tambem foram chamadas godos estabeleceram-se ao longo do Mar do Norte e do Mar Báltico, tornando-se um povo nórdico. A proximidade do oceano e a necessidade de procurar nele o sustento da vida abrandavam a sua natureza selvagem, mais talvez que qualquer outro fator. Não se póde estranhar que nós e os alemães sejamos tão diferentes como nações.

Talvez não seja impossivel que, apesar de tudo, são os elementos germânicos, no amalgama dos povos alemães, os que mais contribuiram para a formação de suas características. As tribus germânicas — no território que forma agora a Alemanha — viviam nas sombrias e pantanosas florestas, às mar-

gens dos rios. Mas para povos primitivos e selvagens, como eram os alemães (ao tempo de sua fixação na Europa) a floresta significava um cenário aterrorizante, e impregnádo de estranhos mistérios — não como o oceano que era um inimigo duro mas honrado e um amigo muito generoso. Na floresta o indivíduo sente-se perdido; o medo extingue sua coragem. Para vencer a floresta um homem deve juntar-se a muitos outros e formar grupos. A mentalidade da horda, sua crueldade, é ainda um reflexo dessa covardia individual. Mas isso tudo não será um fenômeno peculiarmente alemão.

Mas em parte alguma do mundo assim chamado civilizado, os psicólogos e os alienistas encontrarão um campo de atividade tão vasto para estudar a natureza da mentalidade da massa e seu poder desagregador na sociedade humana. Aqui podemos explicar o fenômeno do flautista de Hamlin. O antigo preconceito alemão de que a brutalidade e crueldade são um método pelo qual as hordas irresponsaveis conseguem alcançar tudo o que cobiçarem, pode ser considerada uma herança desses primitivos germânicos que investiam da prisão das florestas contra as propriedades alheias, preferindo conquistar o fruto do trabalho de outrem à transformação gradual de seus domínios em uma sociedade de homens livres. E esse sonho prosseguiu durante o êxodo dos povos para a formação de pequenos e efêmeros Estados; durante a Idade Média e o período

da Reforma para a creação dos pequenos reinos alemães; na fase do famoso Drang nach Osten e Drang nach Westen, refletindo-se na política das conquistas dos Hohenzollerns, desde os dias de Frederico, O Grande, até Guilherme II, para culminar, finalmente, nesta delirante adesão da juventude alemã às promessas deste homem tão pouco nórdico como Adolf Hitler, de dominação do mundo e de pilhagem universal.

Cabe agora aos etnólogos e etnógrafos, mas antes de tudo aos médicos e alienistas, examinar a fundo esses fatores: a herança racial, a constituição física, os meios de subsistência, a educação, os costumes, o sólo e as condições climáticas, tudo isso que hoje forma o que chamamos Deutschtum.

A significação de tal obra de investigação sobre o material humano alemão, seria entre outras coisas, de inestimavel auxílio para compreender as forças reacionárias e destruidoras nos povos que impedem o estabelecimento de condições de vida mais seguras e mais livres no seio de todas as nações. Por estes processos, a ciência relativamente nova que é a higiene mental faria enormes progresso.

Não esposo a opinião de que os médicos sejam pessoas mais infaliveis do que as outras ou que a felicidade fundamental e a prosperidade da humanidade, fiquem asseguradas, ainda que a ciência médica seja capaz de prevenir que esses psicopátas, paranoicos, impotentes sexuais e esse rebanho de ma-

níacos-depressivos, incapazes de sentimentos humanitários, sejam como "amoks", livremente, estabelecendo pânico onde quer que atuem em larga escala. Mas si for possivel fazer o diagnóstico dos Hitlers, Goerings e Goebbelses, antes que a sua formação se completasse, submetê-los a um controle médico constante ou isolá-los, quando julgados incuraveis, então muitas catástrofes seriam evitadas. Clínicos e alienistas poderiam conquistar um grande campo de atividade em benefício da sociedade. Durante a última geração ouviamos com frequência comentários sobre o que o povo esperava do futuro e da realização de um ou outro sonho. As verdadeiras conquistas que os homens consumaram palpaveis durante os séculos jamais foram executadas pelos utopistas. O s ideais democráticos, nunca foram sonhos, mas unicamente objetivos palpaveis. Não se póde qualificar de sonhadores, os homens que tomaram os destinos das colônias americanas em suas mãos e arriscaram a existência e a prosperidade dessas colonias em uma tentativa bem sucedida para assegurar-lhes liberdade que, em seu modo de pensar, era indispensavel. Não eram infaliveis estes fundadores dos Estados Unidos e igualmente de uma formação moral variada, mas Deus é testemunha de que nunca poderiam ser cognominados meros utopistas. Nem foram sonhadores os nossos "Paes de Eidsvoll", que lançaram à sorte, a prosperidade da Noruega, na luta pela existência do país como um rei-

no independente e que o presentearam com uma constituição tão livre como nenhum outro país poderia orgulhar-se de possuir, naquele tempo. Nós que nos contamos entre seus descendentes espirituais seremos tambem forçados a decidir — após uma consulta minuciosa à nossa conciência — quais os caminhos que trilharemos para atingir o nosso alvo e aquele traçado pelos nossos antepassados. Precisaremos coragem, visão lúcida, e ânimo forte para vencer os obstáculos. Precisaremos coragem, coragem, muita coragem. Coragem para descobrir as dificuldades, coragem para o desprezo de todo o platonismo em um mundo onde a honra e a magnanimidade são tão raras e onde a hipocrisia é o meio mais facil para esquivar-se aos apelos da moralidade. Coragem de fazer face à dificuldade e coragem diante do sucesso. Nunca repousaremos após uma vitória por maior que seja; jamais nos deixaremos vencer pela ilusão de que a batalha esteja definitivamente conquistada.

Finalmente, não sonhemos demais. Tenhamos o senso das realidades atormentadoras do nosso mundo. O caminho rumo ao nosso ideal supremo será trilhado unicamente pela nossa vontade, mercê de um incansavel, paciente e corajoso esforço.